

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUILHERME FLORIANI SACCOMORI

**GUERREIROS E BATALHAS NA MIRA DE JEAN FROISSART (1337-1405):
CENÁRIO EM TRANSFORMAÇÃO.**

**CURITIBA
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GUILHERME FLORIANI SACCOMORI

**GUERREIROS E BATALHAS NA MIRA DE JEAN FROISSART (1337-1405):
CENÁRIO EM TRANSFORMAÇÃO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientadora: Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães.

**CURITIBA
2015**




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br **Website:** www.poshistoria.ufpr.br


PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **GUILHERME FLORIANI SACCOMORI**, intitulada: **Guerreiros e batalhas na mira de Jean Froissart (1337-1405): Cenário em transformação**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, sete de maio de dois mil e quinze.


Profa Dra Marcella Lopes Guimarães (orientadora)
Presidente da Banca Examinadora


Profa Dra Renata Cristina de Sousa Nascimento (UFG)
1º Examinador


Prof. Dr. Fabiano Fernandes (UNIFESP)
2º Examinador

Aos meus irmão Felipe e Eduardo, companheiros da minha vida

Agradecimentos

Este pequeno espaço dedico a todos que fizeram parte da minha caminhada, seja ela pessoal ou acadêmica. Gostaria de agradecer aos professores de toda a minha vida que me auxiliaram a ser a pessoa que sou hoje, passando seus conhecimentos e incentivando meu desenvolvimento. Sobretudo, à Professora Marcella Lopes Guimarães, pedra fundamental deste trabalho, que não mediu esforços para me auxiliar em todos os momentos, se dedicando ao meu trabalho de maneira exemplar. Também ao professor Peter Ainsworth, que me assistiu da Inglaterra e cujo trabalho possibilitou o enriquecimento da minha pesquisa.

À banca de qualificação, que tive a honra de ter como professores, Renan e Fátima, mas também à banca da defesa dessa dissertação, Renata e Fabiano. Também à Maria Cristina, pelo auxílio sempre que requisitada.

Aos meus amigos, que sempre se solidarizaram comigo e com os quais tive a honra de dividir momentos inesquecíveis, em especial ao Jonathan e à Vanessa pela constante presença e auxílio nesses dois anos. Também aos meus colegas de trabalho da Fisk, bem como aos alunos.

À Capes e ao Cnpq, que financiaram meu trabalho, permitindo pesquisar o que mais gosto e entregar este trabalho como resultado.

À minha família, grande em tamanho e em carinho, sempre presente na minha vida, e refúgio nos momentos difíceis. À minha mãe principalmente, pessoa exemplar, que possibilitou que meu sonho se tornasse realidade. E aos meus irmão Felipe e Eduardo, a quem amo muito.

“Nós os ensinamos para poder recordar seus grandes feitos, nós os dotamos de glória nesse mundo.”

Jean Froissart

Sumário

Resumo.....	1
Abstract.....	2
Introdução	3
Capítulo 1 – Jean Froissart: aproximações com o cronista.....	8
1.1 - A obra cronística de Jean Froissart.....	8
1.2 - Prólogos do Livro I.....	13
1.3 - Relações, semelhanças e diferenças entre Jean le Bel e Jean Froissart.....	21
1.3.1 - O “Mestre Jean le Bel”.....	23
1.3.2 - Os testemunhos orais.....	36
1.3.3 - O papel dos cronistas.....	38
Capítulo 2 – Froissart narra o seu tempo: os reis e guerreiros da Inglaterra.....	41
2.1 - A Dinastia dos Plantageneta - crise política e imagens.....	42
2.2 - As representações de Eduardo I e Eduardo II.....	46
2.3 - Eduardo III: restauração e nova energia para a guerra.....	51
2.4 - As maneiras de guerrear: uma época de transições.....	61
Capítulo 3 - O teatro: as campanhas militares de 1346 e 1356.....	76
3.1 – Ato I – A Marcha até Crécy (1346).....	76
3.2 – Ato II – A Batalha de Crécy (1346).....	91
3.3 – Ato III – A Batalha de Poitiers (1356).....	104
Conclusão.....	112
Bibliografia.....	116
Anexos.....	119

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender as transformações dentro da cultura cavaleiresca medieval e dos diversos agentes dos combates envolvidos, focando principalmente no conflito franco-inglês da Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453). Para isso, foram analisadas as obras do cronista Jean Froissart (c. 1337 – c. 1405) concentrando-se principalmente nos relatos onde a instituição cavaleiresca, encabeçada por um líder militar, apresenta sinais de reinvenção. Primeiramente, apresentamos o cronista e quais as principais características de suas obras. Posteriormente, adentramos numa reflexão sobre o contexto e os personagens que compõem nosso trabalho, focando no reino da Inglaterra da Baixa Idade Média. Por fim, analisamos os combates de Crécy (1346) e Poitiers (1356) onde Jean Froissart compôs um relato que aponta para as transformações nos modos de combate. Dessa maneira, apresentamos os reflexos da instituição cavaleiresca e sua adaptação dentro das transformações do século XIV e o papel do rei no seio destes eventos.

Palavras-chave: Cavalaria – Guerra dos Cem Anos – Jean Froissart

Abstract: The aim of this work is to comprehend the transformations in the chivalric culture and the diversity of combat agents involved in it, focusing mainly in the Hundred Years War conflict (1337 – 1453). For this, the work of Jean Froissart (c. 1337 – c. 1405) was analyzed with special concentration in the reports where the chivalric institution, headed by a military leader, shows signs of reinvention. At first, we will present the chronicler and what are the main characteristics of his work. Later, we entered in a discussion about the context and the persons that compose our work, focusing on the English Kingdom at the Late Middle Ages. Finally, we analyzed the battles of Crécy (1346) and Poitiers (1356) where Jean Froissart wrote a report the points to the transformations of the ways of combat. Therefore, we showed the responses of the chivalric institution and its adaptation inside the transformations of the 14th century and the role of the king in the midst of these events.

Keywords: Chivalry – Hundred Years War – Jean Froissart

Introdução

Aos poucos a cortina se abre e exhibe o palco que havia guardado. Nele entra um homem vestindo uma batina, ao que supomos ser um clérigo. Em uma das mãos ele traz um lápis de carvão, em outra, alguns pergaminhos, e caminha na direção do centro do palco. Ao chegar lá, vemos outro homem, vestido com armadura de ferro e espada embainhada. Ele retira seu elmo e o clérigo se aproxima dele. Cumprimentam-se. O guerreiro começa a proferir palavras em uma língua estrangeira, mas a qual o clérigo parece entender. Em seguida, este desenrola um de seus pergaminhos e com seu lápis começa a traçar letras e símbolos que formam abreviações de palavras. O clérigo escuta atentamente o que o guerreiro diz e movimenta seu braço rapidamente, como se não quisesse perder uma só palavra daquilo que lhe narrava seu interlocutor.

Mais uma pessoa se dirige agora aos personagens. Está caracterizado de forma mais humilde. Ela começa a conversar com o clérigo, que continua sua batalha com as palavras. Mais um guerreiro se aproxima, e junto dele mais uma pessoa, trajando vestimentas de um clérigo, falando todos línguas diferentes. Novas pessoas assomam, das mais diversas origens sociais, enquanto outras, com ar de quem já deram por encerrada sua entrevista, levantam-se e vão embora. Por fim, o clérigo fica sozinho, recolhe seu material e sai.

Um novo cenário branco cai e o clérigo agora fica posicionado no lado do palco. Senta-se diante de uma escrivaninha, molha uma pena em tinta azul e a direciona a um livro sobre o qual movimenta sua mão a fim de dar forma a palavras. Agora o palco se enche de luz, o cenário branco se enche de palavras manuscritas e ouvimos um narrador que fala em francês com sotaque da região Hainaut:

Affin que hounourables avenues, et nobles aventures, faictes en armes, lesquelles sont avenues par les guerres de France et d'Angleterre, soient noblement registrees et mises en memoire perpetuel, par quoy les preux aient exemple d'eulx encoragier en bien faisant, je vueil traitier et recorder histoire et matiere de grant louenge.¹

Cavaleiros entram pelos dois lados do palco e se chocam uns com os outros. Arqueiros surgem do lado direito e lançam seus projéteis sobre um grupo de

¹ “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol.1r, reproduction in Ainsworth, Peter, and Godfried Croenen, ed., *The Online Froissart*, version 1.5 (Sheffield: HRIOnline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 24 de Abril de 2014].

combatentes que vêm na direção oposta. Barulho de ferro batendo, patas de cavalo e gritos tomam conta do ambiente. Vemos dois cavaleiros, um de cada lado, em armaduras reluzentes e montados em cavalos da melhor raça. Atrás de cada um um porta-estandarte carrega uma auriflama. O da esquerda, flores-de-liz douradas sobre um campo azul. O da direita, dividido em quatro partes, em que diagonalmente apresentavam dois espaços com leões dourados sobre uma superfície vermelha, e os outros dois, flores-de-lis douradas num espaço azul. São reis, da França e Inglaterra, respectivamente.

Enquanto o palco é tomado pelo caos, o clérigo continua a rabiscar em seu livro. Os reis empinam seus cavalos, sacam suas espadas e dirigem-se à parte da frente do palco para duelar contra outros cavaleiros, na mais alta qualidade de movimentos e manobras. Aos poucos, os personagens da parte posterior vão se retirando, uns arrastados pelos companheiros, outros se esforçando para chegar até a lateral. Mas os cavaleiros seguem combatendo, com tinta vermelha salpicada em suas armaduras. Em determinado momento, seus duelos se encerram. Embora aparentemente feridos, saem vagarosamente pelas laterais. Uns cambaleiam, mas não se deixam abalar pelo sofrimento de seus corpos. Mesmo que precisassem se esforçar imensamente para isso, eles não cedem ao chão. Estão contundidos, mas persistem até a saída, junto do fechar das cortinas.

Essa breve cena dramatiza o universo documentado de nossa pesquisa. O clérigo é Jean Froissart (c. 1337 – c. 1405), cronista medieval que experienciou em vida um pedaço da Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453), e que tentou reproduzir os eventos e seus personagens por meio de crônicas. De acordo com Marcella Lopes Guimarães, as crônicas do período tardo-medieval são narrativas que seguem a tradição literária cristã e tentam em retratar a verdade.² Dentro das crônicas de Jean Froissart, os personagens são dos mais diversificados: cavaleiros, reis, mercenários, camponeses, burgueses... enfim, os muitos indivíduos que estão inseridos dentro do período da Baixa Idade Média. No entanto, o que Froissart focaliza, e com isso nos remetemos ao cenário anterior em que os nobres duelavam na frente do palco, seria os grandes combates e

² GUIMARÃES, Marcella Lopes . *Crônica de um gênero histórico*. Revista Diálogos Mediterrânicos, v. 1, 2012. P. 70.

duelos que comporiam o código, e também o imaginário, da cavalaria medieval, de onde tantos heróis surgiam.

Sendo a crônica concebida como uma ferramenta literária que visa, em geral, legitimar ou promover a figura pela qual foi concebida, ou até mesmo para que os indivíduos ali descritos sirvam como modelo para a sociedade³, traçamos nosso objetivo: dentro desse período, marcado pela bibliografia histórica como um período de crises, um momento de transformação do mundo feudal no Ocidente Latino, onde se encaixa o rei e a instituição cavaleiresca à qual ele representa, também parte das relações feudais? Nesse trabalho, procuraremos iluminar a diversidade do teatro da guerra trazendo à cena os personagens que nela atuaram, sua cultura, costumes e representações e, assim, entender como dentro de uma cena da guerra, nesse caso, nas batalhas desse período, como se comportam os agente defensores (os *bellatores*), ou seja, a interação entre o rei e os outros atores sob o foco de Jean Froissart. Para atingir nosso objetivo, observaremos a figura do rei inglês Eduardo III e sua relação com os guerreiros que comanda, e apreender dessa maneira as transformações no campo militar que tocam em questões sociais e culturais. Em suma, iremos apresentar os reflexos da instituição cavaleiresca e sua adaptação dentro das transformações do século XIV e o papel do rei no seio destes eventos.

De modo a conseguirmos esses resultados, primeiramente buscaremos qualificar nossas fontes. As crônicas de Froissart das quais trataremos serão apresentadas no primeiro capítulo, onde desvendaremos o narrador e sua obra. A intenção de escolher o cronista Jean Froissart foi pela importância que seus escritos têm na representação do ambiente da Guerra dos Cem Anos, e por seu objetivo em escrever para cavaleiros e inspirá-los, de forma que poderemos apreender os posicionamentos e visões sobre a instituição cavaleiresca. Para isso, a obra cronística de Froissart escolhida foi a primeira versão de suas crônicas, conhecida como Livro I, concluída por volta de 1373.

Ainda, a expressividade e as representações dessa temática pelo cronista podem nos dar importantes pistas sobre seu tempo, bem como sobre o ambiente dos homens que com ele viveram. Apresentaremos inclusive as maneiras com que Froissart qualificou sua obra e uma interpolação com o cronista Jean le Bel, que serviu de inspiração para nosso narrador. Para Froissart, basear-se nesses relatos era reconhecer a voz de autoridade de Le Bel, um dos critérios de verdade e legitimidade de sua obra.

³ *Idem, Ibidem.*

Froissart também se apoiou muito na questão do testemunho e entrevistou diversas pessoas presentes nos eventos aos quais ele se remeterá, seguindo uma tradição histórica que pode ser remontada a Heródoto que valoriza o testemunho como forma de se narrar a História.

Num segundo momento, trataremos dos personagens e do palco em que estão inseridos. Buscaremos apresentar principalmente a figura composta por Froissart de Eduardo III da Inglaterra (1312 -1377) e as visões do cronista em relação à sua figura cavaleiresca e sua relação com os outros personagens da guerra: arqueiros, guerreiros-de-armas e cavaleiros. Apontaremos o momento de conflito para o modelo de cavalaria a partir dos novos modos de se combater e das necessidades de mudanças nas táticas de guerra, bem como assinalaremos o surgimento de personagens adjuvantes, como corpos de mercenários exemplificados pelos arqueiros.

Num terceiro momento, trataremos da ação: as campanhas no início da Guerra dos Cem Anos que marcaram o choque de culturas de guerra dentro do Ocidente Latino, e que foram apresentadas por Froissart em seu Livro I. Nosso foco é o conflito entre, principalmente, os reinos ingleses e franceses conhecido como Batalha de Crécy (1346), pois este foi um dos primeiros eventos de grandes proporções no qual a cavalaria enfrentaria alterações no seu papel, e seus ideias se chocariam principalmente na questão que trata do modo de se obter a vitória. Também, apresentaremos o conflito ocorrido em Poitiers (1356), onde novamente esse embate estaria presente, porém com estratégias diferentes e alterações iniciais para enfrentar os conflitos culturais que foram marcados dez anos antes. Ao longo de todo o trabalho, recorreremos a outras batalhas e campanhas, mas nosso foco será, sobretudo, nos relatos de Jean Froissart a respeito dessas duas batalhas. Embora a versão que utilizaremos para efetivar nossa pesquisa e onde os eventos de Crécy e Poitiers estão presentes seja a primeira do Livro I, poderemos recorrer às outras versões para apontar algumas mudanças.

Propomo-nos, ao longo do trabalho, o desafio de dialogar com nossa fonte constantemente para podermos abordar os assuntos centrais de cada capítulo. Assim, optamos por realizar também a tradução dessas passagens para dar sequência linguística em nosso trabalho. Do mesmo modo, procuramos realizar a tradução de outras passagens para melhor adequar ao leitor. Evitando-se o perigo de perder informações nesse processo, procuramos disponibilizar todas as citações na língua de partida em nota de rodapé. No entanto, quando o propósito da análise forem questões de escrita e estilo,

optamos por deixar o trecho no original no corpo do texto para atender ao objetivo de tal investigação (e esses momentos serão apontados).

As fontes reunidas para análise neste trabalho foram obtidas graças ao esforço coordenado por Peter Ainswoth e Godfried Croenen que reuniram as diversas crônicas de Jean Froissart em um site dedicado especialmente para estudos a respeito do cronista⁴. O site conta com transcrições disponíveis online de várias versões da obra de Froissart, bem como de traduções de alguns trechos. Graças a esse trabalho, foi possível ter acesso às fontes de maneira rápida e eficiente, possibilitando cruzamento de informações e comparações entre as diferentes versões. Dessa maneira, iremos expandir um pouco mais as análises a respeito das crônicas sob o foco da guerra e tentar identificar a ação dos diversos personagens dentro desta narrativa.

A breve peça apresentada no início não faz jus ao trabalho de Froissart. No entanto, situa-nos dentro do ambiente dessa pesquisa, apresenta suas características fundamentais e dá pistas sobre nosso estudo. Essa peça poderia ser encenada de várias maneiras, pois Froissart nos legou uma obra dotada de emoções e interpretações que a tornam ainda mais rica e significativa para questões que se renovam nos estudos medievais.

⁴ <http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/>

Capítulo 1 – Jean Froissart: aproximações de análise com o cronista

1.1 - A obra cronística de Jean Froissart

Embora seja difícil precisar a data, o ano provável do nascimento do cronista Jean Froissart é 1337⁵, o mesmo ano em que o rei Eduardo III da Inglaterra reivindica o trono francês, dando início ao conflito conhecido na historiografia por Guerra dos Cem Anos. Nasceu no condado de Hainaut, região francófona, mas que naquele tempo era aliada do reino da Inglaterra.⁶ Pouco se sabe sobre a infância do cronista, mas em muitos de seus poemas, dá pistas sobre sua biografia. Sua família pertencia à burguesia mercante, ao que o cronista indica em seus poemas *Joli Buisson de Jeunesse* e *Dit du Florin*. Ainda, seus poemas apontam que foi à escola, teve uma infância comum com outras crianças, estudou latim com doze anos e se tornou um clérigo.⁷ Atravessou o Canal da Mancha no ano de 1361, junto com reféns que negociariam os termos do tratado de Brétigny (1360).

Ao chegar à corte de Filipa de Hainaut, sua conterrânea, no ano de 1362, Froissart a presenteou com uma crônica em verso, que seria o primeiro esboço do Livro I de suas crônicas, tratando dos eventos de 1307 até então. Os manuscritos dessa crônica aparentemente foram perdidos, mas sabemos de sua existência uma vez que ele mesmo relata no Prólogo da primeira versão de seu “Livro I” que este presente foi dado à rainha.

Esse trabalho eu fiz com bastante dedicação, meu estudo oriundo da escola, a compor e a rimar as guerras ditas anteriormente e levar à Inglaterra um livro compilado, bem como o fiz, e o presente-ei à mais alta e nobre dama, Filipa de Hainaut, rainha da Inglaterra, que

⁵ Michel Zink discorre sobre trechos de obras de Jean Froissart nos quais ele diz qual é sua idade. No entanto, o próprio cronista diverge quanto a sua idade. No Livro III, Froissart atesta que “*Car sachiéz que sus l’an de Grace mil IIIC IIIIXX et X je y avoie labouré XXXVII ans, et a ce jour je avoye d’aage LVIIans*”(Besançon 865 fol. 346v) , e no prólogo do Livro IV, “*Et pour vous informer de la verité, je commençay jeune de l’eage de XX ans. Et je suis venu au monde avecq les fais et advenues.*” (London Harley 4379-4380 fol. 3v). Essa última passagem, para Zink, atesta melhor a data de nascimento, pois Froissart começou a escrever suas crônicas logo após a batalha de Poitiers (1356), quando ele mesmo confirma que tinha idade suficiente para saber dos fatos. Dessa maneira, opta pela data de 1337. ZINK, Michael. *Froissart et le temps*. Paris: P.U.F, 1998. P. 14-16.

⁶ *Idem*, P. 5.

⁷ *Idem*, P. 6.

docemente e de boa vontade o recebeu de mim e muito me beneficiou.⁸

É possível que alguns desses manuscritos ainda existam. Dois documentos foram encontrados e identificados como possíveis fontes do que tratamos, porém, mesmo que ambos sejam similares, demonstrando que esses fragmentos foram copiados a partir de um mesmo documento, não há evidências de que esse texto teve qualquer circulação na Inglaterra, como teriam posteriormente as crônicas em prosa.⁹

O cronista, a partir de então, deixa os versos de lado para escrever suas crônicas, e, assim, iniciou a escrita em prosa. Segundo Peter Ainsworth, diferentemente de como preferiam os cronistas anos antes,

Por volta do início e da metade do século XIV, a prosa estava se tornando reconhecida como o veículo de se relatar a verdade mais confiável. O verso era mais do que aceitado para a literatura biográfica, mas não era mais apropriado para narrar o passado com qualquer traço de precisão ou integridade.¹⁰

Jean le Bel, cronista contemporâneo a Jean Froissart, argumentava que cronistas que redigiam relatos históricos em poesia eram mais inclinados a distorcer a verdade para a obtenção de uma estilística embelezada pela rima. Froissart, durante toda sua vida, foi tão conhecido como poeta, quanto como romancista e como cronista, mas nos prólogos de seu Livro I, aponta que seguiria os passos da obra de Le Bel, e

⁸ *“Si emprins je asséz hardiement, moy yssu de l’escolle, a dittier et a rimer les guerres dessus dites et porter en Angleterre le livre tout compilé, si comme je le fis, et le presentay adont a treshaute et tresnoble dame, dame Phelippe de Haynault, royne d’Angleterre, qui doucement et lieement le receut de moy et me fist grant profit”*. “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol.1v.

⁹ CROENEN, Godfried. *The reception of Froissart’s Writings in England: the evidence of the manuscripts*. In: Jocelyn Wogan-Browne, *Language and Culture in Medieval Britain THE FRENCH OF ENGLAND c.1100–c.1500*. York: Medieval Press, 2009. P. 412.

¹⁰ *“By the early- to mid-fourteenth century, prose was becoming recognised as the most reliable vehicle for truth-telling. Verse was more than acceptable for literary biography but no longer appropriate for recording the past with any semblance of accuracy or integrity”*. AINSWORTH, Peter. *Jean Froissart: Chronicler, Poet and Writer*. Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, v. 1.5 (Sheffield: HRIOOnline, 2013), acesso em 15/09/2014.

<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/apparatus.jsp?type=intros&intro=f.intros.PFA-Froissart>, primeiramente publicado em v. 1.0 (2010), atualizado na v. 1.5 (2013). Acesso em 24/04/2014.

possivelmente convencido sobre a argumentação deste a respeito da poesia, deu início a redação em prosa do que seriam suas crônicas.

Enquanto vivia na proteção da corte inglesa, Froissart escrevia seus poemas para entreter a corte¹¹, mas também foi tratado como cronista oficial pelos lugares por onde viajou – Escócia, Aquitânia, Países Baixos, Gales e províncias italianas¹². Ao retornar de Milão, em 1369, foi informado da morte de Phillipa, e com isso, o cronista regressou à sua região natal, sob o provável patronato de Wenceslau de Brabante, onde terminou, por volta de 1373, a primeira versão do Livro I (para Siméon Luce, “versão A”¹³), encomendada por Robert de Namur e a ele dedicada. Robert era casado com Isabela de Hainaut, irmã da rainha da Inglaterra Filipa de Hainaut. Robert esteve presente em campanhas junto de Eduardo III, como no cerco de Calais (1346). Sendo este seu senhor, Froissart poderia continuar seus elogios aos feitos do rei inglês e seus cavaleiros, enquanto honrava o nome de Filipa junto a alguém próximo dela. O Livro I de Jean Froissart trata do

grande conflito dinástico entre os reis de Inglaterra e França e seus respectivos aliados. Essa é uma guerra de incursões militares [ou chevauchées], pilhagem e cercos, pontuada por poucas batalhas campais em que os vencedores são frequentemente os brilhantes capitães de Eduardo III, habilmente apoiados por arqueiros galeses ou de Cheshire, (Sluys em 1340, Crécy em 1346 e Poitiers em 1356)¹⁴.

Essa crônica é baseada em sua essência naquela versão anteriormente entregue à rainha Filipa, mas agora incorporando também os anos da década de 1360 e início da década de 1370.

O período em que esteve na região de Hainaut, para Michael Zink, foi um período de intensa criatividade¹⁵, pois além de finalizar o Livro I, fez sua primeira

¹¹ BARBER, Richard. *Edward III and the Triumph...* Op, Cit. P. 10

¹² ZINK, Michael. *Froissart et le temps*. Paris: P.U.F, 1998. P. 8

¹³ Um exemplo é o manuscrito de “Besançon BM ms. 864”, disponível no site *Online Froissart*.

¹⁴ “great dynastic conflict between the kings of England and France and their respective allies. This is a war of military incursions (‘chevauchées’), pillaging and sieges, punctuated by just a few pitched battles in which the victors are most often Edward III’s brilliant captains, ably supported by Welsh or Cheshire archers (Sluys em 1340, Crécy in 1346 and Poitiers in 1356)” AINSWORTH, Peter. *Jean Froissart: Chronicler, ... Op. Cit.*

¹⁵ ZINK, Michael. *Froissart et le temps...* Op. Cit. P. 10

revisão e inclusão a partir de novos relatos que coletou, concluídos em 1378. Essa versão, classificada por Siméon Luce como “Versão B”¹⁶, também possui uma outra, divergente, que é classificada como “Manuscrito de Amiens”¹⁷. Este manuscrito inclui trechos da “versão A” e da “versão B”, mas com algumas passagens que não pertencem a nenhuma delas. No entanto, não parece ser uma nova versão das crônicas, mas sim um manuscrito oriundo dessa revisão feita por Jean Froissart.¹⁸

Devido à extensa quantidade de manuscritos que seriam incluídos dentro do então Livro I, Froissart preferiu retirar os capítulos finais e conceber o “Livro II”. Esse, por sua vez, retrata o conflito entre Luís, conde de Flandres e a cidade e tecelões de Ghent. A narrativa foi composta entre 1378 e 1385, e desse conflito, Froissart foi testemunha de vários acontecimentos.

O livro II provê o leitor de uma narrativa [...] na qual os nobres falham em governar, enquanto a imaginação, a energia e talento são a preservação ostensiva das classes médias urbanas da cidade de Ghent e de seus líderes.¹⁹

A partir de 1382 Froissart estava sob patronato de Guy de Châtillon, conde de Blois, e graças ao forte apoio do nobre, Froissart iniciou uma nova jornada até Orthez, na corte de Gaston Fébus, conde de Foix-Béarn. Escreveria então seu “Livro III” entre 1389 e 1391, que trataria do conflito entre Castela e Portugal e seus aliados Franceses e Ingleses. Nas diversas cortes por onde passava coletava relatos como das batalhas de Aljubarrota e Trancoso, e sobre o conflito castelhano-português. Como Marcella Lopes Guimarães nos aponta: “*O cronista entrevistou diversos personagens em cortes principescas e, depois de escutar os participantes de tantas lides, fazia anotações subsequentes para não perder detalhes*”²⁰.

¹⁶Essa versão é representada pelo manuscrito de “Paris BnF f fr mss 6477-79”, disponível no site *Online Froissart*.

¹⁷ Amiens BM, ms. 486, disponível no site *Online Froissart*.

¹⁸ Ainda há debates e estudos a respeito desse manuscrito que não se encaixa nas versões apontadas por Siméon Luce. AINSWORTH, Peter. *Jean Froissart: Chronicler, ... Op. Cit.*

¹⁹ “*Book II provides the reader with a narrative [...] in which nobles fail to govern, while imagination, energy and flair are the ostensible preserve of the urban middle classes of Ghent and of their leaders.*” AINSWORTH, Peter. *Jean Froissart: Chronicler, ... Op. Cit.*

²⁰ GUIMARÃES, Marcella Lopes. “*Aljubarrota e as vozes que fundam a lembrança*” in GUIMARÃES, Marcella Lopes (org). *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais*. Curitiba: Editora UFPR, 2013. p. 135

Entretanto, após a conclusão do referido livro, o cronista redigiu nova versão que possuiria novos trechos a partir das informações coletadas com o cavaleiro e diplomata português João Fernandes Pacheco, que lhe disponibilizaria uma visão mais equilibrada de ambos os lados, português e castelhano.

A redação do Livro III apontaria para uma nova fase da escrita de Froissart, uma vez que suas crônicas teriam agora uma característica mais poética que as anteriores. O cronista se tornou mais crítico e se utilizava de estilos de linguagem, como metáforas e metonímias, para refinar sua escrita. Também, sua estilística muda de um narrador indireto dos eventos para um que parece relatar suas memórias nas crônicas. Para Zink, “*Nós vemos agora as Crônicas combinarem ao tempo da história um tempo propriamente poético, o tempo da narrativa e o tempo da memória*”²¹.

Em 1392, o cronista muda novamente de patrono, uma vez que Guy de Châtillon estava arruinado e vendera seu condado de Blois para Luís de Tournaine. Froissart seria marcado profundamente pela ruína de Guy de Châtillon, alguém que também não tinha mais como dar apoio financeiro ao cronista para que pudesse continuar escrevendo suas crônicas. Para Zink, Froissart ficaria “*(...) chocado por essa falta de código de conduta dos príncipes*”²². Dessa maneira, ligou-se a patronos em Hainaut, como Albrecht da Bavaria e seu filho e herdeiro William Ostrevant.²³

Em 1395, fez sua última jornada para a Inglaterra, mas não teve a mesma recepção na corte de Ricardo II, neto da rainha Fillipa, “*Tudo havia mudado e praticamente todos os seus antigos amigos ingleses haviam se ido*”²⁴. Voltando a Hainaut, onde ficou seus últimos dias, terminou o “Livro IV”, que trata do “*reinado e da doença mental de Carlos VI e dos últimos dias do turbulento governo de Ricardo II*”²⁵.

Ainda antes de morrer, fez uma nova reescrita do Livro I²⁶, conhecida como a “terceira redação”, com a qual “*ele parece dar uma expressão indireta, e por vezes explícita a seus medos pela sobrevivência da Proeza em um país que havia*

²¹ “*On voit alors les Chroniques combiner au temps de l’histoire un temps proprement poétique, le temps du récit et le temps de la mémoire*”. ZINK, Michael. *Froissart et le temps... Op. Cit.* P. 17.

²² “*(...) choqué par ce manquement au code de conduite des princes*” *Idem*, p. 13.

²³ AINSWORTH, Peter. *Jean Froissart: Chronicler, ... Op. Cit.*

²⁴ “*All has changed, and practically all of his former English friends have gone*” *Idem, Ibidem*.

²⁵ “*Reign and mental illness of Charles VI and the last days of Richard II’s troubled rule*” *Idem, Ibidem*.

²⁶ Versão representada pelo manuscrito “Città del Vaticano Reg. lat. 869”, disponível no site *Froissart Online*.

*testemunhado há pouco a deposição e homicídio de seu ungido senhor*²⁷. Esta versão era mais curta que as anteriores, e de acordo com sua opinião, foi fruto de uma melhor reflexão dos fatos e apresenta mais sua própria opinião do que havia feito nas precedentes. Ainda, apresenta uma versão de Eduardo III de como ele era visto 30 anos após ter morrido.²⁸Froissart faleceu por volta do ano 1404 em Chimay, Hainaut, onde era cônego.²⁹

1.2 - Prólogos do Livro I

Froissart sempre escrevia um prólogo em seus livros onde estabelecia os objetivos de sua escrita. Por diversas vezes mudou alguns aspectos da redação conforme entrevistava mais testemunhas dos eventos e ouvia outras histórias a respeito deles. Nesse espaço, vamos apontar os principais aspectos dos prólogos das diversas versões do Livro I, pois este englobaria desde suas primeiras redações cronísticas até a última, já que sua primeira obra em prosa foi o Livro I, sendo que sua última foi uma terceira redação do mesmo. Com isso, poderemos verificar de que forma esses prólogos e as visões de Jean Froissart mudavam em relação ao que ele redigia, que aspectos permaneciam e os que não eram mais importantes a serem elencados. Para Peter Ainsworth, essa comparação possibilita aos estudiosos apreender os diferentes tratamentos do mesmo episódio a partir de múltiplas testemunhas³⁰, bem como de diferentes interpretações do cronista.

Por meio da ferramenta de comparação disponibilizada pelo site *Froissart Online*, selecionamos as 4 versões mencionadas anteriormente para analisar seus prólogos: Versão A, Versão B, Versão de Amiens, Versão Rome. A primeira versão, aquela composta em versos e entregue à Filipa de Hainaut na chegada do cronista à Inglaterra, não será tratada nesse espaço por não haver comprovação suficiente de que ela ainda exista ou mesmo que tenha existido, nem mesmo se havia algum tipo de prólogo como nas versões subsequentes. Embora existam diversos manuscritos com algumas pequenas alterações (inclusões, alterações ou exclusões oriundas do processo

²⁷ "he seems to give indirect and sometimes overt expression to his fears for the survival of Prouesse in a country which has just witnessed the deposition and homicide of its anointed sovereign". AINSWORTH, Peter. *Jean Froissart: Chronicler, ... Op. Cit.*

²⁸ ZINK, Michael. *Froissart et... Op. Cit.* P. 12.

²⁹ *Idem, Ibidem.*

³⁰ *Idem, Ibidem.*

de escrita dos copistas), esses são os grupos de manuscritos que possuem um mesmo manuscrito original em comum³¹.

O início de todas as versões é semelhante: o objetivo de Froissart é documentar os grandes feitos de armas e suas aventuras durante o período de conflito entre França e Inglaterra. Nas versões B e Rome ainda temos o acréscimo de “... e dos reinos vizinhos”. O propósito do relato é para servir de inspiração para os corajosos homens de armas que intentem recriá-las. Christopher Allmand comenta que Froissart objetiva prover exemplos de comportamento humano da nobreza para a nobreza, mas também de moralizá-la, pois as ações cavaleirescas, embora em seu auge, segundo nosso cronista, nem sempre se mostraram do lado vencedor. Dessa forma era necessário enaltecer os atos nobres e honrosos, e denegrir atos que não se enquadrassem dentro do código da cavalaria³².

Na versão A, temos algumas peculiaridades. Apenas nessa primeira versão é onde o cronista dedica um trecho em agradecimento a Deus e à Virgem Maria “*primeiramente pela graça de Deus e da bendita e gloriosa Virgem Maria, de onde veio todo o conforto e avanço*”³³. A única versão que possui qualquer outro tipo de agradecimento religioso é a de Amiens: “*E por isso fiz esse livro, ditado e ordenado por meio da ajuda de Deus*”³⁴.

Seguindo na Versão A, Froissart discute que o conhecimento é construído assim como qualquer edifício: pedra após pedra.³⁵ Dessa maneira, para redigir suas crônicas, se apoiou nas “*Vrais Croniques outrora feitas e reunidas pelo venerável homem e discreto senhor, meu senhor Jehan le Bel, cônego de Saint Lambert de Liege*”³⁶. Froissart elogia Jean le Bel e sua dedicação em descrever com precisão e veracidade os

³¹ Embora a versão de Amiens tenha sua matriz incerta, ainda assim tem sua relevância e merece ser apontada.

³² ALLMAND, Christopher. *The War in the Fourteenth Century*. Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, v. 1.5 (Sheffield: HRIOnline, 2013), acesso em 15/09/2014. <http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/apparatus.jsp?type=intros&intro=f.intros.PFA-Froissart>, primeiramente publicado em v. 1.0 (2010), atualizado na v. 1.5 (2013). Acesso em 24/04/2014.

³³ “*premierement par la grace de Dieu, et de la benoite glorieuse Vierge Marie, dont tout confort et avancement viennent*” “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOnline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014], Fol. 1v

³⁴ *Et sour ce je ay ce livre fait, dictet et ordonnet parmy l’ayde de Dieu* Amiens 1r

³⁵ “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 1v

³⁶ “*Vraies croniques jadiz faites et rassemblees par venerable homme et discret seigneur, monseigneur Jehan le Bel, chanoine de Saint Lambert du Liege*”. *Idem*, Fol. 1v

eventos, muitos dos quais este foi testemunha. Outra passagem em que isso fica claro é: *“Para a todos os nobres corações encorajar e lhes mostrar exemplos e objetos de honra, eu Jehan Froissart começo a falar segundo o relato feito por meu senhor Jehan le Bel.”*³⁷

É sabido que na primeira redação de suas crônicas, Froissart em certas passagens copiou exatamente como Le Bel havia redigido seus relatos. Peter Ainsworth comenta que, embora hoje em dia se julgue tal feito como plágio, ao final da Idade Média isso seria uma maneira de sinalizar respeito a um autor que precedeu algum estudo³⁸. Outra justificativa para embasar suas crônicas em relatos de outras testemunhas é que a de que anteriormente à Batalha de Poitiers (1356), *“estou ainda jovem de senso e de idade”*.³⁹

O cronista assinala ainda que algumas descrições podem não ser justas com os feitos dos quais descreve. Isso pode apontar para a necessidade de uma posterior revisão e pelo aprimoramento de seu estilo de escrita: dar significado e ressaltar o real valor das proezas dos homens de armas:

Ou pode ser que este livro não é examinado e ordenado tão justamente como requer o assunto. Pois os feitos de armas, que tão estimadamente são comparados, devem ser disponibilizados e fielmente compartilhados àqueles que trabalham pela proeza.⁴⁰

Froissart defende que, para chegar o mais próximo da veracidade e significado das proezas não pretende omitir, esquecer, alterar ou resumir qualquer fato, mas promete enriquecê-los e elaborá-los onde for capaz, a partir do relato de testemunhas⁴¹.

No prólogo, Froissart delimita que os momentos a serem relatados no Livro I serão aqueles desde o nascimento de Eduardo III da Inglaterra e os momentos que se sucederam e se relacionam com os conflitos entre Inglaterra e França (início da Guerra dos Cem Anos). Com isso, apresentar os feitos de armas de pessoas nobres *“et ninobles”* que estiveram envolvidas em diversos confrontos entre os dois reinos *“por*

³⁷ *“Pour tous nobles cuers encouragier et eulx monstrier exemple et matiere d’onneur, je Jehan Froissart commence a parler après la relation faite par monseigneur Jehan le Bel”* Idem, Fol. 2r

³⁸ AINSWORTH, Peter. *Jehan Froissart: Chronicler, ... Op. Cit.*

³⁹ *“j’estoie encores jeune de sens et d’aage”* “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 1v

⁴⁰ *“Or puet estre que cest livre n’est mie examiné ne ordonné si justement que telle chose le requiert. Car fais d’armes, qui si chierement sont comparéz, doivent estre donnéz et loyaument departis a ceulx qui par prouesce y travaillent”*. Idem, Fol. 1v

⁴¹ Idem, Fol. 2r.

todas as batalhas onde estiveram, eles não foram renomados por seus melhores feitos, por terra e por mar, e se mostraram tão valentes que nós devemos tomá-los por bravos soberanos.”⁴²

Froissart confessa que uma das dificuldades que encontrou no processo de coleta de testemunhos foi que muitas pessoas entrevistadas não sabiam como ou o porquê de a guerra entre França e Inglaterra haver começado. Também por esse motivo, Froissart descreverá os momentos que julga como sendo as causas desse conflito para elucidar essa questão àqueles que lerão suas crônicas.⁴³

Seguindo nossa análise, passaremos aos pontos do manuscrito de Amiens, uma das versões da primeira revisão do Livro I. A escrita desta versão é mais direta que a precedente, e até mesmo que a Versão B, outra feita de uma revisão do Livro I. Nela, há a definição do objetivo e do embasamento nas crônicas de Le Bel sucintamente apresentado. O que diverge nesse momento da Versão A é que Froissart atesta que apenas utilizará o outro cronista como ponto de partida, mas que

Agora eu aumentei esse livro e esta história por meio de entrevistas que fiz ao viajar pelo mundo e perguntar aos homens valentes, cavaleiros e escudeiros que os ajudaram a reforçar essas histórias, a verdade desses eventos. E também a alguns reis e seus marechais, tanto na França como na Inglaterra, onde consegui com eles a verdade sobre o assunto, pois por direito, tais pessoas são observadores e narradores justos das coisas e creem que para sua honra não ousariam mentir.⁴⁴

Há ainda um momento em que o cronista ressalta seus esforços em relação à escrita das crônicas. Ele aponta que o resultado foi feito a partir “[do] trabalho de minha mente e exaustão de meu corpo. Mas tudo foi concluído, pela vontade e diligência que dediquei.”⁴⁵

⁴² “*par toutes les batailles ou ilz ont esté, ilz ont eue renommee des mieulx faisans, par terre et par mer, et s’i sont monstréz si vaillamment que on les doit bien tenir pour souverains preux*” *Idem*, Fol. 2r.

⁴³ *Idem*, Fol. 2r.

⁴⁴ “*Or ay je che livre et ceste histoire augmenté par juste enqueste que j’en ay fait en travaillant par le monde et en demandant as vaillans hommes, chevaliers et escuyers qui les ont aidiés a acroistre, le verité des avenues. Et ossi a aucuns rois d’armes et leurs mareschaus, tant en Franche comme en Engleterre ou j’ay travillié apriés yaux pour avoir la verité de la matere, car par droit tels gens sont juste imquisiteur et rapporteur des besoingnes et croy que pour leur honneur il n’en oseroient mentir*” “Amiens BM, ms. 486” Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOnline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014], Fol. 1r.

⁴⁵ “*(...) le labour de ma teste et de l’exil de mon corps. Mais toutes choses se font et accomplissent par plaisance et le bonne dilligence que on y a.*” *Idem*, *Ibidem*.

Um dos fatos interessantes é a maneira que Froissart se posiciona quanto a alguns momentos em que os ingleses careceram de atitudes cavaleirescas. Isso foi demonstrado posteriormente nas crônicas, sobretudo pela presença de outros corpos de infantaria e artilharia nas batalhas, que fugiam do código da cavalaria de combate. Não obstante, o cronista ainda busca as proezas em guerra dos cavaleiros ingleses em todos os relatos.

O prólogo do manuscrito de Amiens é mais direto do que qualquer uma das outras versões. No entanto, não parece ser qualquer tipo de “resumo” pois apresenta algumas peculiaridades que não estão presentes em nenhum outro, como demonstradas acima.

A versão B, até a descoberta do manuscrito de Amiens, foi considerada por muitos anos como a única “primeira revisão do Livro I”. Com diferentes manuscritos em vários locais do mundo, essa versão já atesta um Froissart mais maduro e que repensa seus primeiros escritos. Nessa revisão, Froissart marca sua imparcialidade, algo que não havia feito na versão A. Independentemente do local de origem, seu objetivo seria relatar os grandes feitos dos cavaleiros de qualquer região sem tomar partido. “*nós não devemos mentir para agradar aos outros, nem ocultar a glória e renome dos que os fizeram*”⁴⁶. O mesmo pode se verificar na versão Rome⁴⁷ (última revisão das crônicas). Beneficiar os feitos de cavaleiros por origens reais ou ligações vassálicas distorceria o objetivo do cronista em relatar os grandes feitos, algo que ele prezava acima de tudo, e não intentava desmerecê-los de forma alguma.

Ainda temos nessa introdução como Froissart define o conceito de proeza, “*porque ela é mãe material e ilumina os nobres homens, e assim como a lenha não pode queimar sem fogo, o nobre homem não pode chegar à honra perfeita nem à glória do mundo sem proeza*”⁴⁸. Uma vez que ressalta sua importância, aponta a necessidade de que os jovens cavaleiros devem se inspirar nela, e demonstra aqui qual é um dos

⁴⁶ “*on n’en doit nullement mentir pour complaire a autrui, et tollir le gloire et renommee des bienfaisans*” “Paris BnF f fr mss 6477-79” Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOnline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014], Fol. 2v.

⁴⁷ “*Città del Vaticano Reg. lat. 869*” Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOnline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014], Fol. 1r

⁴⁸ “*car elle est mere materiele et lumiere des gentilzhommes, et, si com la busce ne poet ardoir sans feu, ne poet li gentilzhoms venir a parfaite honneur ne a le gloire dou monde, sans proece.*” “Paris BnF f fr mss 6477-79” Em *The Online Froissart*, ... Op. Cit. Fol. 2v.

públicos de Froissart: aspirantes a cavaleiros e jovens homens de armas. Conhecer os grandes feitos dos heróis auxiliaria esses novos guerreiros a aumentarem sua honra e prestígio por meio da proeza, e esse crescimento os levaria à proximidade dos reis - os cavaleiros ideais.

Pois, assim como os quatro evangelistas e os doze apóstolos são próximos de Nosso Senhor, que qualquer outra pessoa, os mais bravos são mais próximos da honra e mais honrosos que os outros, e isso é porque eles adquiriram e conquistaram o nome da proeza a grandes custas, suor, labor, sangue, vigílias, e por trabalhar noite e dia sem descanso.⁴⁹

Na versão de Rome, temos uma adição a esse trecho: “*Os homens que quiserem ser valorosos pela proeza, considerem como se senta à mesa do rei, o duque, o conde, o bravo, e coloca-se o covarde por último*”⁵⁰, ressaltando ainda mais em sua última versão as divisões hierárquicas sobre os que eram dotados da *prouesse* daqueles que não a possuísem.

O cronista denota que, para que os grandes feitos das armas possam ser lembrados e reconhecidos, é necessário que sejam registrados, caso contrário, a “*memore des bons et des vaillans hommes*” seria perdida. Logo, a função do cronista seria a de possibilitar a lembrança desse atos aos homens, “*E quando seus feitos forem vistos e conhecidos, ele é recordado e renomeado assim como é dito acima, em escritos e registros em livros e crônicas*”⁵¹.

Essa passagem ilustra um dos comentários feitos por Jacques Verger sobre os letrados, ou seja, que estes precisam justificar seu papel junto à sociedade. No caso de Froissart, ele se apresenta como alguém que legará bons exemplos à posteridade

⁴⁹ “*Car, si com li IIII ewangeliste et li XII apostele sont plus proçain de Nostre Seigneur que ne soient li autre, sont li preu plus priés d’onneur et plus honnouré que li aultre, et c’est bien raisons, car il acquerent et conquerent le nom de proece en grant painne, en sueur, en labeur, en soing, en villier, en travillier jour et nuit sans sejour.*” *Idem*, Fol. 3r.

⁵⁰ “*Homs qui voels venir, a vaillance par proece, comsidere comment on asciet a table dou roi, de duch et de conte, le preu, et on met arriere le couwart(...).*” “Città del Vaticano Reg. lat. 869” Em *The Online Froissart, ... Op. Cit.* Fol. 1v.

⁵¹ “*Et quant leurs biensfais est veüs et cogneus, il est ramenteus et renommés si com dessus est dit, et escrips et registrés en livres et en cronikes.*” “Paris BnF f fr mss 6477-79” Em *The Online Froissart, ... Op. Cit.* Fol. 3r

É portanto, naturalmente em função dos taxinomistas tradicionais que eles [homens de saber] procuraram legitimar sua posição social e foi apenas progressivamente e, por vezes, desajeitadamente, que eles procuraram atribuir valor e reconhecimento àquilo que constituía sua especificidade coletiva.⁵²

Também no prólogo da Versão B do Livro I temos um fato curioso, que pode demonstrar o sentimento de Jean Froissart por uma ordem a qual não poderia aspirar. Nesse prólogo, faz menção às três ordens feudais, mas alterando crucialmente a primeira ordem, substituindo os *oratores*, aqueles que rezariam para o bem-estar de toda a sociedade, por aqueles que seriam encarregados de compilar as grandes ações dos cavaleiros.⁵³

O homem valente trabalha seus membros com armas, para desenvolver seus corpos e aumentar sua honra. As pessoas falam, recordam e compartilham suas situações e suas condições. Certos clérigos escrevem e redigem seus eventos e proezas.⁵⁴

Da mesma maneira, na Versão Rome temos qual é a função dos clérigos em relação aos homens de armas: “*Nós os ensinamos para poder recordar seus grandes feitos, nós os dotamos de glória nesse mundo*”⁵⁵. Como na Versão B, temos um trecho semelhante, mas com uma alteração em seu final. Nesta, os clérigos escrevem sobre as aventuras dos cavaleiros e a função das crônicas “*porque eles são memorados perpetuamente, pois pelas escrituras nós podemos conhecer de todas as coisas e são registrados os bens e os males, as prosperidades e eventualidades dos antigos*”⁵⁶.

⁵² VERGER, Jacques. *Homens e Saber na Idade Média*. Bauru: Edusc, 1999. P. 245.

⁵³ AINSWORTH, Peter. *Jean Froissart: Chronicler... Op. Cit.*

⁵⁴ “*Li vaillant homme travaillent leurs membres en armes, pour avancier leurs corps et accroistre leur honneur. Li peuples parolle, recorde et devise de leurs estas, et de leur fortunes. Li aucun clerch escrient et registrent leurs avenues et baceleries*”. “Paris BnF f fr mss 6477-79” Em *The Online Froissart, ... Op. Cit.* Fol. 3v.

⁵⁵ “*on l’ensengne au doi on recorde son bien fait, on li donne gloire en ce monde*” “Città del Vaticano Reg. lat. 869” Em *The Online Froissart, ... Op. Cit.* Fol. 1r

⁵⁶ “*par quoi elles soient mises et couchies en memorez perpetueles car par les escriptures puet on avoir la congnaissance de toutes choses et sont registré li bien et li mal, les prosperités et les fortunes des anciens*” *Idem*. Fol. 1v.

Outro ponto que podemos verificar, tanto na Versão B quanto na Versão Rome, é a evocação de outros grandes heróis ao longo da História, iniciando nos tempos bíblicos pós-diluvianos, perpassando pelos heróis gregos e romanos, bem como Carlos Magno e, finalmente, Eduardo III da Inglaterra. Após o dilúvio, defende Froissart, a Terra começou a ser repovoada e “*Começamos a nos armar e a correr e prender uns aos outros por meio da guerra*”⁵⁷. No entanto, na versão Rome ele demonstra como o tempo em que vive possui mais feitos de armas,

Eu penso que desde a criação do mundo e que começamos a nos armar, nós não encontramos em nenhuma história tantas ações admiráveis nem tantos feitos de armas como são as desses tempos em termos de guerra às quais nos referimos anteriormente, tanto por terra quanto por mar, e das quais eu escreverei e mencionarei.⁵⁸

Ainda, ao final da Versão B, o cronista apresenta à posteridade quem é e qual sua origem:

E para que aqueles dos tempos que virão possam saber quem compôs essas histórias aqui, e quem as efetivou, eu vou me nomear. Eu me chamo, e me sinto honrado disso, senhor Jean Froissart, nascido no condado de Haynaut e da boa, bela e agradável cidade de Valenciennes.⁵⁹

Por fim, na Versão Rome, a última revisão, não encontramos qualquer menção às crônicas de Jean le Bel. O que podemos concluir é que após dedicar sua vida inteira à escrita das crônicas, Froissart pode construir sua própria exposição dos acontecimentos. Já que essa redação foi feita no fim de sua vida, pode-se concluir que ele acentua seu trabalho como cronista e valoriza toda sua obra, não necessariamente como sendo

⁵⁷ “*on se conmença a armer, et a courir et a prendre par le fait de gerre l’un sus l’autre*” *Idem, Ibidem*. A Versão B, (“Paris BnF f fr mss 6477-79” Em *The Online Froissart, ... Op. Cit.* Fol. 3v) tem o trecho semelhante.

⁵⁸ “*je suppose que depuis la creation dou monde, et que premierement on se conmença a armer, on ne trouveroit en nulle histore tant de mervellez ne de grans fais d’armes conme il sont avenu ens ou temps et termes des guerres desus dittes tant par terre que par mer, et des quelles je vous ferai recort et mention*” *Idem*, Fol. 1r.

⁵⁹ “*Et pour che que ou temps avenir on puist savoir qui a mis ceste hystore sus, et qui en a esté acteres, je me voel nommer. On m’appelle, qui tant me voet honnerer sire Jehan Froissart, net de le conté de Haynau et de la bonne, belle et friche ville de Valenchienes.*” “Paris BnF f fr mss 6477-79” Em *The Online Froissart, ... Op. Cit.* Fol. 4r.

“original”, mas sim como construída por ele mesmo a partir de uma série de referências acumuladas e apropriadas.

É possível verificar também parte de seu desejo em conhecer o mundo da cavalaria, e o que o instigou a aprender mais sobre ela, “*em minha juventude eu muito ouvi de alguns bravos homens que me maravilharam, e para chegar à verdade e atenuar minha imaginação de quando li essas histórias nos livros antigos e que quis saber das coisas. Seguindo minhas reflexões, farei isso com determinação*”⁶⁰.

Da mesma maneira, uma vez que recolheu inúmeros testemunhos sobre a guerra entre França e Inglaterra, além de ter vivido nas cortes de vários reinos com ela envolvidos, Froissart pode refletir por um longo tempo sobre as causas da guerra. Nesse momento, de maneira imparcial, como quer se posicionar, introduz o leitor a um relato da guerra, que, segundo ele, ambos os lados envolvidos justificam seus atos como sendo justos, “*tanto o defensor como o demandante*”⁶¹

Essa análise de diferentes versões dos prólogos do Livro I nos permitiu verificar alguns dos pensamentos de Froissart, e em que medida alguns de seus pontos de vista se construíram ou, até mesmo, se alteraram. Verifica-se um amadurecimento do autor, tanto no estilo de sua escrita quanto na segurança em apresentar sua crônica ao leitor demonstrando seu conhecimento sobre os eventos aos quais dedicou sua vida. Contudo, apesar de todos os esforços em disseminar sua obra, a recepção e circulação de suas crônicas na Inglaterra não deve ter sido muito grande no fim do século XIV e início do XV, período em que esteve vivo. A difusão de seus livros no século XV está muito mais ligada ao comércio de livros em Paris em que, a partir da segunda década, donos de oficinas de livros se envolveram na produção de cópias de suas crônicas.⁶²

1.3 - Relações, semelhanças e diferenças entre Jean le Bel e Jean Froissart

Nesse momento trataremos de um aspecto que julgamos ser importante para podermos compreender Froissart. Seguindo a análise de seus prólogos, podemos ter uma noção dos principais objetivos e aspirações de se redigir uma crônica no contexto

⁶⁰“*en ma joneche j’en ai moult oy parler auquins vaillans honmes liquel s’en esmerilloient ensi que je et pour venir a la verité et apaisier ma imagination je ai lu tant ens es livres anciens que je en guide savoir auque cose, et selonch mon avis je en ferai auque determination*” “Città del Vaticano Reg. lat. 869” Em *The Online Froissart, ... Op. Cit.* Fol. 1v.

⁶¹ “*otretant bien le defendant conme le demandant*” *Idem, Ibidem.*

⁶² CROENEN, Godfried. *The reception of Froissart’s Writings ... Op. Cit.* P. 415

do cronista de Valenciennes. Ainda, visualizamos como o cronista relatou ter sido possível conseguir as informações necessárias para redigir seus relatos. Como já apontado, isso foi adquirido através de entrevistas e busca de relatos de testemunhas e suas experiências pessoais. A seguir, iremos analisar outra fonte de informações relativa ao início de Froissart como cronista, pois uma análise mais detalhada nos permite enxergar alguns traços em comum, sua inspiração e uso das “*Vrayes Chroniques*” de Jean le Bel, bem como características próprias que ele desenvolveria ao longo de sua vida.

Como vimos acima, na última revisão não há qualquer menção ao trabalho de Le Bel. Possivelmente Froissart, no fim de sua vida, se sentia capaz de redigir suas crônicas baseados em suas próprias conclusões, sem necessariamente exaltar a obra na qual se baseou anteriormente. Contudo, ainda podemos ver relações com aquela, principalmente porque, mesmo que se tratassem de revisões, a essência das crônicas permanecia a mesma. Ainda assim, esse tipo de análise será um pouco limitada, pois o exemplar da última revisão do Livro I, produzida no fim de sua vida, não se encontra inteiramente disponível ao público. Esse exemplar, representado pelo manuscrito “Rome”, também disponível como “Città del Vaticano Reg. lat. 869” está parcialmente disponível no site *Froissart Online*, contendo apenas as partes iniciais das crônicas. Para podermos incluí-lo em nossa análise, nos apoiaremos em outros estudos que apresentam algumas análises desse manuscrito.

Logo, a análise nesse momento se dará com as “*Vrayes Chroniques*” de Jean le Bel, cruzando-a com a primeira versão do Livro I de Jean Froissart (onde encontramos descrições praticamente idênticas das “*Vrayes Chroniques*”) e de trechos da última revisão do Livro I para demonstrar algumas alterações implementadas por Froissart. Essa interpolação nos permitirá desvendar o caminho percorrido por nosso cronista em sua composição da história da cavalaria na época do reinado de Eduardo III da Inglaterra, bem como apontar algumas características estilísticas, e como Le Bel tocou a composição das crônicas de Froissart e suas interpretações sobre a cavalaria. Ainda, traçaremos um breve perfil das características do trabalho de Froissart, apontando suas singularidades em seu projeto cronístico.

1.3.1 - O “Mestre Jean le Bel”

Jean le Bel nasceu na região de Flandres, atual Bélgica, por volta do ano 1290. Seu pai era um oficial da cidade de Liège, proveniente de uma família de burocratas e envolvidos na política dessa cidade. Quando jovem, foi treinado nas armas para ser cavaleiro, posteriormente, estudou para ser clérigo⁶³. Jean foi cônego em uma Igreja da cidade, e seu irmão, em outra no mesmo município. Le Bel se tornou conhecido pela rainha da Inglaterra, Filipa de Hainaut, esposa de Eduardo III, através de seu tio Jean de Hainaut.⁶⁴

Diferentemente de muitos cronistas de sua época, Le Bel escreveu sobre eventos que presenciou⁶⁵, pois, junto do rei da Inglaterra, participou de diversas viagens e campanhas militares, como por exemplo à Escócia no ano de 1327. Nesta, passou a ser grandemente admirado por Eduardo III. Dado a proximidade que desenvolveu com a família real, iniciou a redação de crônicas dedicadas ao rei e à rainha, principalmente promovendo a figura militar de Eduardo III. Por isso, o que se identifica em suas redações é uma parcialidade em favor dos ingleses, mesmo que seu objetivo fosse ser neutro para privilegiar a cavalaria sem que ela fosse definida por reinos.⁶⁶

Em seu processo de escrita, Le Bel se utilizou de suas próprias experiências, de documentos oficiais e de relatos de outros envolvidos. Muitas vezes, convidava diferentes pessoas para jantarem consigo e seus criados para contarem histórias das batalhas das quais participaram.⁶⁷

Jean le Bel foi resgatado pela historiografia justamente devido à menção feita por Froissart em seus prólogos. Enquanto Froissart tinha manuscritos que sobreviviam ao tempo e reconhecidos como crônicas medievais, as “Vrayes Chroniques” de Le Bel eram apenas fragmentos desconhecidos de sua proveniência⁶⁸. Em 1861, Paul Meyer redescobre os textos completos dessas crônicas e as publica em 1863, e em 1904 seria

⁶³ BARBER, Richard. *Edward III and the Triumph... Op, Cit.* P. 7.

⁶⁴ DEVRIES, Kelly. *The English in the southern Low Countries During the Fourteenth Century: the Medieval “Belgian” Perspective*. In: VILLALON, L.J. Andrew; KAGAY, Donald J.; *The Hundred Years War (Part III)*. Boston, Estados Unidos: Brill, 2013. P. 464

⁶⁵ Um outro exemplo de crônista que esteve presente em confrontos bélicos dos quais escreveu é o castelhano Pero Lopes Ayala (1332 – 1407). BARBER, Richard. *Edward III and the Triumph... Op, Cit.* P. 7.

⁶⁶ *Idem, Ibidem.*

⁶⁷ *Idem, Pp.8-9.*

⁶⁸ <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/302146/Jean-Le-Bel>

feita uma edição da obra por J. Viard e E. Déprez.⁶⁹ Não existem muitos estudos em relação a Jean le Bel, e a maioria que se pode encontrar no presente é apenas relacionando-o com Jean Froissart.

Ao adentrarmos numa análise de aproximação entre os trabalhos dos dois cronistas, devemos atentar que, embora tratassem do mesmo período e dos mesmos eventos e intentassem construir uma história cavaleiresca pelo resgate das memórias dos grandes feitos nos combates, cada um teve diferentes interpretações dos resultados desses momentos, fossem pelas fontes que dispuseram ou mesmo por sua subjetividade. A questão é que Froissart esteve, de certa forma, inspirado inicialmente pela visão de Jean le Bel sobre os fatos, e até que pudesse aumentar seu conhecimento por outros meios de informação, absorveu muitas das ideias do outro cronista, sua voz de autoridade. Ao copiar trechos, Froissart confiaria na palavra do que já havia feito um estudo anterior sobre o assunto. No entanto, podemos ver o lapidar de Froissart como cronista na medida em que suas preocupações e objetivos começam a tomar forma divergente. Descreveu os mesmos fatos, possivelmente com fontes distintas, mas ainda tendo Le Bel como base para sua história.

Iniciaremos com algumas semelhanças entre os dois cronistas⁷⁰. O panorama geral que temos é que, quanto mais recuado no tempo for a passagem, mais parecido com o relato de Jean le Bel é o de Jean Froissart. Logo no início, por exemplos, temos a descrição do rei Eduardo I da Inglaterra por Jean le Bel

Car vérité est que son ayeul, que on clamoit le bon roy Edowart, fut moult sage poeudomme, hardy, entreprenant et bien fortune en fait de guerre, et eut moult à faire encontre les Escots, et les conquis trios fois ou quatre; et ne poeurent oncques les Escots avoir victoire ne duré sur luy tant qu'il vesqui.⁷¹

Froissart copiou alterando apenas algumas palavras esse trecho de sua primeira versão do Livro I

⁶⁹CHAREYRON, Nicole. *Jean le Bel. Le maître de Froissart, grand imagier de la guerre de Cent Ans*. Bruxelas: De Boeck-Université, Bibliothèque du Moyen Age, nº 7, 1996. P. 1186.

⁷⁰ Para isso, deixaremos os textos no francês medieval, para não alterar o fruto de nossa análise com a tradução, uma vez que não é apenas o conteúdo que nos interessa, mas também a maneira da composição das crônicas. Quando for necessário que seja ressaltado algum aspecto na questão do conteúdo das citações, será realizada a tradução novamente para ressaltar o que buscamos apresentar.

⁷¹ LE BEL, *Le Vrayes Chroniques*. Bruxelas: F. Heussner, 1863. P. 5.

Car voirs est que son aieul, que on appela le bon roy Edouart, fut moult vaillant, sages et hardis preudomme, et entreprenant et bien fortuné en faiz de guerres, et ot moult a faire contre les Escocs et les conquist trois fois ou quatre, et ne peurent oncques les Escocs avoir duree ne victoire contre lui.⁷²

Já na última revisão desse livro, vemos uma estrutura de início das crônicas parecida, mas o trecho sobre Eduardo I é diferente: “(...) *conme avoit esté li bons rois Edouwars ses peres, qui tant ot affaire et de batailles as Danois et as Escos, et toutes achieva a l’onnour de li et au pourfit de son roiaulme (...)*”⁷³

Em outro momento, agora relativo à negação por parte dos barões franceses em passar a coroa da França a Eduardo III por linhagem materna, temos, respectivamente, o relato de Le Bel e Froissart

(...) laquelle estoit royne d’Angleterre, pour ce qu’ilz vouloient dire et maintenir, et encor font, que le royaume de France est bien se noble qu’il ne doibt mie aler à femelle ne par conséquent au roy d’Angleterre son ainsné filz, car comme ilz veulent dire, le filz de femelle ne pouet avoir droit ne succession de par sa mère venant là où sa mère n’a point de droit.⁷⁴

(...) qui estoit royne d’Angleterre, pour tant qu’ilz vouloient dire et maintenir, et encores veullent, que le royaume de France est si bon et si noble que il ne doit mie aler a femelle ne par consequent au roy d’Angleterre, son ainsné filz, car ainsi comme ilz vuellent dire, le filz de la femme ne peut avoir droit de succession depar sa mere, la ou sa mere n’a point de droit⁷⁵

Como podemos identificar, a interpretação de Jean le Bel sobre esse momento seria confirmado por Froissart. Em sua última revisão, aproximadamente 30 anos depois, ainda manteria a mesma ideia geral sobre a questão

⁷² “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 2v,

⁷³ “Città del Vaticano Reg. lat. 869” Em *The Online Froissart, ... Op. Cit.* Fol. 1v -2r,

⁷⁴ LE BEL, *Le Vrayes Chroniques... Op. Cit.* p. 7.

⁷⁵ “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 3r.

(...) ne donnerent point la couronne et l'iretage de France a la serour de ce roi Carle, qui estoit roine d'Engleterre, par tant que il voellent dire et maintenir, et encores maintiennent, que li roiaulmes de France est de si noble condition, que il ne doit ne puet par succession venir ne descendre, a fumelle ne par consequent a fil de fumellee.⁷⁶

Nos dois episódios que tratamos, as semelhanças podem ser melhor verificadas em relação à crônica de Le Bel com a primeira versão do Livro I. Na última versão, embora não haja nenhuma mudança de ideia ou sentido, podemos supor que o cronista opta por retirar algumas partes e empregar sua própria voz para concluir os fatos de maneira mais sucinta, como no caso das últimas frases dos textos supracitados.

Esses trechos são apenas exemplos, pois é possível efetuar várias outras comparações nos trechos iniciais das crônicas. O conteúdo geral das crônicas de Jean Froissart, ou até mesmo, o enredo delas, é muito semelhante ao de Jean le Bel, por vezes até na ordem dos eventos que ocorrem em diferentes locais. Froissart, com o passar do tempo, teria como objetivo aperfeiçoar essas crônicas, julgando necessário copiar passagens sem que seu trabalho deixasse de ser original – algo muito comum na Idade Média como já afirmamos anteriormente. Seria próximo dos episódios que cercariam a Batalha de Poitiers de 1356, que podemos ver Froissart escrevendo sua crônicas nos próprios passos, pois teria vivido no âmbito desse conflito e tido acesso a outras fontes sem precisar recorrer exclusivamente a Le Bel.

A importância dos manuscritos dos dois autores em relação ao reinado de Eduardo III e do início da Guerra dos Cem Anos é, sem dúvida, ímpar. Essa pequena discussão sobre os dois cronistas não tem como objetivo demonstrar como Froissart simplesmente melhoraria o que Le Bel já havia feito. Jean le Bel conviveu com os protagonistas dos eventos narrados na mesma época que aconteceram, teve a oportunidade de estar dentro da corte inglesa durante o início do reinado de Eduardo III, vivenciando o tempo que Froissart narraria anos mais tarde.

Froissart criou a sua interpretação do século XIV com a ajuda do outro cronista, e, quando escreveu sobre esse momento, olhou para trás e confiou nesses relatos. Recriou-os buscando outras fontes para poder desenvolver sua própria versão dos

⁷⁶ "Città del Vaticano Reg. lat. 869" Em *The Online Froissart, ... Op. Cit.* Fol. 2v-3r.

eventos, sua própria narrativa, inclusive ao retratar os personagens desse período com características das pessoas do tempo em que escrevia as crônicas, geralmente com 50 anos ou mais de diferença temporal⁷⁷. O período que compreende a primeira metade do século XIV, anterior ao qual Froissart se aperfeiçoaria como cronista, estaria presente na memória dos entrevistados, mas também se propagava por meio de rumores e mitos criados dentro das cortes sobre os duelos cavaleirescos.

Dentro dessa diferença temporal, ao fim de sua vida, o cronista redigiria sua crônica descrevendo os ingleses dos eventos de 1337 como sendo aqueles que ele conhecia em 1400, lançando sua interpretação desse povo de seu presente com aquele de seu passado. A seguinte descrição do povo inglês é a que teve em mente nesse momento:

Os ingleses são de condições maravilhosas, calorosos e impetuosos, todos agitados pela ira, (...) e se deleitam e confortam em batalhas e em mortes. Ganância e inveja estão bem abaixo do bem d'outrém, e não se podem unir perfeitamente nem naturalmente no amor nem em aliança com uma nação estrangeira, e são dissimulados e orgulhosos. Em especial abaixo do sol não há nenhum povo tão perigoso como o são na Inglaterra (...)⁷⁸

Em relação às diferenças nas obras dos cronistas, apontaremos um momento em que os cronistas relembram a importância de Godeffroy de Harecourt como conselheiro do rei Eduardo. Este, banido da França, foi para junto de seu primo, rei da Inglaterra, a fim de pedir auxílio dos ingleses na recuperação de seu título de duque da Normandia. Primeiramente veremos como le Bel se referiu a Geoffrey de Harecourt:

Tant singla le noble roy Edowart qu'il arriva en l'entrée d'aoust en l'ile c'om clame Grenesye, l'an de grace mil CGC XLVP, et estoit avecques luy ung moult noble chevalier qu'on appelloit messire Godeffroy de Harecourt, frère au conte de Harecourt, qui

⁷⁷ No caso da última revisão do Livro I, Peter Ainsworth comenta que os ingleses que Froissart retratava em eventos de 1337 eram sua visão dos ingleses de 1400. AINSWORTH, Peter. *Style Direct et Peinture des Personnages chez Froissart*. Paris: Romania, Revue trimestrielle, tome 98, 1972. P. 512.

⁷⁸ “Englés sont de merveilleuses conditions, chaut et boullant, (...) et se delittent et confortent en batailles et en ocisions. Convoiteus et envieus sont trop grandement sus le bien d'autrui et ne se pueent conjointre parfaitement ne naturellement en l'amour ne alliance de nation estragne, et sont couvert et orgueilleus et par especial desous le solel n'a nul plus perilleus people (...)”. “Città del Vaticano Reg. lat. 869” Em *The Online Froissart*, ... Op. Cit. Fol. 2r.

adoncques estoit. Si estoit adoncques cil Godeffroy banny du royaume de France par souspechon, et se le roy Philippe l'eust tenu, il en eust fait comme de messier Olivier de Glichon.⁷⁹

Em relação à escolha da Normandia como ponto para Eduardo III poder desembarcar suas tropas e invadir o norte do reino francês, Le Bel expõe que

Ce fut par le conseil et enhortement dudit messire Godeffroy de Harecourt, qui bien sçavoit tout le pays, disant qu'il envoyeroit la tierce partie de ses gens par mer pour exillier et gaster le pays selonc la marine.⁸⁰

No mesmo personagem, mas nas palavras de Froissart, tais descrições tomam características mais sentimentais ao se descrever Geoffrey de Harecourt, com a utilização de adjetivos e advérbios para reforçar ideias.

En ce temps arriva en Angleterre messire Godefroy de Harecourt, qui estoit [...] banny et chascié de France. [Le roi et le roine] receurent le dit messire Godefroy moult lieement. Et le retint tantost le roy de son conseil et de son hostel.⁸¹

Relativo aos conselhos dados por ele, temos o mesmo uso de palavras que dão intensidade emocional ao relato de Froissart

En ce termine ot le roy autre conseil, parlement et enhortacion de messire Godefroy de Harecourt, qui lui conseilla pour le mieulx, pour faire plus grant exploit, qu'il preist terre en Normendie. Et dist bien adoncques au roy le dit messire Godefroy: "Sire, le paÿs de Normendie est un des plus gras paÿs du monde, et vous proumets sur l'abandon de ma teste que se vous arrivéz la, vous y prendréz terre a vostre voulenté, ne ja ne vous vendra nul au devant

⁷⁹ LE BEL. *Chronique, tome second*. Paris: Société de l'Histoire de France, 1905. P. 69.

⁸⁰ *Idem*, p. 70

⁸¹ Os grifos feitos nas palavras ou expressões são nossos para demonstrar as características do texto que estamos tratando. "Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864", Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 127v – 128r.

qui riens dira. Car ce sont gens en Normandie qui oncques ne furent arméz, et toute la fleur de la chevalerie qui y peut estre, est maintenant devant Aguilon avecques le duc. Et troveréz en Normandie grasses villes et bastides qui point ne sont fermees, ou voz gens auront si grant prouffit qu'ilz en vauldront mieulx X ans après. Et vous pourra vostre navie suivre jusques a Caen en Normandie. Si vous prie que je soye oy de ce voyage."⁸²

Por fim, temos o ato proferido pelo rei em relação a esse conselho: “[il] s'enclina de grant voullenté aux parolles de messire Godefroy de Harecourt.”⁸³

Com esses trechos, podemos perceber como Froissart objetiva dar mais emoção à trama. Ainda mais ao se utilizar de um discurso direto nesse momento, dando mais cores e vivacidade ao episódio. Se analisarmos as passagens, vemos que as informações são as mesmas, os motivos são os mesmos e o desfecho, o mesmo. A diferença em relação a esse relato é a maneira estilística da escrita de Froissart, seus valores e como ele objetiva a transparência dos pensamentos de seus personagens, até mesmo no uso de expressões como “*luy conseilla pour le mieulx, pour faire grand exploit*” que denota uma característica de boa intenção para com o rei inglês, ou de “*vous y prendrés terre a vostre voullenté*”, demonstrando como foi adequado tal conselho para os eventos que se seguiriam. Esse tipo de discurso atesta, também, o interesse político dos personagens de sua obra, procurando entender suas atitudes e consequências.⁸⁴ Froissart imprime subjetividade à trama.

Essa diferença de discurso fica bem visível nos relatos de batalha, e da preparação para o combate que seria em Crècy (1346). Nesse episódio, Le Bel apresenta elogios ao rei Eduardo III, um grande líder cavaleiresco que possuía comando rígido sobre suas tropas. Também afirma o monarca como alguém que possuía direito legítimo à coroa francesa. Nesse trecho, evidenciamos que Le Bel apenas relata o que foi ocorrido em discurso indireto:

Sachiez que le vaillant roy d'Angleterre sceut bien le vendredi au vespre que le roy Philippe estoit [à] Abbeville, à tout grande

⁸² Grifos meus. *Idem*, Fol. 128r – 128v.

⁸³ *Idem*, Fol. 128v.

⁸⁴ Peter Ainsworth evidencia esse fato principalmente com Robert d'Artois, no manuscrito de Rome, onde percebe que Froissart demonstra a importância que o nobre teve em aconselhar Eduardo III a reivindicar o trono francês. AINSWORTH, Peter. *Style Direct et Peinture... Op. Cit.* P. 507.

chevalerie. Si en fist grande chiere et dist à ses gens que chascun s'alast reposer et priast à Nostre Seigneur que il le vouldist laisser partir de la besongne à honneur et à joye, car il estoit sur son droit héritage, sy le deffendroit et n'iroit plus avant ne plus arrière, mais se le roy Philippe vouloit là venir, il l'attendroit.⁸⁵

No Livro I de Jean Froissart, temos um relato diferente, mas que aparentemente foi composto exatamente seguindo essa passagem de Le Bel. Por sua vez, Froissart opta por redigir esse momento em discurso direto, como sendo proferido pelo próprio rei Eduardo III. Dessa maneira, o que se apreende é uma relação mais direta com o leitor, já que esse cronista dá voz ao personagem, como se ele pudesse manifestar-se através de seus escritos.

Si dit adoncques le roy d'Engleterre a ses gens: "Prenons place de terre, car je n'iray plus avant si auray veü nos ennemis. Bien y a cause que je les attends, car je suy sur le droit heritaige de madame ma mere qui lui fut donné en mariage, si la vueil deffendre et chalengier contre mon adversaire(...)".⁸⁶

Sobre esses discursos divergentes, podemos supor algumas características diferenciais de Jean Froissart. Em seu caso, o discurso direto faria com que o leitor entendesse melhor o personagem, apreender seus sentimentos, suas justificativas e aspirações, simplesmente ao dotá-los de fala em suas crônicas. Isto porque era uma de suas intenções como cronista segundo segundo Peter Ainsworth, já que o comportamento dos diferentes personagens era extremamente importante em sua filosofia das causas efetivas da natureza da Guerra dos Cem Anos⁸⁷.

Ao invés de simplesmente as redigir em estilo indireto, ele emprega meios mais impressionantes que permitem ao leitor uma melhor apreciação da atmosfera em que esses discursos foram

⁸⁵ LE BEL. *Chronique, tome second ... Op. Cit.* P. 105.

⁸⁶ "Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864", Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 136r

⁸⁷ AINSWORTH, Peter. *Style Direct et Peinture... Op. Cit.* P. 501.

proferidos. A característica dramática dos eventos é então reconstituída, e os personagens da história ganham vida.⁸⁸

Em comparação às duas passagens, podemos sentir Eduardo III como alguém mais imponente em relação à sua reivindicação ao trono francês, e Froissart cria um ambiente em que seu personagem tem de defender seu argumento. Por sua vez, Le Bel, nesse paralelo, constrói os personagens por meio de elogios, não nos transmitindo aquela proximidade, como leitores, do rei inglês. É claro que o discurso direto de Froissart também está impregnado de subjetividade e de sua visão em relação ao personagem, mas esse tipo de escrita aparentemente busca compreender o personagem sem filtros, uma vez que, num primeiro olhar, as falas de um personagem são enunciadas por ele mesmo. Possivelmente para seu público medieval, essa comunicação dava a impressão de ter sido proferida pelo próprio rei.

Ao colocar o discurso direto, Froissart dá característica singular ao evento narrado, tentando estabelecer também um aspecto mais interessante à sua obra, uma estilística diferenciada, dando vozes aos personagens⁸⁹, o cronista insere o elemento dramático. Nesse aspecto, Ainsworth atesta que *“Contudo, é evidente que, para Froissart, a necessidade de satisfazer suas ambições literárias foi maior que aquela de escrever uma história impessoal e seca”*⁹⁰

Um fato curioso em que há a utilização do discurso direto por Jean Froissart que podemos ressaltar é a da chegada de Eduardo III à França. Se observarmos em nossa fonte, o cronista relatou que:

E assim que desembarcou, ele [Eduardo III] caiu tão rapidamente que o impacto fez sangue sair de seu nariz. Nesse momento os cavaleiros que estavam a seu lado o levantaram e o disseram: “Meu senhor, retorne ao navio e não desembarque mais hoje. Veja isso como um pequeno presságio para você” Ao que respondeu o rei:

⁸⁸ “Au lieu de les rédiger simplement en style indirect, il emploie des moyens plus frappants que permettent au lecteur de mieux apprécier l’atmosphère dans laquelle ces discours auraient été prononcés. Le caractère dramatique des événements est ainsi reconstitué, et les personnages de l’histoire reprennent vie.” *Idem*, p. 512.

⁸⁹ *Idem*, p. 518.

⁹⁰ “Il est pourtant évident que, pour Froissart, le besoin de satisfaire ses ambitions littéraires fut enfin plus impérieux que celui d’écrire une histoire impersonnelle et sèche”. *Idem*, p. 521.

“Por quê? Isso é um ótimo sinal para mim, pois a terra me deseja”.
Dessa resposta, todos os que estavam lá regozijaram-se.⁹¹

No referido caso, Le Bel não menciona nada a respeito desse episódio. Logo, é algo que pode ser visto unicamente nas crônicas, e que a partir delas, podemos elencar algumas suposições.

O fato de cair em uma terra a ser conquistada não é inédito. Inclusive, era algo de grande importância. Um dos relatos remonta o ancestral de Eduardo, o primeiro rei normando da Inglaterra Guilherme o Conquistador. Thomas Roscoe, escritor do século XIX, aponta isso em sua obra sobre este rei ao desembarcar pela primeira vez em Sussex, na Inglaterra em 1066 “

Sua impaciência era tão grande para realizar o desembarque sem empecilhos, que, avançando primeiro entre os arqueiros, ele pulou sobre a costa. Seu pé escorregou quando tocou a terra e ele caiu. Porém, com a mesma imponência exibida pelo grande Júlio César, ele tomou a terra com suas mãos, gritando alto com sua voz "pelo esplendor da terra, eu capturei a Inglaterra com minhas mãos!" e ele levantou-se com um semblante alegre (...)⁹²

Roscoe baseou esse trecho de sua narrativa em um cronista medieval, Robert Wace (c.1110 – pós-1174), um poeta normando que redigiu versos sobre a conquista de seus conterrâneos na Inglaterra, bem como do reinado de Henrique II. Em Wace, temos a passagem que descreve esse momento

Quand li dus, princes fors issi

⁹¹ “*Et du premier qu’il se mist sur terre il chey si roidement que le sang lui voula hors du néz. Adonc le prinsrent ses chevaliers qui deléz lui estoient et lui disrent: "Chier sire, retrayés vous en vostre nef et ne venéz maishuy a terre. Vez cy un petit signe pour vous." Dont respondi le roy, tout pourvenement et sans delay: "Pourquoy? Mais est un tres bon signe pour moy, car la terre me desire." De ceste response furent ses gens tous resjoys.*” “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 128 v.

⁹² “*So great was his impatience to effect landing unopposed, that, advancing first among the archers, he leaped upon the shore. His foot slipping as he touched the land, he fell; but the same presence of mind displayed by the great Julius, he grasped the earth with both hands, crying with a loud voice, “By the splendor of the earth, I have seized England with both my hands!” and he sprung up with a joyous countenance(...)*”. ROSCOE, Thomas. *The life of William the Conqueror*. Londres: Henry Colburn, 1846. p.160-161.

Sour sus peumes avant chai,
 Sempre y ont leal grand cri
 Et disorient tuit. Mal signe a chill,
 Et il lour en haut crii,
 Seigneurs par la resplendeur de (-)
 La terre ag o deux mains saiseet,
 Sans chalenge, ni ert m'es guerpü,
 Tout es votre qu'auque y a.⁹³

Esse trecho, como lembrado por Roscoe, também tem respaldo no que ocorreu com Júlio César. Suetônio, ao descrever a chegada do general em África pela primeira vez em 48 AC, aponta que ao desembarcar, César caiu. Ao invés de deixar com que aqueles que estivessem em sua volta julgassem isso como um mau presságio, proferiu a frase “*Te teneo, Africa!*”⁹⁴

Ora, voltemos ao que Froissart apontou a respeito de Eduardo III. É muito provável, que como clérigo, nosso cronista tivesse acesso a esse tipo de informação. Não obstante, há a possibilidade, embora seja difícil de ser comprovado, de que essa informação fosse algo comumente lembrada ao se falar sobre a chegada à Inglaterra de Guilherme o Conquistador. Se tomarmos esse fato, tanto de Júlio César, quanto de Guilherme, ao chegarem em um local, caírem, e realizarem um discurso que anularia um mau presságio de queda ao desembarcar, podemos ver uma provável associação feita por Jean Froissart e de que maneira ele está dialogando com as tradições. Contudo, dito anteriormente, Jean le Bel não relatou tal ocorrido, Froissart, sim.

Caso Eduardo realmente tenha caído, por que seria tão importante de ser relatado isso? Caso Froissart tenha tido acesso a algum relato que afirmasse o ocorrido, o simples fato de constar nas crônicas o torna algo importante, que merece ser lembrado. Além do que, se trata de uma terra a ser conquistada, a mesma da qual Guilherme partira 280 anos antes. O fato de modificar o possível impacto ruim que teria o efeito da queda em suas tropas supersticiosas fez com que Eduardo III utilizasse o mesmo tipo de discurso de dois grandes conquistadores. Além disso, bem como apontou Guimarães a respeito de João I no momento que também levou um tombo à época do cerco de Lisboa (1384), isso poderia conferir também ao rei uma característica mais humana e realística, uma melhor inserção dentre os seus subordinados⁹⁵. Dessa maneira,

⁹³ WACE, Robert. *Roman de Rou*. Heilbronn: Gebr Hennionger, 1879. P. 291.

⁹⁴ SUETÔNIO, A vida dos doze Césares. São Paulo: Martin Claret, 2004.

⁹⁵ GUIMARÃES, Marcella L. *Estudo das Representações de monarca nas Crônicas de Fernão Lopes (Séculos XIV E XV) - O Espelho do Rei: "Decifra-me e te devoro"* Tese no Departamento de História, Setor

o que podemos supor que ao mesmo tempo que Froissart dota Eduardo III de relações com os grandes reis e imperadores, ao mesmo tempo ele os aproxima daqueles com quem se relaciona. Uma figura extraordinária, mas real.

Um outro exemplo de discurso direto é quando temos uma rápida troca de falas entre os personagens das crônicas. Esse exemplo demonstra como o cronista por vezes parece desenvolver uma conversa rápida e cotidiana entre seus personagens:

Então demandou o rei ao de cima: “Senhores, quais as novidades?”
Eles se entreolharam sem dizer uma palavra, e diziam uns aos outros “Senhor, fale com o rei, eu não falarei diante de você”⁹⁶

Por mais que saibamos que episódios assim dificilmente ocorreram ao pé da letra como foram descritos, temos que levar em consideração que faz parte do processo de escrita de Froissart. Segundo Ainsworth, a utilização dessa maneira de se entrelaçar falas dos personagens dentro do discurso do cronista poderia ocorrer na medida em que essa seria a maneira que ele entendeu ao serem proferidos por seus entrevistados, ou simplesmente para dar características mais dramáticas aos eventos.⁹⁷

As maneiras de se colocar em prosa algum evento vinham, primeiramente, da origem das informações que foram obtidas. Mas o polimento final viria no riscar da pena do cronista para dar forma a essa memória. Em relação às batalhas, seus meios e resultados, Andrew Ayton atesta que “O que resultaria dessa construção da batalha seria com certeza formada pela personalidade do historiador, bem como por suas preocupações.”⁹⁸.

Antes que fechemos a discussão sobre o tema, precisamos ressaltar que Jean le Bel também empregava o discurso direto em suas crônicas, contudo, não tão frequentemente como Froissart. Esse emprego por parte do primeiro vinha geralmente em casos quando algum personagem fosse relatar algo. No caso da seguinte citação,

de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Prof^a. Dra. Fátima Regina Fernandes, 2004. p. 185

⁹⁶ Adont demanda le roy tout en hault: "Seigneurs, quelles nouvelles?" Ilz regarderent tous l'un sur l'autre sans mot sonner, et disoient l'un a l'autre "Sire, parléz au roy, je ne parleray point devant vous." "Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864", Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 137r.

⁹⁷ AINSWORTH, Peter. *Style Direct et Peinture... Op. Cit.* p. 498-499.

⁹⁸ "The character of the resulting battle piece would assuredly be shapped by historian's personality, as well as by his preoccupations" AYTON, Andrew; PRESTON, Philip; et al. (2005). *The Battle of Crécy (1346)*. Woodbridge, Inglaterra: Boydell Press, 2005. P. 349

vemos o cavaleiro Heinrich Münch (ou Henri le Moine de Bâle) descrever a disposição de tropas inimigas ao rei da França. Le Bel emprega o discurso direto nesse momento, buscando demonstrar a possível descrição do que o cavaleiro viu:

Sire, vostre ost est grandement espars par ces champs, si sera bien tart ainchoys qu'il soit tout assemblé, car nonne est ja passée, si vous conseille que cy faces vostre ost logier et puis demain au matin, aprez la messe, vous ordonnerez vos batailles et irez sus vos anemis en nom de Dieu et de saint George, car je suy certain qu'ilz ne fuiront pas, ains vous attendront selonc ce que j'ay peu aviser.⁹⁹

No mesmo discurso que seria descrito por Jean Froissart, podemos perceber suas características em requintar a fala do cavaleiro:

"Sire," dist le Moyne de Basselles, "je parleray, puisqu'il vous plaist, soubz la correccion de mes compaignons. Nous avons veü et consideré le convenant des Anglois. Sachiéz qu'ilz se sont mis et arrestes en III batailles bien et faiticement, et ne font semblant d'eulxfuir, mais vous attendent, ad ce qu'ilz monstrent. Si conseille, sauf meilleur conseil, que vous faciés toutes voz gens cy arrester et logier pour ceste journee. Car ainçois que les derreniers puissent venir jusques a eulx et que voz batailles soient ordonnees, il sera tart. Si seront voz gens traveilliéz, et vous trouveréz voz ennemis fors et nouveaulx et tous pourvus de leur affaire. Si pourrez le mattin vos batailles ordonner plus meurement, et a plus grant loisir aviser vous ennemis par quelle voie on les pourra mieulx combatre. Car, soiés tout seür, ilz vous attendront."¹⁰⁰

No discurso de Froissart, temos um relato em que podemos perceber vividamente como o cavaleiro se porta diante do rei: oferece seu conselho, mas se mantém humilde quanto a ele "*Si conseille, sauf meilleur conseil*", e ao mesmo tempo reporta ao rei sua visão sobre o acampamento inimigo e lhe dá sua opinião, procurando parecer convincente quanto à atitude a ser tomada.

⁹⁹ LE BEL. *Chronique, tome second ... Op. Cit.* p.101-102.

¹⁰⁰ "Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864", Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 137 r – 137v

Muitas das partes em que Froissart emprega o discurso direto na primeira versão do Livro I são em momentos que Jean le Bel também o faz. Mas, como na passagem acima, podemos ver como Froissart lapida a fala do personagem de maneira a dar mais vivacidade a ela. Ele trabalharia muito nesse aspecto, e na última versão de seu Livro I, sua crônica estaria repleta de passagens como essa.

1.3.2 - Os testemunhos orais

Ambos os cronistas tinham como características realizar coleta de testemunhos orais dos eventos narrados. Le Bel, por exemplo, justifica sua versão dos fatos: “*E para melhor informar a qualquer um como advieram esses males, contarei um pouco daquilo que sei e que busquei saber de outros e ouvi falar daqueles que estiveram onde eu não pude estar.*”¹⁰¹. O cronista ainda aponta em determinados momentos as pessoas entrevistadas para compor sua crônicas. Sobre os relatos de Crécy, do lado francês, descreve:

Eu os escrevi o mais próximo possível da verdade, do jeito que ouvi dizer de meu senhor e amigo Jean de Haynaut, que Deus o perdoe, de sua própria boca, e de dez ou doze cavaleiros e companheiros de seus acampamentos, que combateram corpo a corpo com o gentil rei da Boêmia; e também ouvi de vários cavaleiros ingleses e da Alemanha que lá estavam do outro lado.¹⁰²

Froissart não se ateu a testemunhos de uma única pessoa. Inclusive nos eventos em que foi testemunha, buscou relatos de outros participantes para enriquecer sua narrativa. Mesmo que tenha baseado seu Livro I nos relatos de Jean Le Bel, havia uma preferência pelo testemunho oral, uma vez que no tempo em que viveu o testemunho ditado de boa fé era ainda reverenciado. Dessa forma, o que podemos ler em

¹⁰¹ “*Et pour cascun mielx infourmer comment tous ces maux avindrent, j’enconteray une partie ainsi que je le sçay et que j’en ay enquis et ouï dire à ceulx qui ont esté où je n’ai mie esté*” LE BEL, *Le Vrayes Chroniques...* Op. Cit. p. xix.

¹⁰² “*Je l’ay escript au plus prez de la verité, ainsy que je l’ay ouy recorder à mon seigneur et amy messire Jehan de Haynaut, que Dieu absoulle, de sa propre bouche, et à X ou à XII chevaliers et compaignon de son hostel, qui furent en la presse avecques le poeux e gentil roy de Boheme; e si l’ay aussy ouy recorder en telle maniere à pluseur chevaliers anglès et d’Alemaigne que furent là, de l’autre partie*”. LE BEL. *Chronique, tome second ...* Op. Cit. p. 105.

suas crônicas é uma coletânea de testemunhos de diferentes indivíduos que foram apreendidos sob seu moralismo. O cronista entrevistava aqueles que encontrava pelo caminho nas hospedarias e cortes, mas também partia em busca daqueles que pudessem lhe dar um bom testemunho dos eventos¹⁰³.

Froissart mudou seus textos “inspirado” pelas tendências de seus senhores, mas também depois de ter acesso a outras fontes, sobretudo cavaleiros que nas diversas cortes que visitou lhe revelaram oralmente os segredos das lutas, nos banquetes, entre a apresentação performativa de um jogral, marcado tanto pelo vinho quanto pelas cicatrizes deixadas pelos embates¹⁰⁴.

Mas a quem Froissart creditava mais confiança ao se entrevistar eram os arautos. Estes eram, em sua época, considerados as fontes mais confiáveis e imparciais que detinham informações sobre os combates da cavalaria, aqueles que buscavam, dentro do caos do campo de batalha, identificar os nobres, seus estandartes, e memorar seus atos durante os combates.

É por pessoas tais como essas, os arautos, que Froissart aprende sobre aqueles mortos em Crécy ou sobre aqueles que morreram em Rozebeke uma geração ou mais depois; em uma segunda instância, ele é capaz de citar os número que lhe foram fornecidos.¹⁰⁵

Baseados nessa constatação, podemos adentrar uma discussão recorrente às crônicas de Froissart. Muitos historiadores o criticam por ser impreciso quanto a datas e números, principalmente das hostes. Ora, se tomarmos o trecho de Allmand acima, podemos ver que, em alguns momentos, o cronista precisava lidar com os relatos que tinha, sendo impossível comparar seus números em um evento ocorrido anos antes. Sistemáticamente, quanto mais memorável é uma batalha ao longo da história, maiores parecem ser o número daqueles que foram derrotados – o que implica mais singularidade a esses eventos. No entanto, pode ser mesmo que alterações por parte do

¹⁰³ AINSWORTH, Peter. *Jean Froissart: Chronicler...* Op. Cit.

¹⁰⁴ GUIMARÃES, Marcella Lopes. “*Aljubarrota e as vozes...* Op Cit. p. 135.

¹⁰⁵ “It is from such as these, experts in heraldry, that Froissart learns about those killed at Crécy or about those who died at Rozebeke a generation or more later; in the second instance he is able to cite numbers which he has been given.”. ALLMAND, Christopher. *The War in the Fourteenth Century...* Op. Cit.

cronista tenham sido propositais. Ainda assim, seu estilo apaixonado estabelecia relações com o leitor, seus sentimentos demonstram o amor e admiração pela cavalaria medieval, mesmo que ele próprio estivesse vivenciando sua transição para um outro mundo, uma outra cultura de guerra. Se Froissart modificou a veracidade em algum momento, não se deve a distorcer os fatos simplesmente por objetivos políticos, mas pelo simples fato de atingir o objetivo de escrever uma crônica dotada de emoção, transmitindo às gerações futuras os grandes feitos e sintomas da cavalaria.

Buscar diversos testemunhos para se compor um relato fidedigno, tentando se chegar o mais próximo da verdade a partir de várias fontes foi a maneira com que esses cronistas conseguiram ter acesso às informações necessárias para tecerem suas narrativas. Em outro sentido, os relatos orais também serviriam para atestar a legitimidade da obra, como *Le Bel* mesmo aponta no trecho supracitado.

1.3.3 - O papel dos cronistas

Froissart e *le Bel* eram clérigos que não possuíam formação universitária. Levando em consideração que muitos outros cronistas coetâneos não tinham essa formação, é possível pressupor que não seria essa formação condição para o exercício desse gênero de escrita. Seus conhecimentos provinham inicialmente dos estudos possibilitados no ambiente clerical durante suas formações. Mesmo longe de um ambiente acadêmico, e, assim como outros cronistas, tinham grandes noções históricas e culturais de sua época, pois, como cronistas da corte inglesa, tinham acesso a diversos documentos e diferentes relatos sobre seu tempo. Além disso, ambos eram bem próximos da rainha Filipa de Hainaut, bem como com a maior parte da corte de Eduardo III, possivelmente também com ele mesmo. Para Jacques Verger, uma relação direta dos cronistas com os personagens de seus relatos era de extrema importância, principalmente ao se construir uma figura ao qual buscavam exaltar.

(...) essa cultura histórica, que [os cronistas] partilhavam com o próprio príncipe e com os nobres de seu círculo, era, para eles, uma importante fonte de argumentos e de exemplos para apoiar as teses jurídicas ou políticas que eles tivessem de defender a serviço de seu mestre¹⁰⁶.

¹⁰⁶ VERGER, Jacques. *Homens e Saber... Op. Cit.* p. 42.

Ora, sendo a cavalaria a principal ordem para ele, temos uma sociedade concebida por nosso cronista como regulamentada pela nobreza, e sendo essencialmente estática, a mudança era indesejável. A sociedade era inteiramente dominada pelo passado, pela herança nobiliárquica, pelos grandes feitos que deixavam seus vestígios no presente, pelos exemplos dos ancestrais que seriam modelos a serem seguidos. “*Se por suas ações eles mudaram a natureza da monarquia, é através do passado que se transforma o espírito ‘reformador’ do século XIV*”¹⁰⁷

Tanto Le Bel quanto Froissart buscavam fazer um elogio à cavalaria, exaltar seus personagens e dar sentido às suas ações. Ainsworth inclusive comenta que os personagens das crônicas eram julgados segundo as normas da cavalaria, se suas atitudes eram cavaleirescas ou não, se eram dotadas de honra ou de covardia. Esse aspecto é muito visível nas descrições dos reis Eduardo I, um rei bravo e honrado, e de seu filho Eduardo II, julgado como covarde.

No entanto, como apontado por Andrew Ayton, no caso da batalha de Crécy (1346), pode-se verificar visivelmente a parcialidade dos cronistas em favor da cavalaria. Ayton comenta que “*não foi um evento cavaleiresco: se tivesse sido, seria inconcebível a vitória inglesa*”¹⁰⁸. Mesmo que se tratasse de um evento em que a cavalaria tivesse sucumbido a uma tática de combate diferente da do código da cavalaria, Froissart e Le Bel tratam esse combate como grandes momentos bélicos de luta cavaleiresca. Le Bel, no título de sua crônica dedicado a esse momento, escreve “*Cy poez ouir de la merveilleuse bataille de Cressy*”¹⁰⁹, introduzindo o leitor ao que aparenta ser uma grande batalha, ainda que dentro de seu texto não dê o tom de uma *merveilleuse* batalha, e sim algo sofrido e desastroso para um dos lados.

Isso também é possível de se verificar na passagem na qual Froissart conclui a batalha. Aqui, mesmo que reconheça que tinha sido uma batalha difícil e cruel, não deixa de fazer menção, ao concluir seu pensamento, de que foi um embate cavaleiresco:

Ceste bataille faite ce samedi entre Broie et Crecy fut moult
felonnesse et tres horrible, et y advindrent maints beaux fais

¹⁰⁷ LEWIS, P.S. *La France à la fin du Moyen Age*. Paris: Hachette, 1977. p. 42-3.

¹⁰⁸ AYTON, Andrew; PRESTON, Philip; et al. (2005). *The Battle of Crécy (1346)...* Op. Cit. p. 343.

¹⁰⁹ LE BEL. *Chronique, tome second ...* Op. Cit. p. 99

d'armes qui ne furent mie tous a congnoissance, car quant labataille commença il estoit moult tart.¹¹⁰

Mesmo que o objetivo principal fosse retratar os grandes feitos da cavalaria, em diversos momentos ambos os cronistas dão espaço a um corpo militar que foi conquistando cada vez mais espaço dentro do estilo de guerra inglês. Ao falar dos arqueiros ingleses, Froissart não os julga como anti-cavaleirescos, ou com atitudes que fossem de encontro às do código da cavalaria. Muito pelo contrário, reconhece o profissionalismo desse grupo de indivíduos anônimos às suas páginas que trouxeram enorme sucesso e incontáveis vitórias à Inglaterra. Aprecia sua organização, coragem e obediência às ordens, numa época em que não era incomum a desorganização de um ataque de cavalaria.

Ao mesmo tempo, devia ser duro para Froissart escrever que sua tão amada e nobre cavalaria sucumbia às flechas dos arqueiros, dos quais trataremos no capítulo seguinte. É curioso ver como ao invés de odiar os arqueiros ingleses por vencerem a cavalaria de forma não-honrosa para ele, ele os admira por suas qualidades. Voltar às fontes para elucidar a consideração do cronista colabora para enriquecer o testemunho de Froissart.

¹¹⁰ “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 139r.

Capítulo 2 – Froissart narra o seu tempo: os reis e guerreiros da Inglaterra.

Enquanto esteve na corte inglesa, Jean Froissart foi tratado como cronista oficial do reino inglês, principalmente porque estava sob tutela da rainha Filipa de Hainaut. As oportunidades de viagens para a coleta de diferentes relatos, bem como o de seus próprios testemunhos, tornam a sua obra rica em aspectos que se referem ao modo de coletar as informações e à matéria narrada.

Suas viagens pelos territórios pertencentes à coroa inglesa e de outros reinos vizinhos possibilitaram interpretações variadas sobre os diversos fatos. Destes, o cronista precisou filtrar e selecionar testemunhos para redigir sua prosa, algo que o historiador contemporâneo também tem em comum na construção da narrativa histórica – ter de lidar com uma gama de informações, e a partir de suas interpretações, organizar uma narrativa de forma a transmitir o conhecimento.¹¹¹ No caso do cronista, uma narrativa que foi reconstruída ao longo de sua vida, na medida em que ele se permitiu revisar suas obras e reorganizar suas impressões sobre o tempo.

Froissart nos elencou uma boa percepção sobre os momentos antecedentes aos conflitos entre França e Inglaterra na Guerra dos Cem Anos. Buscou, dessa forma, entender qual era o panorama desses eventos, bem como apontar os fatores políticos envolvidos. Mesmo que tenha se apoiado nas crônicas de Jean le Bel na sua primeira redação do livro I, ao fazer parte da corte inglesa o cronista teve acesso a informações que Le Bel possivelmente não havia tido. Assim, podemos afirmar que, independente da imparcialidade proposta por Froissart no Prólogo de suas crônicas, é visível a predominância das ações políticas por parte do reino inglês, algo que por ser cronista da corte inglesa, teve melhor contato e definiu seu ponto de vista.

Quando chegou à Inglaterra, no ano de 1362, Froissart ingressou na corte do rei inglês Eduardo III. O rei, nascido no ano de 1312, foi o oitavo da Dinastia dos Plantageneta. Nosso trabalho, contextualizado sobretudo no reinado de Eduardo III, visa também abordar a construção deste rei como uma figura de poder, respeito e admiração. Por que não dizer, uma figura cavaleiresca? Não apenas para legitimar seu poder mas possivelmente para legitimar a constituição de sua representação como cavaleiro, Eduardo III além de tudo tinha a responsabilidade de ser um rei exemplar. Segundo o

¹¹¹ RICOEUR, Paul. *Tempo de Narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

próprio Froissart, o rei é o cavaleiro ideal¹¹², figura cavaleiresca a ser almejada. Logo, as ações deste, não apenas de cunho militar, mas também as políticas, precisam ser destacadas.

No caso do referido rei, embora a dinastia Plantageneta já estivesse consolidada, a própria figura real da mesma dinastia carregava uma herança de flutuação no que toca à sua admiração, ou seja, houve casos em que os reis tinham seu poder contestado e ameaçado, mas por vezes tinham a admiração e respeito de seus súditos, e afirmação de seu poder perante eles. Eduardo III, então, precisaria seguir os passos dos grandes reis de sua dinastia, e, sobretudo, reparar a representação da figura real herdada de um governo de seu pai, Eduardo II, tido como ruim por seus contemporâneos. Nesse momento, adentraremos brevemente na discussão da dinastia dos Plantageneta a fim de podermos compreender o legado de Eduardo III e as expectativas em cima de sua figura, principalmente no meio bélico, e por fim, apontar alguns dos principais aspectos do contexto militar no qual este rei se inseriu e que cronista Jean Froissart nos memorou.

2.1 – A Dinastia dos Plantageneta - crise política e imagens

O reinado dos Plantageneta na Inglaterra iniciou-se em 1154, e teve como primeiro rei Henrique II (1133-1189). Essa dinastia tinha raízes de nobreza francesa, sendo que podemos remontar seu início ao Conde de Anjou Godofredo V (1113 – 1151)¹¹³. Seu escudo tinha como emblema a planta giesta (em latim medieval, *planta genista*)¹¹⁴, ao qual recebeu o apelido e, posteriormente, o nome da dinastia. O conde casou-se com a única herdeira do rei Henrique I da Inglaterra (c. 1068 – 1135), Matilda. Seu filho, Henrique, seria o primeiro rei da Inglaterra dessa nova dinastia, Henrique II. Henrique casou-se com Eleonor da Aquitânia (1137 – 1204), sendo suserano de territórios continentais do Ducado da Normandia, Bretanha, Aquitânia, Gasconha,

¹¹² “Paris mss. fr. 6477-6479” Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOnline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014], Fol. 3r.

¹¹³ Por ter procedência do condado de Anjou, a dinastia também tem a alcunha de “Angevino”.

¹¹⁴ O nome veio apenas posteriormente, com o Duque de York Ricardo, que definiu a dinastia com esse nome, tanto para seus ancestrais como para seus futuros herdeiros. Isso ocorreu principalmente para reforçar sua descendência do Conde de Anjou em meio ao turbulento conflito da Guerra das Duas Rosas (1455-1487). PLANT, John S. *The Tardy Adoption of the Plantagenet Surname. Nomina* Volume 30, 2007. p. 57-84.

Anjou, Maine, Tourraine, Poitou, Le Marche, Auverne e Toulouse; bem como rei da Inglaterra, lorde da Irlanda, também controlando alguns territórios como Gales e Escócia (Ver anexo 1). Durante seu reinado, o reino inglês atingiu sua máxima expansão em controle territorial no medievo, e que no século XIX os historiadores chamariam de “Império Angevino”¹¹⁵, embora na Idade Média não se tivesse uma consciência de império neste, mas sim de territórios sob controle da coroa inglesa.¹¹⁶

Após a morte de Henrique II, seu filho Ricardo I (1157 – 1199) assumiu o trono inglês, sucedido por seu irmão João-Sem-Terra (1166–1216). A morte de Ricardo I, sem herdeiros, daria início ao declínio da expansão Angevina iniciada com Henrique II, pois João-Sem-Terra assumiria o trono inglês por ordem de sucessão fraternal, segundo a lei Normanda de sucessão¹¹⁷. João, a fim de pacificar os territórios sob o comando inglês no continente, assinou o Tratado de Le Goulet em 1200, em que reconhecia o rei francês Felipe Augusto como senhor feudal dessas terras de João I. Isso também propiciou ao rei inglês o apoio do reino da França na querela de legitimação de seu direito como rei da Inglaterra frente ao sobrinho Artur, filho de Godofredo, seu irmão mais velho que morrera antes de Ricardo I. Com esses termos, João-Sem-Terra foi relatado como João *Soft-Sword*¹¹⁸, por adotar uma política externa diferente da de seu irmão Ricardo I, que por exercê-la de forma agressiva tinha a alcunha de Ricardo Coração de Leão.¹¹⁹

Embora o reinado de João tenha sido considerado ruim por seus contemporâneos devido às perdas territoriais, foi o primeiro rei Plantageneta nascido em território inglês, e isso foi importante para criar uma identidade dinástica do próprio reino. De acordo com Malcolm Vale: “Ao fim do reinado [de Henrique III, ele] era indisputavelmente um rei inglês e os homens estavam começando a pensar nos Plantageneta como uma dinastia inglesa”¹²⁰, consolidando um dinastia que começava a

¹¹⁵ NORGATE, Kate. *England under the Angevin Kings*. Nova York: Haskell House, 1969. P. iii.

¹¹⁶ AURREL, Martin. *L'empire des Plantagenêt*. Comstock Park, (Estados Unidos): Perrin, 1984. p. 11.

¹¹⁷ BARLOW, Frank. *The Feudal Kingdom of England, 1042–1216*. Harlow, (Reino Unido): Pearson Education, 1999. P. 305.

¹¹⁸ “Espada suave”, no português. WARREN, W. Lewis. *King John*. Londres: Methuen, 1991. P. 63

¹¹⁹ TURNER, Ralph V.; HEISER, Richard R, *The Reign of Richard Lionheart, Ruler of the Angevin empire, 1189–1199*, Harlow (Reino Unido): Longman, 2000. p. 71

¹²⁰ “By the end of [Henry III's] reign [he] was indisputably an English king and men were beginning to think of the Plantagenets as an English dynasty”. VALE, Malcolm. *The Origins of the Hundred Years War. The Angevin Legacy 1250-1340*. Oxford: Clarendon, 1996. p. 10.

firmar uma identidade, com reis nascidos dentro da própria Inglaterra, inseridos dentro do seio cultural inglês.

Adentraremos agora a exploração das figuras dos rei Eduardo I e Eduardo II, onde podemos ver relações com nosso trabalho na medida em que o governo e a representação de cada um influenciaria nas expectativas do reinado de Eduardo III. Assim, apontaremos o contexto que Eduardo I e Eduardo II viveram e a representação que foi construída em relação a eles. Ambos teriam grande impacto no novo método de batalha que seria empregado pelos ingleses ao longo do século XIV.

Dando início com Eduardo I (1239 – 1307), sucessor de Henrique III, este viveu um reinado contestado inicialmente devido aos problemas de sucessão ocasionados pelos filhos de Henrique II. Superada essa fase, Eduardo I se tornou um dos grandes reis da Inglaterra medieval, responsável por várias conquistas territoriais e políticas. Seu nome homenageava o último rei anglo-saxão – Eduardo o Confessor, e seu reinado acabaria a instabilidade política vivida há muitos anos.

Antes de se tornar rei, Eduardo envolveu-se em uma expedição cruzadística à Terra Santa, conquistando assim reputação militar e de homem pio.¹²¹ Seu reinado seria importante pela expansão dos domínios ingleses nas ilhas britânicas. Frente às perdas territoriais nos governos de seu avô e seu pai, Eduardo realçou a Inglaterra novamente ao status de potência.

Uma das conquistas mais importantes empreendidas pelo rei foi a de Gales. Eduardo I empregou uma tática de construção de castelos para manter pontos-chave dos terrenos que eram conquistados, pois os galeses eram um povo que até então conseguia se defender com táticas de investidas curtas e retiradas eficientes. Nas regiões montanhosas de Gales, muitas táticas de perseguição de cavalaria, modo de batalha inglês herdado ainda dos normandos, dificultavam o processo de conquistas de se infligir uma derrota campal significativa.¹²²

A tática de Eduardo de assentamentos em determinados terrenos e cidades capturadas possibilitou a assimilação completa do reino de Gales. No processo de conquista, o príncipe Llywelyn Gruffydd e seu irmão mais novo Dafydd foram capturados em combate, enforcados, desmembrados e suas cabeças expostas na Torre de Londres. Seus filhos foram mantidos cativos para evitar qualquer possibilidade de

¹²¹ VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain 1066 – 1485*. Londres: Robinson, 2011. p. 277.

¹²² SILVA, Victor Deodato da. *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média*. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. Itatiaia: EDUSP, 1990. p. 111-112.

insurreição por parte dos galeses.¹²³ O reino de Gales foi “... *a conquista completa de uma principalidade vizinha e a obliteração de sua futura independência*”¹²⁴, bem como considerada a primeira colônia inglesa, principalmente junto com o processo de conquista da construção de castelo e de uma imigração de ingleses que se seguiria para habitar estas localidades.¹²⁵

Ao norte, o processo de expansão contra os escoceses ocorreu após a morte do rei escocês Alexandre III. Como não possuía herdeiros, a sucessão do reino foi disputada por vários barões, mas a principal disputa ficou entre Robert Bruce e John Balliol, ambos de descendência normanda. Alexandre III prestava homenagem ao rei inglês por territórios que detinha no sul do reino escocês, mas que pertenciam à coroa inglesa.¹²⁶ Eduardo foi chamado para arbitrar no processo de sucessão uma vez que era suserano do antigo rei, mas a condição que ele impusera seria de ser reconhecido senhor do reino.¹²⁷ Até a escolha de John Balliol pelos barões, Eduardo regeu o reino escocês, mas mesmo depois de ter um novo rei da Escócia, o rei inglês continuou com sua mão sobre esses territórios.¹²⁸

Posteriormente, uma aliança escocesa com franceses frente a intermitentes sentimentos de abuso de poder por parte da coroa inglesa fez eclodir um conflito anglo-escocês. Eduardo os derrotou violentamente em 1296, depôs Balliol e colocou-o na Torre de Londres, confiscou a pedra de coroação escocesa “Pedra do Destino” e instalou um governo inglês no reino.¹²⁹

A insurreição escocesa veio a partir da liderança de William Wallace, que infligiu vitória a um número superior de combatentes ingleses da cavalaria em Stirling Bridge (1297).¹³⁰ No entanto, Eduardo I liderou os ingleses na vitória em Falkirk (1298). Apesar desse sucesso militar, os ingleses não conseguiriam dominar novamente

¹²³ VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain... Op. Cit.* p. 283.

¹²⁴ “...*The complete conquest of a neighbouring principality and the obliteration of its future independence*”. *Idem.* P. 284

¹²⁵ PRESTWICH, Michael. *Edward I.* New Haven, (Estados Unidos): Yale University Press, 1997. p. 216.

¹²⁶ *Idem.* p. 357.

¹²⁷ POWICKE, F. M. *The Thirteenth Century, 1216–1307 (2ª ed.)*. Oxford, (Reino Unido): Clarendon Press, 1962. p. 601.

¹²⁸ PRESTWICH, Michael. *Edward I... Op. Cit.* p. 361-363.

¹²⁹ *Idem.* P. 473-474

¹³⁰ VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain... Op. Cit.* p. 289

os escoceses, que passaram a evitar batalhas maiores e preferiram fazer *raids* ao norte da Inglaterra.¹³¹

Mesmo assim, dentro de alguns anos muitos dos nobres escoceses aliaram-se novamente aos ingleses. No entanto, um dos nobres, Robert Bruce¹³² coroou-se rei da Escócia e novamente confrontou a coroa inglesa. Embora os escoceses sofressem sucessivas derrotas, Eduardo não conseguia dar o golpe final para conquistá-los e dominar esse reino. Enquanto a conquista dos galeses foi um dos grandes trunfos do rei, contra os escoceses a dominação nunca conseguiu ter êxito total¹³³.

Após essa breve introdução sobre o rei inglês, veremos agora como Froissart tratou de resgatá-lo em suas crônicas e entendermos melhor como ele enxergava a representação desse monarca.

2.2 As representações de Eduardo I e Eduardo II

A retomada à figura do rei Eduardo I nas crônicas de Froissart se dá em um momento no qual o cronista procura definir as qualidades do monarca Eduardo III, bem como comparar este aos reis precedentes. De forma a exaltar o neto de Eduardo I, Froissart descreve o antigo rei como “*valente, sábio e intrépido na medida e afortunado em proezas militares*”¹³⁴. Ainda destaca a importância deste rei na política inglesa que se perpetuava até então, ressaltando as bem-aventuradas campanhas contra os escoceses. Como já observamos anteriormente a respeito de suas campanhas, a opinião de Jean Froissart é de que, “[*ele*] se ocupou muito contra os escoceses e conquistou-os três ou quatro vezes, e os escoceses nunca conseguiriam qualquer vantagem que perdurasse, nem qualquer vitória sobre ele.”¹³⁵

¹³¹ PRESTWICH, Michael. *Plantagenet England: 1225–1360*. Oxford: Oxford University Press, 2007. P. 233

¹³² Neto do barão de mesmo nome que estava envolvido no processo de sucessão da coroa escocesa anos antes.

¹³³ VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain... Op. Cit.* p. 290

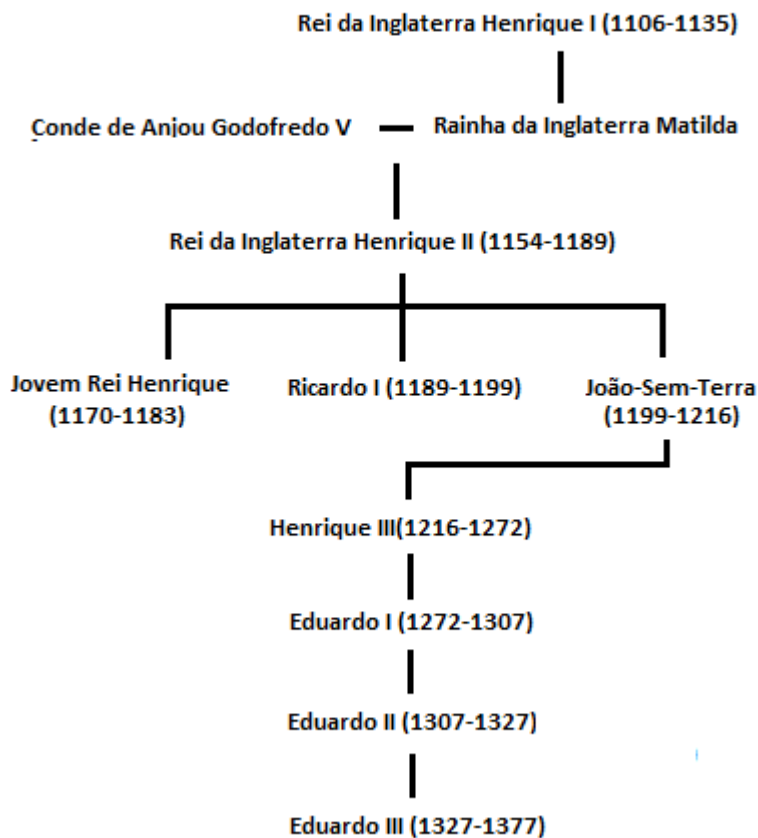
¹³⁴ “*vallant, sages et hardis preudomme, et entreprenant et bien fortuné en faiz de guerres*”. Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014], Fol. 2v. Sobre a *prud’homie*, Jacques le Goff afirma: “*Ora, a prud’homie se caracteriza por uma disciplina de moderação, de temperança, de sabedoria, de senso de medida em todas as coisas*”. LE GOFF, Jacques. *São Luís. Biografia*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2002. p. 553.

¹³⁵ “*(...)et ot moult a faire contre les Escocs et les conquist trois fois ou quatre, et ne peurent oncques les Escocs avoir duree ne victoire contre lui*”. *Idem, Ibidem*.

Muito desse propósito comparativo foi a ponto de diferenciar Eduardo III de seu pai, Eduardo II, cujo reinado fora julgado como ruim por seus contemporâneos. Com Froissart temos uma crítica enfática ao governo deste rei.

Quando [Eduardo I] morreu, seu filho de seu primeiro casamento [Eduardo II], que foi o pai do nobre rei Eduardo III, foi coroado, e nem remotamente se parecia com ele em senso ou proeza, assim governando e mantendo seu reino de maneira vaga com os conselhos dados a ele, pelos quais posteriormente sofreu terrivelmente.¹³⁶

Linhagem dos Plantageneta até Eduardo III e seus reinados



Parte do imaginário negativo de Eduardo II está atrelado à questão de seu governo fracassado e de sua possível homossexualidade. Embora uma parcela da

¹³⁶ "Et quant il fut trespassé, son filz de son premier mariage, qui fut pere au gentil roy Edoart, fut couronné après lui, qui point ne lui ressembla de sens ne de proesce. Ainçois gouverna et maintint son royaumesau vagement pour le conseil d'autrui, dont puis il lui meschey laidement" Idem, *Ibidem*.

bibliografia contemporânea aponte que essa característica havia sido construção da era vitoriana para denegrir o antigo rei por privilegiar o nobre Piers Gaveston¹³⁷, algumas fontes medievais atestam que o rei tinha relações “sodomitas”.¹³⁸ O fato é que, independente das relações sexuais que Eduardo II tinha, sua aproximação com Gaveston causou muitos desconfortos entre a nobreza, não tanto pela questão de aversão à heresia, mas sim pela inveja política pela proteção e preferência a um determinado indivíduo, hierarquicamente inferior a muitos outros condes e duques. Para Vincent, “*Patronato, a decisão de quem promover e quem deixar de lado, sempre foi um dos mais invejosamente protegidos dos poderes reais, menos suscetível a limitação*”¹³⁹. Se formos levar em consideração o momento apontado por Froissart da principal causa do insucesso de Eduardo II, os conselhos de pessoas influentes próximas a ele (privilegiadas) levariam-no ao fracasso político.

Froissart mostra os três Eduardos de maneira a situar o segundo como um “buraco” entre dois bons reinos da Inglaterra, o do Bom (*bon*) Rei Eduardo (I) e o do Estimado (*gentil*) Rei Eduardo (III). Retomando um dizer inglês que remontava às épocas do rei Artur, Froissart aponta que Eduardo II e seu reinado seriam parte dessa “sina” da política inglesa,

Coisa incontestável é que a opinião dos ingleses comumente é tal que, assim como vimos na Inglaterra depois do tempo do nobre rei Artur, que entre dois bravos reis há sempre um menos dotado de sensatez e proeza. Isso é visível com o rei Eduardo [II] de quem falei há pouco.¹⁴⁰

¹³⁷ VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain... Op. Cit.* p.299

¹³⁸ MORTIMER, Ian. “*Sermons of Sodomy: A Reconsideration of Edward II's Sodomitical Reputation*”. In DODD, Gwilym; MUSSON, Anthony. *The Reign of Edward II: New Perspectives*. Woodbridge, (Reino Unido): York Medieval Press, 2006. p. 50-52.

¹³⁹ “*Patronage, the choice of who to promote and who to keep out, has always been one of the most jealously guarded of royal powers, least susceptible to limitation*” VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain... Op. Cit.* p. 300.

¹⁴⁰ “*Certain chose est que l'opinion des Anglois communement est telle, et l'a on veü avenir en Angleterre puis le temps du gentil roy Artus, que entre deux vaillans roys a tousjours eu ung moins souffisant de sens et de proesce. Asséz apparant est par le roy Edouart dont je parloie maintenant,*” “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 2v.

Eduardo II falharia em manter os territórios conquistados pelo pai, e dentre tantos outros fatores de conflito com a nobreza, seu governo foi marcado por perdas políticas, militares, bem como de apoio da nobreza. Contra os escoceses, o fracasso foi tamanho que pelo ponto de vista de alguns cronistas, incluindo Froissart, Eduardo II anulou as próprias vitórias de Eduardo I.

Logo após a coroação de Eduardo, Robert Bruce da Escócia aproveitou a vulnerabilidade do momento de transição régia e atacou novamente o norte dos territórios do reino da Inglaterra. Diferente do pai, Eduardo II não obteve sucesso em conter essa invasão e sucumbiu diversas vezes às investidas escocesas. Uma das maiores derrotas sofridas por Eduardo II foi no campo militar, ponto que nos interessa dentro dessa análise.

Se formos comparar com as proezas militares de Eduardo I, o filho falhou completamente na continuidade da figura real como cavaleiro ideal por não conseguir obter vitórias militares significantes para o reino da Inglaterra, e também, por ser derrotado diversas vezes em combates que apreciavam a seu favor. Mesmo que isso fosse retomado com mais força com Eduardo III, ao que os cronistas que escreviam sobre a cavalaria nos apontam, Eduardo II não tinha liderança militar para controlar seus marchais, nem mesmo conhecimento suficiente das táticas de guerra ou de seus inimigos. Isso causava grande desconfiança em seus líderes militares, e fazia com que o monarca fracassasse em inspirar os outros guerreiros para o combate. A figura militar de Eduardo II era fraca segundo seus próprios contemporâneos, principalmente se comparada a de seus antecessores.

A derrota dos ingleses pelos escoceses na Batalha de Bannockburn (1314) marcaria o que Vincent classifica como a maior derrota na História da Inglaterra.¹⁴¹ É deveras complicado afirmar tal fato. Mas as consequências dessa batalha foram tão impactantes, e a figura régia de Eduardo II era tão rejeitada, que as proporções de um desastre se encaixam perfeitamente nesse fato. Se quisermos entender esses argumentos, precisamos levar em consideração o fato de que um rei que colocasse glórias anteriores a perder, principalmente no campo militar, comprometeria a sua representação, durante esse período da Idade Média.

De acordo com Victor Deodato da Silva, a derrota foi atribuída ao rei Eduardo II principalmente pelo fato deste rei não conseguir ter qualquer controle sobre os nobres e

¹⁴¹ VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain... Op. Cit.* p. 301-302.

permitir que qualquer tipo de tática fosse desmantelada com investidas esparsas e desorganizadas¹⁴². Frente a um corpo de infantaria escocesa, principal método de combate desse povo, grupos circulares de lanceiros, ou *schyltrons*, a organização defensiva em campo propício foi a combinação perfeita para aniquilar o ataque inglês. A derrota da cavalaria seria marcante para uma figura régia de uma cultura cavaleiresca. Desastrosa. Seguido ao episódio, a fome se espalhou pela região norte da Inglaterra, causando mais frustração com a liderança do rei.¹⁴³

O tom de Froissart em relação a esse momento é de forte crítica:

Logo após ele [Eduardo II] ter sido coroado, Robert Bruce, rei da Escócia, que tinha causado tantos problemas ao Bom Rei Eduardo [I] - conhecido por suas grandes proezas - reconquistou toda a Escócia, incluindo a cidade de Berwick-upon-Tweet¹⁴⁴. Ele duas vezes queimou e arrasou grandes áreas do reino da Inglaterra em quatro ou cinco dias de marcha país adentro. Ele derrotou esse rei [Eduardo II] e todos os barões da Inglaterra em um local na Escócia chamado Stirling¹⁴⁵, em uma batalha campal decisiva. A perseguição que se seguiu a essa derrota durou dois dias e duas noites, e o rei fugiu para Londres com poucos de seus homens.¹⁴⁶

Eduardo II também viveu um casamento conturbado. Após várias tentativas anuladas, como com a princesa da Noruega e com a filha do conde de Flandres, a ideia de casar com a filha do rei francês Felipe IV, o Belo, possibilitaria um fortalecimento nos territórios da Aquitânia, além de proporcionar uma injeção de fundos no fisco régio inglês.¹⁴⁷ No entanto, o rei francês dificultou muito a negociação do casamento, e por

¹⁴² SILVA, Victor Deodato da. *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Media... Op. Cit.* p. 113

¹⁴³ VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain... Op. Cit.* p. 302

¹⁴⁴ Norte da atual Inglaterra

¹⁴⁵ A Batalha de Bannockburn ocorreu em 1314, na região próxima à cidade de Stirling, que é a tratada nessa passagem. A Batalha de Stirling, em 1297, também ocorreu próximo a essa região, mas embora as localizações sejam próximas e o ponto de referência, Stirling, seja o mesmo, as nomeações foram diferenciadas.

¹⁴⁶ “Car asséz tost après ce qu’il fut couronné, le roy Robert de Breux, qui estoit roy d’Escoce, qui avoit tant et si souvent donné a faire au bon roy Eduart dessus dit, que on tenoit pour moult preux, reconquist toute Escoce et la bonne cité de Bervich avec, et ardit et gasta grant partie du royaume d’Angleterre, quatre journées ou cinq dedens le paÿs par deux fois. Et desconfist celui roy et tous les barons d’Angleterre en ung lieu d’Escoce que on dit Estrumelin, par bataille rengee et arestee. Et dura la chace de ceste desconfiture par deux jours et par deux nuitz, et s’en affouy le roy a moult pou de ses gens jusques a Londres.” “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 2v.

¹⁴⁷ BROWN, Elizabeth A. R. *The Political Repercussions of Family Ties in the Early Fourteenth Century: The Marriage of Edward II of England and Isabelle of France. Speculum* nº63, 1988. p. 575

fim, concordou com muita esperteza realizá-lo sob várias condições, tanto na questão de dotes quanto nos detalhes administrativos da região da Aquitânia, pela qual o rei inglês deveria prestar homenagens ao rei francês. O Tratado de Paris (1303), acordo decidido com os detalhes desse casamento, causaria dores de cabeças constantes para Eduardo III em relação aos territórios do sudoeste do reino francês.¹⁴⁸

Isabela da França, rainha da Inglaterra no momento, teve vários desentendimentos políticos com o próprio rei, principalmente por questões de favorecimento de famílias, como pela proximidade do rei com os Despenser, os quais alguns dos nobres próximos de Isabela tinham rixas territoriais. A rainha por diversas vezes apelou ao irmão, rei da França, por intervenções em diversos assuntos, quase levando a guerras entre ingleses e franceses. Eduardo II teve de se resignar várias vezes às situações políticas iniciadas pela rainha, complicando ainda mais seu governo¹⁴⁹. Nesse ínterim, Eduardo II abdicou dos territórios da Aquitânia em favor do filho, procurando evitar mais problemas de suserania com o rei francês. A rainha Isabela, estando na França com o objetivo de negociar muitas dessas situações, aliou-se, possivelmente também teve relações com ele, com um nobre inglês exilado na França, Roger Mortimer.¹⁵⁰ Ambos tramaram intensamente para tirar Eduardo II do trono inglês, visando colocar o jovem Eduardo em seu lugar.¹⁵¹

Invasões de tropas francesas e outros liderados por Roger Mortimer à Inglaterra tiveram efeito imediato, uma vez que Eduardo II e os Despenser, que auxiliam no governo, eram largamente desaprovados. Após diversos conflitos, o rei, derrotado, abdicou do trono em favor de seu filho Eduardo III.¹⁵² O antigo rei foi mantido prisioneiro e morreria meses depois.¹⁵³

2.3 - Eduardo III: restauração e nova energia para a guerra.

O rei que iremos tratar aqui, principal foco desse momento, teria de lidar com todos os problemas herdados principalmente do pai e governaria na esperança de

¹⁴⁸ PHILLIPS, Seymour. *Edward II*. New Haven, (Estados Unidos): Londres: Yale University Press, 2011. p. 131-134.

¹⁴⁹ *Idem*. p. 472-476

¹⁵⁰ *Idem*. p. 488-489 e VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain... Op. Cit.* p. 305.

¹⁵¹ PHILLIPS, Seymour. *Edward II ... op cit.* p. 489.

¹⁵² *Idem*. p. 536, 539.

¹⁵³ *Idem*. p. 548.

exercer um governo semelhante ao de seus predecessores, tais como Henrique II e Eduardo I.

Eduardo nasceu em 13 de Novembro de 1312, em Windsor, recebeu por muitas vezes a alcunha de Eduardo de Windsor durante sua vida.¹⁵⁴ Foi coroado rei ainda jovem. Froissart aqui demonstra que “*Era o ano da Graça de Nosso Senhor de 1326, no dia de Natal, e nessa época, podia ter em torno de 16 anos (...)*”¹⁵⁵. Apesar da idade, os nobres julgavam que “*(...)o país não podia demorar muito tempo sem senhor(...)*”¹⁵⁶, principalmente pelo anterior governo de Eduardo II.

Mas eles fizeram um acordo de que seu filho mais velho, que lá estava presente e era seu sucessor por direito, seria assim coroado no lugar do pai, contanto que tomasse bons, sábios e fiéis conselhos dos que o acompanhassem, pois o país e o reino seriam melhor governados assim do que haviam sido anteriormente. E que o pai fosse bem vigiado e alojado segundo sua condição real enquanto pudesse viver.¹⁵⁷

Um dos aspectos que podemos brevemente apontar aqui é em relação à data de coroação. Nas crônicas de Froissart, a data desse evento foi no Natal. No entanto, Jean le Bel não comenta nada sobre uma data específica, mas também confirma o ano, 1326. “*l’an de grâce mil iiic et xxvi, par devant tout le pays, à grand joye et à grand noblesse, en l’aage de seize ans, à l’entrée.*”¹⁵⁸ No entanto, se buscarmos a data de coroação na bibliografia consultada, teremos a data de 1 de Fevereiro de 1327. Caso tenha havido alguma alteração proposital na data, para Froissart o dia de Natal parece muito propício para se ter a data de coroação de um rei, data do nascimento do Messias, bem como da coroação de Carlos Magno.¹⁵⁹ Inclusive, se o ano apontado, segundo essa bibliografia,

¹⁵⁴ MORTIMER, Ian. *The Perfect King: The Life of Edward III, Father of the English Nation*. London: Jonathan Cape, 2006. p. 21.

¹⁵⁵ “*Ce fut l’an de grace Nostre Seigneur mil CCC XXVI, le jour de Noel, et pouoit adoncques avoir environs XVI ans (...)*” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 11r.

¹⁵⁶ “*(...) le país ne pouoit demourer longuement sans seigneur*” *Idem.* Fol. 10v.

¹⁵⁷ “*Mais ilz s’accorderent que son ainsné filz, qui la estoit present et estoit son droit hoir, feust tantost couronné au lieu du pere, mais qu’il preist bon conseil et sage et feable entour lui, par quoy le país et le royaume de la en avant feussent mieulx gouvernéz que esté n’avoient. Et que le pere feust bien gardé et honnestement tenu, tant que vivre pourroit, selon son estat.*” *Idem.* Fol. 11v.

¹⁵⁸ LE BEL, *Le Vrayes Chroniques*. Bruxelas: F. Heussner, 1863. p. 31.

¹⁵⁹ Tanto Mortimer, quanto Vincent e Phillips apontam a data em Fevereiro de 1327.

para o nascimento do rei é do ano de 1312¹⁶⁰, houve um engano quanto às datas. Eduardo teria, em Fevereiro de 1327, quinze anos e quase três meses de idade, nada próximo de 16 anos ainda.

Eduardo III casou-se com Filipa de Hainaut em 1328. Seu casamento havia sido prometido pela mãe do rei inglês, Isabela de França, para fortalecer as relações diplomáticas dos inimigos de seu marido Eduardo II na região flamenga¹⁶¹. Após isso, Jean de Hainaut, irmão do conde de Hainaut e tio de Filipa, tornou-se um cavaleiro de presença constante no reino inglês. Cabe aqui lembrar que foi Jean de Hainaut que encomendou a primeira versão das crônicas de Froissart. Esse cavaleiro foi intermediário do casamento de sua sobrinha com Eduardo III, bem como encarregado no início do reinado deste dos assuntos bélicos em Flandres.

Lá [em Westminster] foi grandemente homenageado e servido pelo nobre cavaleiro Sir Jean de Hainaut, e por todos os príncipes e nobres do país. Todos esses presentes, que permaneceram a seu lado, receberam muitas joias de valor.¹⁶²

Logo no início de seu reinado, suas principais preocupações foram resolver os problemas do norte inglês, em conflito com a Escócia, e dos territórios da Aquitânia. Na Escócia, Eduardo III precisou apoiar uma das facções de nobres escoceses para que sua influência pudesse crescer na região. A figura do jovem Eduardo III, “*que desde então foi tão grandioso e afortunado nas armas*”¹⁶³, seria construída inicialmente por suas proezas no campo de batalha, mas na historiografia moderna, também apontado como um revolucionário no campo militar.

Numa das batalhas mais importantes para a construção de uma nova tática militar, Eduardo não estava presente, mas tratou de enviar um de seus barões para apoiar um dos nobres escoceses que reivindicava o trono na Escócia. Froissart não lembra que já jovem o rei escocês Robert desafiou o rei inglês,

¹⁶⁰ <http://www.oxforddnb.com/index/8/101008519/> Acesso em 03/08/2014.

¹⁶¹ MORTIMER, Ian. *The Perfect King: The Life of Edward III ...* Op. Cit. p. 46.

¹⁶² “*Et la fut tresgrandement honnouréz et servi du gentil chevalier messire Jehan de Haynault, de tous les princes et de tous les nobles du país. Et la furent donnéz grans joyaulx et tresriches atout les compaignons qui demouréz estoient deléz lui.*” “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 11r.

¹⁶³ “*qui tant a esté eureux et fortunéz en armes*” *Idem, Ibidem.*

Como Eduardo ainda era jovem e os barões do reino não concordavam muito uns com os outros, ou pelo menos era o que aparentava, e porque alguns dos mais invejosos e alguns membros da família Despenser fizeram-no entender que ele poderia seguramente dar início à invasão e conquistar parte da Inglaterra.¹⁶⁴

O primeiro encontro de grandes proporções foi em Duplin Moor, em 1332, contra o filho do então falecido rei escocês, David II. Sob a liderança de Henrique de Beaumont, da Inglaterra, e Eduardo Balliol, uma nova tática de batalha foi montada para fazer frente àquelas utilizadas pelos escoceses, e viraria tendência nos próximos conflitos ao longo do século XIV e início do XV.

Organizados em três batalhões, a hoste inglesa contaria agora com arqueiros dispostos nos flancos do exército inglês, além de estar em posição defensiva, pois estavam se defendendo da invasão dos escoceses. Desse modo acabariam com a investida dos escoceses, não apenas matando, mas causando pânico e desordem, já que os escoceses não usavam elmos e grande parte dos guerreiros foi alvo de flechas na cabeça. O pânico ocasionaria a maioria das mortes do campo de batalha por pisoteamento dada à desordem que se instalara no exército escocês.¹⁶⁵ Por fim, as forças inglesas e do grupo aliado de escoceses obtiveram a vitória.

Dupplin Moor teve um caráter decisivo para os ingleses. Não de se sobrepor aos escoceses, mas de estabelecer sua nova tática militar. A partir de então, os ingleses aprenderiam a combater a pé, em postura defensiva (em Dupplin Moor estavam encurralados entre o rio Earn e os escoceses), e, principalmente, com arqueiros posicionados nas alas¹⁶⁶. No entanto, o que dá o aspecto decisivo a esses arqueiros era a quantidade que estaria presente dentro do exército inglês, muitas vezes superando ou sendo o triplo de homens-de-armas¹⁶⁷. Esse número de arqueiros possibilitava o chamado *volley* de flechas, um ataque onde todos arqueiros atiravam ao mesmo tempo. Sendo muitas vezes de 3 a 6 mil arqueiros no exército, é imaginável o impacto que causaria no exército inimigo, tanto fisicamente como moralmente. No meio de uma

¹⁶⁴ “Car pour tant qu’il estoit jeune et que les barons du royaume n’estoient mie bien d’accort, si comme il cuidoit et que on lui avoit fait entendre par aventure depar aucuns des envieus et du lignage des Despensier, il pourroit bien faire sa besoingne et conquerre partie d’Angleterre.” *Idem, Ibidem.*

¹⁶⁵ MONTEIRO, João Gouveia. *Aljubarrota 1385. A batalha real*. Lisboa: Tribuna da História, 2003. p. 50

¹⁶⁶ *Idem. Ibidem.*

¹⁶⁷ Ou seja, soldados a pé ou a cavalo.

chuva de flechas, de nada adiantava ser nobre ou não para ter a chance de oferecer rendição ou resgate¹⁶⁸ – o pavor e a morte eram certos.

Em Hallidon Hill, um ano depois de Duplin Moor, Eduardo III liderou suas tropas contra os escoceses. Aconselhado por Henrique de Beaumont a posicionar o exército inglês da mesma maneira que na batalha do ano anterior, mesmo que os escoceses fossem “*fortes, valentes e muito hábeis com as armas*”¹⁶⁹ as táticas inglesas aniquilariam completamente o inimigo. Segundo Monteiro: “*O sistema tático inglês estava, assim, definitivamente testado e apurado*”¹⁷⁰.

Dessa maneira, alterou-se principalmente, a constituição de suas hostes, sendo que desde então os ingleses formariam um exército pago, rompendo com as relações de vassalagem que antes eram ordenadoras das batalhas. Trouxeram para suas hostes mercenários galeses mais adaptados ao uso do *longbow* (uma vez que foram estes os difusores dessa arma), até a posterior disseminação de práticas de tiro com arco dentro do reino da Inglaterra.

O conflito com escoceses também residia no fato de os vizinhos do norte serem grandes aliados dos franceses. Seria como se Eduardo III estivesse exercendo sua política pelas armas em dois frentes diferentes¹⁷¹. No entanto, o problema com a França era maior, principalmente devido à questão de vassalagem para com o rei francês com terras no continente. Além de tudo, Eduardo III tinha uma reivindicação ao trono por linhagem materna.

A rainha da Inglaterra Isabela, mãe do futuro rei Eduardo III, era filha de Felipe IV de França. Seus outros irmãos sucederam o pai no trono da França, como Froissart nos descreve:

E foram seus três filhos muito belos, o mais velho chamado Luís e que era, em vida de seu pai, o rei de Navarra (...). O segundo foi chamado Felipe, o alto, e o terceiro Carlos. Todos os três foram reis da França seguindo-se a morte de seu pai, rei Felipe, por direito de sucessão, um após o outro, sem produzir um herdeiro varão a partir de seus corpos por meio de casamento.¹⁷²

¹⁶⁸ SILVA, Victor Deodato da. *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Media... Op. Cit.* p. 198

¹⁶⁹ “*Les Escocs sont durs et hardis et fort traveillans en armes*”. “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 14r.

¹⁷⁰ MONTEIRO, João Gouveia. *Aljubarrota 1385. Op. Cit.* p. 51

¹⁷¹ MCKISACK, M. *The Fourteenth Century: 1307–1399*. Oxford: Oxford University Press, 1959. p. 117-119.

¹⁷² “*Et furent ces trois filz moult beaulx, desquelz l’ainsné ot nom Loÿs qui fut, au vivant de son pere, roy de Navarre (...). Le second ot nom Phelippe le Long et le tiers ot nom Charles. Et furent tous trois roys de*

Sob esse escopo, Eduardo III reivindicaria posteriormente o trono da França sob alegação de que sua mãe deveria dar sequência à hereditariedade capetíngia ao invés de permitir que o irmão de Felipe IV fosse coroado rei. Contudo,

Após a morte do último desses reis, Carlos, os doze pares e barões da França não legaram o reino à irmã que era rainha da Inglaterra, uma vez que disseram e afirmaram (...) de que o reino da França é tão bom e nobre que nunca deveria passar para uma mulher, nem subsequentemente ao rei da Inglaterra, seu filho mais velho.¹⁷³

Segundo Desmond Seward, o problema não se tratava de uma questão de “lei sálica” nesse caso. Ou seja, não seria ilegítimo o trono francês passar por hereditariedade a partir de uma mulher. Simplesmente, como descrito por Froissart, era inapropriado que o trono francês caísse nas mãos de uma mulher ou de sua linhagem¹⁷⁴, principalmente porque o que herdaria o trono seria o rei da Inglaterra. Para evitar uma união das coroas, possivelmente os nobres franceses, os 12 pares da França, apoiaram Carlos IV no trono real, invocando vários motivos para poder reforçar tal posição, mas não se cita nenhuma “lei sálica”. Apenas em 1358 um monge de Saint Denis, Richard Lescot, construiria uma árvore genealógica dos reis da França e citaria a lei sálica para justificar a continuidade dos Capetos com a Carlos IV de Valois.¹⁷⁵

A Guerra dos Cem Anos não ocorreu unicamente por essa questão hereditária. Já havia algum tempo o rei da Inglaterra tinha problemas políticos com o rei da França, ainda devido às terras inglesas, de Ponthieu e Aquitânia, às quais Eduardo III deveria prestar homenagem Felipe VI por suas possessões, já que este era o senhor desses territórios.

Um ano após a coroação de Felipe VI em 1328, houve a convocação de todos os barões e duques para prestar homenagem ao rei da França. Eduardo III, que para a

France après la mort du roy Phelippe leur pere, par droite succession l'un après l'autre sans hoir masle de leurs corps engendré par voie de mariage. “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 2v – 3r.

¹⁷³ “*Siques après la mort du derrenier roy Charles, les douze pers et les barons de France ne donnerent point le royaume a la suer, qui estoit royne d'Angleterre, pour tant qu'ilz vouloient dire et maintenir (...) que le royaume de France est si bon et si noble que il ne doit mie aler a femelle ne par consequent au roy d'Angleterre, son ainsné filz*”. *Idem.* Fol. 3r.

¹⁷⁴ SEWARD, Desmond. *A Brief history of 'The Hundred Years War'*. Londres: Robinson, 2003. p. 21.

¹⁷⁵ GUÉNÉE, B. *Histoire et culture historique dans l'Occident médiéval*, Paris: Aubier, 1980. p. 137-138

ocasião não havia sido convocado, não tomou a iniciativa de ir até o continente prestar homenagens pela região de Ponthieu e Aquitânia, como era de se esperar. Dessa maneira, precisou ser chamado para realizar tal ato.¹⁷⁶

Quando o rei inglês foi prestar homenagens ao rei da França, Froissart aponta: “*Me parece que o rei Eduardo fez a homenagem apenas de boca e palavras, sem colocar as mãos entre as do rei da França ou de algum outro príncipe ou prelado por ele delegado.*”¹⁷⁷ O que essa atitude aponta é que o rei inglês estava confuso quanto ao ritual, ou não queria se submeter ao rei francês de qualquer maneira, sendo desprestigiado que um rei de um reino tão poderoso como o da Inglaterra fosse vassalo do rei francês. Essa ideia é defendida por Derek Wilson, que conclui que quando o rei inglês foi prestar homenagens com seu manto real e coroa, desafiaria o rei francês, demonstrando que mesmo que fosse vassalo, ainda assim era um rei.¹⁷⁸

Ao retornar à Inglaterra, Eduardo consultou os registros de seus ancestrais Plantageneta de como proceder com a homenagem feita a Felipe VI, e até que ponto ele deveria servir sob as ordens dos reis da França.¹⁷⁹ Posteriormente, dirigiu uma carta ao rei da França dizendo que realizaria o ritual da homenagem conforme seus ancestrais, colocando as mãos entre as do rei francês reconhecendo-o como seu senhor pelo ducado da Aquitânia e dos condados de Ponthieu e Montreuil.¹⁸⁰ Tal ato não ocorreu, e Felipe guardou essa carta para poder usar em algum momento contra Eduardo.

Em 1330 Felipe VI reafirmava sua amizade com o rei escocês, da mesma maneira que os reis franceses faziam desde o fim do século XIII. De acordo com Froissart, quando o rei David II foi à França para firmar o acordo, agradou muito ao rei francês, que lhe pediu novamente uma aliança contra os ingleses.

O jovem rei da Escócia recebeu de bom grado o que o rei da França lhe oferecera (...) E dessa maneira, foi nesse momento feita uma aliança entre o rei Felipe da França e o rei David da Escócia,

¹⁷⁶ “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart op. cit.* Fol. 23v.

¹⁷⁷ “*me semble que le roy [...] Edouart fist adont hommage de bouche et de parolles seulement, sans les mains mettre entre les mains du roy de France ou aucun prince ou prelat de par lui deputéz*”. *Idem.* Fol. 25r.

¹⁷⁸ WILSON, Derek. *The Plantagenets. The Kings that made Britain.* Londres: Quercus, 2011. p. 194.

¹⁷⁹ “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 25r.

¹⁸⁰ Esta carta foi transcrita por Jean Froissart em suas crônicas. *Idem.* Fol. 25v - 26r.

que durou por muito tempo. E o rei da França enviou homens-de-armas à Escócia para lutar contra os ingleses.¹⁸¹

Seguido desse acordo, várias frotas francesas e escocesas navegavam pelo Canal da Mancha, ameaçando a Inglaterra. Nesse tempo, Felipe se preparava para guerra, mas originalmente rumo à Terra Santa. Meses depois, o plano acabou sendo abandonado.¹⁸² A ameaça de invasão à ilha britânica que o tráfego naval da aliança franco-escocesa representava fez o conflito estourar, com o rei inglês orientando uma parte de suas tropas à fronteira com a Escócia e outra rumo à Aquitânia a fim de defender o ducado contra uma investida francesa.

Em 1336, enquanto o rei da França, “mui católico e fortíssimo campeão da fé cristã”, reunia uma frota em Marselha para singrar rumo à Terra Santa, Eduardo III intrigava em Flandres, tentando conquistar as cidades têxteis. E quando o ducado de Guiena[Aquitânia] foi-lhe novamente confiscado, em razão dessa traição, ele afirmou seus direitos, tomando em 1337 o brasão dos reis da França¹⁸³

Os ingleses tentaram entrar num acordo de paz com a França, mas a movimentação das tropas ao continente no leste e oeste do reino francês fez com que os barões da França, junto com o rei, decidissem por confiscar as terras da Aquitânia.

Eduardo reconsideraria novamente a decisão dos barões franceses anos antes ao terem legado o trono da França a Felipe VI. Robert Artois, irmão da rainha da França e exilado da corte da França na Inglaterra, fazendo parte do conselho do rei inglês, aconselhou-o a pegar em armas por seu direito à coroa daquele reino.

O rei Eduardo da Inglaterra considerou muitas coisas, aconselhando-se com os grandes senhores de seu país e com o senhor Robert d’Artois, e lhes perguntou o que seria melhor a fazer: entrar no reino da França e ir de encontro ao rei Felipe, ou

¹⁸¹ “*Le jeune roy d’Escoce receut en grant gre ce que le roy de France lui offry (...)Ainsi furent en ce temps alliances faites entre le roy Phelippe de France et le roy David d’Escoce, qui se tindrent fermes moult long temps. Et envoya le dit roy de France gens d’armes en Escoce pour guerrier les Anglois*”. *Idem*. Fol. 37r.

¹⁸² PRESTWICH, Michael. *Plantagenet England ... Op. Cit.* P. 306.

¹⁸³ DUBY, Georges. *A Idade Media na França: (987-1460) : de Hugo Capeto a Joana d'Arc*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992. p. 262

confrontá-lo diante de Cambrai de tal forma que ele fosse submetido.¹⁸⁴

Eduardo, então, decidiu proclamar-se rei da França, baseado em suas alegações de hereditariedade que discutimos anteriormente. Ao fazer isso, Malcom Vale atesta que “*Quando Eduardo III assume o título de ‘Rei da França’, o conflito tornou-se de uma disputa entre senhor e vassalo para uma guerra dinástica pela coroa francesa*”¹⁸⁵

Nesse ínterim, os ingleses rapidamente fortaleceram suas relações diplomáticas com os nobres da região flamenga, “*(...) eles entraram em acordo: a saber, algo que agradaria as boas cidades de Flandres, que o rei da Inglaterra e seus súditos pudessem ir e vir pelo país, armados ou não, da maneira que quisessem.*”¹⁸⁶ Em 1340 as autoridades responsáveis pelas “boas cidades” de Ypres, Bruges e Guent reconheceram Eduardo como sendo o verdadeiro rei da Inglaterra¹⁸⁷. Dessa maneira, Eduardo III reuniu a Inglaterra, em conjunto com os flamengos a região da Aquitânia para fazer frente ao primo Felipe VI, “*o rei inglês queria entrar na França à força e desafiar o rei*”¹⁸⁸, organizando-se para dar início às investidas contra Felipe a fim de tomar o trono Francês de fato.

O conflito que se seguiria seria, para Froissart, devastador para a França. Mesmo que fosse palco dos grandes feitos de armas narrados pelo cronista, ele não deixa de relembrar os danos causados pela guerra.

Assim, o referido reino passou para a linhagem direta, e pareceu para muitos, que precipitou muitas guerras e a devastações de pessoas e terras no reino da França e alhures, como você ouvirá adiante em meu relato. Pois o verdadeiro objetivo desta história é

¹⁸⁴ “*Si considera le roy Edouart d’Angleterre plusieurs choses, en soy conseillant aux grans seigneurs de son país et a messire Robert d’Artois, en leur demandant lequel estoit meilleur a faire, ou entrer ou royaume de France et de venir contre son adversaire le roy Phelippe, ou de lui tenir devant Cambray tant que par force il l’eust conquise*”. “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart ... Op. Cit.* Fol. 41 r.

¹⁸⁵ “*when Eduard III assumes the title ‘king of France [it] turned a dispute between lord and vassal into a dynastic war for the French crown*” VALE, Malcolm. *The Origins... Op. Cit.* p. 6.

¹⁸⁶ “*ilz furent d’accord: c’est assavoir qu’il plaisoit bien aux bonnes villes de Flandres que le roy d’Angleterreet ses gens peussent aler et venir parmi Flandres, arméz ou autrement, ainsi qu’il lui plaisoit*”. “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart... Op. Cit.* Fol. 33r.

¹⁸⁷ PRESTWICH, Michael. *Plantagenet England ... Op. Cit.* p. 307-312.

¹⁸⁸ “*le roy anglois vouloit entrer a force en France et deffier le roy*” “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 32r

recontar os grandes esforços e feitos de armas que ocorreram, pois depois dos tempos do bom Carlos Magno, que foi imperador da Alemanha e rei da França, tão grandes proezas e guerras como essas não foram vistas nesse reino.¹⁸⁹

Um dos primeiros confrontos de grande impacto após esse momento foi a Batalha de Sluys (1340). No Canal da Mancha, a frota naval francesa interceptava todo e qualquer navio que estivesse sob comando inglês ou seu aliados. Os ingleses, não possuindo navios tão bons quanto os franceses na época, improvisaram navios mercantes para poderem transportar o rei Eduardo III e suas tropas da Inglaterra para Flandres. Do outro lado, as galés, verdadeiros navios de guerra, dos aliados franceses e genoveses, foram de encontro às embarcações inimigas.

Os continentais, utilizando táticas de combate naval em 3 linhas, barcos amarrados e investidas únicas, sucumbiram aos ingleses devido à quantidade de arqueiros das embarcações britânicas. A imensa chuva de flechas impediu que os barcos acorrentados pudessem fazer manobras e se tornavam alvos fáceis dos incansáveis tiros dos arqueiros, seguidos de combates desses ágeis guerreiros a bordo. Froissart descreveu esse embate como algo horrível, dado à impossibilidade de fuga que os franceses se encontravam.

Essa batalha da qual vos falo, que foi muito desleal e muito horrível, pois batalhas marítimas são mais duras que sobre a terra: pois não se pode fugir e recuar, mas é preciso liquidar, combater e aguardar a aventura, e em cada lugar se pode mostrar bravura e proeza.¹⁹⁰

A vitória inglesa seria um prelúdio das outras que se seguiriam por alguns anos. Froissart comenta quão importante foi a vitória: estando em número inferior, foi um triunfo de grande honra para o rei da Inglaterra:

¹⁸⁹“Ainsi ala le dit royaume hors de la droite ligne, ce semble a moult de gens, de quoy grans guerres en sont nees et venues, et grant destruction de gens et de païs ou royaume de France et ailleurs, si comme vous pourrez cy après oyr. Car c’est la vraie fondation de ceste histoire pour raconter les grans entreprises et faiz d’armes qui avenues sont, car puis le temps dubon roy Charlemaigne, qui fut empereur d’Allemaingne e roy de France n’avindrent si grans aventures de guerres au royaume de France comme elles sont avenues pour ce fait cy” *Idem*. Fol. 3r.

¹⁹⁰“Ceste bataille dont je vous parle qui fut moult felonneuse et tres horrible, car batailles de mer sont plus dures que sur terre: car la ne puet on fouir ne reculer, mais se fault vendre et combatre et attendre l’aventure, et chascun endroit de lui monstret son hardement et sa proesce.” *Idem*. Fol. 60r.

E conveio aos ingleses sofrer e aguentar a duras penas, já que seus inimigos estavam quatro contra um [...]. Porque os ingleses, de tanto que precisavam, pensaram muito para fazer bem no combate. O rei inglês foi um bom cavaleiro, pois nessa época estava na sua flor da juventude.¹⁹¹

Este exemplo do início dos conflitos nos permite verificar as várias divergências que permeavam os dois principais reinos envolvidos: o reino inglês e o reino francês. O embate que se seguiria entre os dois reinos não se tratava, para Vale, de um conflito de identidade, mas de relações de corte e de afinidades políticas. A ideia que seria concebida de que a Guerra dos Cem Anos foi um conflito nacional e identitário vem de uma corrente nacionalista do século XIX.

Ao tomar esse ponto de vista, trilha-se por um caminho perigoso, que pode ser dotado de distorção e anacronismo.¹⁹² No entanto, o que o autor aponta é que o conflito entre os dois reinos alavancou distinções culturais e reforçaria um sentimento de rivalidade entre eles, levando ao surgimento de identidades separadas que perdurariam, principalmente entre as nobrezas.¹⁹³

A reivindicação pelo trono francês daria sequência com o rei Henrique V no século XV. No entanto, é apenas com o fim da guerra que essa situação dinástica é resolvida, pois o acordo resolveria finalmente a questão que teve início com Eduardo III e que seria o prefácio de um conflito que se estendeu por 116 anos.

2.4 - As maneiras de guerrear: uma época de transições.

Dentro do conflito da Guerra dos Cem Anos, um dos aspectos que esteve presente foram as diferentes transformações sofridas na maneira de guerrear, que teria impacto dentro da cultura dos envolvidos. Retomando a batalha de Sluys (1340), apontamos de que maneira o combate no mar já havia demonstrado que os ingleses se utilizariam de táticas de combate à distância de forma extremamente intensa, dado a quantidade de tropas de artilharia que incorporariam em seus exércitos. Como já

¹⁹¹ *“Et la couvint les Anglois souffrir et endurer grant peinne, car leurs ennemis estoient quatre contre ung,[...]. Pourquoi les Anglois, pour tant qu’il besoingnoit, se penoient moult de bien faire. La fut le roy anglois de sa main tres bon chevalier, car il estoit adont en la fleur de sa jeunesse.”* Idem, *Ibidem*.

¹⁹² VALE, Malcolm. *The Origins... Op. Cit.* p. X.

¹⁹³ *Idem* p. 2.

assinalamos anteriormente, Eduardo III passou a desenvolver, auxiliado pelos conselhos de Henrique de Beaumont nas batalhas contra os escoceses, um estilo de combate de infantaria apoiado em uma grande quantidade de arqueiros.

Para entendermos melhor essa alteração militar, precisamos ter em mente qual era a postura inglesa quanto às táticas de guerra. Após a invasão normanda na ilha britânica, os ingleses adotaram o modo de batalha a pé dos anglo-saxões. Durante o século XIII a cavalaria teve uma larga utilização por parte dos ingleses, suplantando o combate a pé, até que, com Eduardo III, novamente as táticas de infantaria foram adotadas.¹⁹⁴

A partir de treinos regulares, foi se tornando mais fácil ter um grupo disciplinado e capaz de executar determinadas manobras dentro dos campos de batalhas. Contudo, desde a época da invasão normanda em 1066, estes já combatiam com uma cavalaria organizada. Uma cavalaria extremamente versátil, também podendo desmontar e combater a pé quando o terreno não fosse favorável.¹⁹⁵ O que ficava evidente é que os ingleses desenvolveram uma alta capacidade de adaptação às táticas de batalha e rápida assimilação desses novos métodos. Uma das únicas dificuldades enfrentadas durante esse período foi a geografia da região britânica, marcada predominantemente por montanhas e relevo irregular, como nas regiões fronteiriças ao país de Gales, em que a cavalaria poderia ter grandes dificuldades em executar suas manobras.

Durante o período da Baixa Idade Média, os reinos não tinham o costume de terem uma hoste de infantaria regular e treinada, pois os grupos militares eram camponeses convocados a prestar serviços de guerra após o período das colheitas. Henrique II da Inglaterra foi um dos primeiros reis a incentivar a regularidade do treinamento e disciplina em seus feudos.

Por outro lado, foi também mais constante o aparecimento de mercenários: corpos de soldados a pé que se destacavam em combate e tornaram a vida militar uma profissão, até que no século XIV a vida militar da nobreza começasse a perder lugar para esse tipo de combatentes¹⁹⁶. Esses guerreiros muitas vezes surgiam de pessoas convocadas para a guerra e que viram uma oportunidade de ganhar a vida combatendo, “*mercenários e soldados regulares, pobres, desempregados, com frequência proscritos*

¹⁹⁴ VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain... Op. Cit.* p. 324.

¹⁹⁵ MONTEIRO, João G. *Entre Romanos, Cruzados e Ordens Militares: Ensaios de História Militar Antiga e medieval.* Coimbra: Salamandra, 2010. p. 178

¹⁹⁶ SEWARD, Desmond. *A Brief history of 'The Hundred ... Op Cit.* p. 33

criminalmente, eram julgados adequados para a guerra porque a vida pacífica não lhes oferecia nada, senão dificuldades equivalentes”.¹⁹⁷

No século XIII houve a intensificação de grandes corpos de mercenários, contratados principalmente pelos reis da dinastia angevina. Desses, os ingleses passaram a incentivar e buscar a contratação de arqueiros para executar suas táticas militares. Se retomarmos alguns anos, podemos verificar que isso é algo que já tinha um gérmen presente algum tempo antes, pois havia arqueiros incorporados nas hostes normandas na época de invasão à Inglaterra (o próprio rei inglês Harold morreu na batalha com uma flechada no rosto, como mostrado nas entrelinhas da tapeçaria de Bayeux¹⁹⁸).

Como se sabe, a existência do arco remonta o ser humano desde os seus primórdios: “(...) *ele pode ser considerado a primeira máquina, uma vez que utilizava partes móveis e transformava energia muscular em energia mecânica*”¹⁹⁹, e uma arma poderosa e não tão complicada de ser construída. A inserção do arco-longo dentro das hostes inglesas medievais de maneira mais acentuada ocorreu por ser o uso dessa arma comum entre as pessoas do meio rural, e práticas de tiro eram comuns durante a Idade Média como atividade de recreação²⁰⁰. De acordo com Richard Wadge, “ (...) *por volta do fim do século XIII, esperava-se que todo homem comum possuísse um arco e que fosse capaz de usá-lo*”²⁰¹. Sendo assim, isso possibilitou um novo diferencial para essa população, pois esses arqueiros, que praticavam desde pequenos, teriam uma diferenciação física adequada à sua utilização: um esqueleto alterado, que associado aos trabalhos braçais do campo construiriam um guerreiro capaz de dominar a força necessária para se retesar o arco.²⁰² O tiro com arco se tornava cada vez mais parte da cultura inglesa, e posteriormente seria associada à sua própria identidade de combater.

¹⁹⁷ KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 464

¹⁹⁸ Na parte em que Harold está retratado na tepeçaria, existem marcas no tecido e que aparentemente foi retiradas algum tempo depois que indicam que ele foi atingido por uma flechada no rosto. DO mesmo modo, podemos ver outras dessas marcas de flechas em seu escudo. Sabe-se que são flechas pois logo à esquerda, é possível verificar os mesmos projéteis, dessa vez mantendo-se os fios de tecido que representam flechas. Aparentemente, procurou-se apagar a morte por uma flechada do rei Harold.

¹⁹⁹ KEEGAN, John. *Uma História da Guerra ... Op Cit.* p. 165

²⁰⁰ Uma vez que a caça era permitida apenas aos nobres.

²⁰¹ “(...) *by the end of the 13th century, the majority of the ordinary men were conditionally expected to own a bow and be able to use it*”. WADGE, Richard. *Archery in Medieval England: Who Were the Bowmen of Crecy?* Brimscombe, Reino Unido: 2012. p. 30.

²⁰² HARDY, Robert. *The Battle of Neville's Cross, 1346*, editado por David Rollason e Michael Prestwich Stamford, Reino Unido: Shuan Tyas, 1998. p. 119-120.

Eduardo III mesmo reforçaria a prática do tiro com arco, tanto que em 1363 daria uma ordem de que fosse mais incentivado e praticado que qualquer outro esporte (inclusive o futebol e outros jogos com bola)²⁰³. Logo, a maioria dos arqueiros que posteriormente serviriam nas hostes das campanhas do século XIV eram pessoas comuns, mas que praticavam o tiro ao arco como esporte desde pequenos. A Inglaterra era o lugar com arqueiros mais habilidosos que qualquer lugar na Europa, tanto que Gaston Phoébus comentaria a respeito disso em seu “Manual da Caça”: “*Eu sei pouco sobre caça com arco, se você quiser saber mais, você deveria ir para a Inglaterra, onde isso é um modo de vida.*”²⁰⁴. Ainda, outra forma que os ingleses tinham de perdoar crimes civis eram em servir as hostes inglesas como arqueiros. Em 1340, Eduardo perdoou os crimes de muitos se integrassem o exército que rumaria para Flandres.²⁰⁵ Dessa maneira, podemos perceber que, à época do início da Guerra dos Cem Anos, a Inglaterra já seria um reino que tinha o tiro com arco como parte de sua cultura, e com os posteriores confrontos militares, em que a preponderância das forças desses guerreiros foi decisiva, o arqueiro passou a fazer parte da cultura identitária inglesa.

Ao longo da história, vários povos fabricaram esse mecanismo de diferentes maneiras, geralmente com o tipo de madeira disponível nas regiões habitadas. No caso do arco-longo, seu material era o teixo, árvore natural das ilhas britânicas e do noroeste do continente europeu. O grande sucesso desse material para a construção da arma foi devido à sua característica mecânica, pois possibilitava uma energia mecânica igual a de um arco composto, que necessitava de mais de um pedaço de madeira. O arco-longo inglês era um pedaço único de madeira, extraída da região entre o cerne e o alburno da árvore. A parte convexa do arco era a do alburno, que aguenta uma alta tensão. Já a parte interior do arco vem do cerne, dotada da maior resistência entre qualquer madeira conhecida pelo homem. Nas palavras de Robert Hardy a respeito desse arco de teixo, “(...) nenhuma outra madeira encontrada foi capaz de superar sua combinação de tensão e força”²⁰⁶, dando a característica desse arco algo que só seria possível com a construção de um arco composto, como no caso do arco mongol.

O tiro dessa arma era de alto impacto e podia atingir grandes distâncias. Comparado aos besteiros, um arqueiro exigia treinamento de anos e a força suficiente

²⁰³ WADGE, Richard. *Archery in Medieval England...Op. Cit.* P. 57.

²⁰⁴ “*I know little of hunting with the bow, if you want to know more, you had best go to England, where it is a way of life*” *Idem*, P. 89.

²⁰⁵ *Idem*, Pp. 82-83.

²⁰⁶ “(...) *no other timber has been found to surpass its combination of tensility and strength*” *Idem*. p. 115.

para levantar um homem ao retesar o arco²⁰⁷, mas também sua investida era mais eficaz que as bestas, por volta de 10 flechas para cada 6 setas²⁰⁸. Ainda, sendo que na Inglaterra havia abundância de indivíduos que sabiam atirar com o arco, era muito menos dispendioso integrar esse tipo de combatente em seus exércitos (até mesmo se tivessem que ser pagos) do que contratar arbalheiros, que geralmente eram profissionais estrangeiros que cobravam caro por seus serviços. Já arqueiros, não precisavam necessariamente ser profissionais para integrar uma hoste.²⁰⁹

Outra das vantagens dos guerreiros munidos de arco era sua flexibilidade em batalha. Logo após um choque com a cavalaria, os arqueiros, geralmente com poucas roupagens defensivas, se tornavam ágeis no manuseio de facas, espadas para rapidamente golpear o oponente.

Assim começou a batalha árdua e intensa por toda a costa, e os arqueiros e os arbalheiros começaram a atirar uns contra os outros, e a combater mão a mão, da forma a que conseguissem chegar uns nos outros. ²¹⁰

Após o disparo das flechas, quando o inimigo estivesse próximo de chocar-se com a hoste, transitavam para corpo a corpo largando seus arcos e sacando suas armas. Do outro lado, guerreiros com muitas armaduras tinham seus movimentos limitados e podiam se tornar alvos desses arqueiros. A vulnerabilidade da ausência de armaduras mais complexas dava lugar à eficácia dos golpes. Caso a primeira onda inimiga recuasse, os arqueiros pegariam novamente seus arcos e voltariam a atacar à distância. Com isso, esses combatentes se tornariam um grupo versátil para diferentes tipos de combate, além de exercerem sua função tática inicial de artilharia. Embora fosse dispendioso o custo das flechas para o contratante desse tipo de guerreiro, os ingleses

²⁰⁷ O'CONNEL, Robert L. *História da Guerra. Armas e homens*. Uma história da guerra, do armamento e da agressão. Lisboa: Teorema, 1979. p. 126

²⁰⁸ Isso depende muito do mecanismo de engatilhamento das bestas, mas o mais simples, que usamos nesse cálculo, é o que o besteiro apoia a frente da arma no chão segurando-a com o pé, puxando a corda para cima, colocando a seta no lugar e pressionando o gatilho.

²⁰⁹ WADGE, Richard. *Archery in Medieval England...Op. Cit.* P. 168-169

²¹⁰ La se commença la bataille dure et forte de tous costéz, et archiers et arbalestriers commencerent a tirer l'un contre l'autre, et a combatre main a main, a ce qu'ilz peussent mieulx avenir les uns aux autres. "Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864", Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 59v.

empreenderam vitórias maçantes contra seus inimigos dado à construção de uma hoste apoiada por um grande número de arqueiros mercenários.

Na Inglaterra do século XIII a quantidade de cavaleiros diminuiria por volta de 1/3 em relação ao século anterior²¹¹. Uma outra cultura de combates, ao mesmo tempo, vinha crescendo dentro da cultura inglesa, ou seja, a utilização do arco como forma de recreação e também como um novo método de se enfrentar um inimigo após algumas derrotas para estilos diferentes de batalha, como no caso dos escoceses durante o reinado de Eduardo II. Enquanto os arqueiros normandos, predominantes nas hostes inglesas de maior parte do século XIII não tinham o potencial bélico para fazer frente às cargas de cavalaria, as maciças tropas de arqueiros munidos do arco-longo tinham o potencial de provocar o inimigo a realizar cargas isoladas nos combates²¹² (deixando-os mais vulneráveis ainda), desestruturá-lo, abalar sua moral e direcioná-lo a determinados pontos no campo de batalha com seus ataques aos flancos.

Como contramedidas por parte dos inimigos – principalmente os franceses – foram reforçadas as armaduras pessoais e dos cavalos, para que estes não fossem atingidos a caminho do choque entre as hostes. Mas essas novas armaduras eram extremamente pesadas, e mais uma vez os arqueiros, com quase nenhuma proteção corporal a não ser coletes de couro, tinham vantagem na agilidade para matar seus inimigos com facas, maças e porretes para amassar os capacetes. Portanto, assim como a introdução de arqueiros dentro de um corpo militar foi uma ação contra o modo cavaleiresco de combate, utilizar armaduras mais pesadas e impenetráveis foi uma reação para tentar nulificar a penetração das flechas.

Os grupos de mercenários ingleses não atuavam estritamente sob a ordem do reino inglês. Bandos de arqueiros ingleses se constituíram cada vez mais durante o século XIV, vagando à procura de contratantes. Houve muitos casos em que venderam seus serviços aos reinos inimigos, mas também buscaram outros locais para atuarem. Aqui, podemos citar o período de trégua entre Inglaterra e França após o tratado de Brétigny em 1360, em que muitos desses mercenários ingleses precisaram procurar outros contratantes, sendo a Península Ibérica uma das localidades em que estiveram presentes, como no caso do conflito entre Pedro I de Castela e Henrique Trastâmara na Guerra Civil Castelhana (1366-1369). Um caso que Froissart nos relata no Livro III de suas crônicas é quando um grupo de mercenários decide ir a Lisboa buscando vender

²¹¹ WADGE, Richard. *Archery in Medieval England ...* p. 35

²¹² *Idem.* p. 12.

seus serviços ao reino português: “*Vamos sair atrás de aventura em Portugal. Lá vamos encontrar alguém que tope e nos contrate*”²¹³.

Do outro lado, a cavalaria tinha sua origem sob a noção de servir ao rei. As ligações vassálicas comprometiam o cavaleiro a oferecer sua espada a seu senhor e atender às suas convocações para guerra. Além disso, muito da cultura da cavalaria esteve imbricada com a questão religiosa.

A Igreja buscava limitar os costumes bárbaros de guerra impondo seus ideais cristãos dentro do ambiente bélico. Uma nova classe de guerreiros que emergiam de uma baixa nobreza começava a ganhar um espaço maior dentro da sociedade principalmente por sua característica diferenciada de guerra e seu compromisso com a defesa dos reinos cristãos.

Para evitar conflitos entre os cristãos, o foco do combate, aliado às ideias de expiação de pecados, canalizou os desejos combativos desses cavaleiros para campanhas como as cruzadas, em que os cavaleiros combateriam o infiel. Ainda, o ideal de expansão da cristandade também foi associado a esse grupo de combatentes frente às invasões de povos bárbaros como vikings, magiares e eslavos.

A grupo dos cavaleiros se solidificou de modo a estar entrelaçado com a nobreza a partir do século XI. Dentro das relações feudais, as homenagens e ligações vassálicas entre os nobres casaram com os ideais de honra dessa ordem militar, que estaria posteriormente imbuída de significados e de códigos de conduta.

Como cavaleiro, sua função seria servir a seu senhor, acima de tudo. Georges Duby nos aponta que Guilherme o Marechal, cavaleiro sob vassalagem dos reis ingleses medievais, embora tivesse que servir o rei Henrique o Jovem contra seu pai Henrique, que o havia designado para guardar o filho, ou até mesmo por ter conflitos pessoais com Ricardo I e João I, sempre exerceu sua função de cavaleiro, respeitando e servindo a seu senhor²¹⁴.

A honra de um cavaleiro seria oriunda de seus atos, principalmente em duelos e combates. A honra, seu orgulho como guerreiro, era o que guiava a identidade de um cavaleiro, lhe dava sentido. Engrandecê-la tornaria o cavaleiro alguém maior, famoso, e objeto de cantigas e poemas que seriam compostos a partir de seus feitos. Os combates

²¹³“Besançon, Bibliothèque municipale, ms. 865” Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOnline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014], Fol. 234v.

²¹⁴ DUBY, Georges.. *Guilherme Marechal, ou, O melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

justos o tornariam alguém superior quando confrontado em condições iguais. A honra estaria atrelada a um cavaleiro durante toda sua vida, e manchá-la poderia comprometer seu legado, inclusive seus filhos.

De acordo com Jean Flori, algumas das características que deveriam guiar um bom cavaleiro eram:

orar antes de todo ataque, esforçar-se para não matar ninguém, dissuadir seus companheiros de qualquer pilhagem e de qualquer captura; em caso de fracasso, adiantar-se antes de todos os outros para ultrapassá-los e então fazer o maior número possível de prisioneiros e logo liberá-los sem resgate nem danos.²¹⁵

Entretanto, isso não passava apenas de um ideal cavaleiresco, uma vez que mortes eram realizadas e capturas tornaram-se objetivos como meio de enriquecimento.

Os ideais da cavalaria se propagariam também por meio de uma literatura que buscava inspirar jovens cavaleiros, e Froissart seria um cronista que daria continuidade a essa literatura cavaleiresca que buscava inspirá-los. No entanto, o que seria apresentado com nosso cronista seria um período diferente, em que estes ideais estavam em um processo de transformação devido à nova conjuntura bélica que se apresentava. Nesse momento, a cavalaria se adaptava aos altos custos da guerra, da contratação e de pagamento de serviços. A honra parecia ficar cada vez mais em segundo plano.

No campo militar, enquanto não estivessem engajados em alguma guerra, os cavaleiros davam sequência às suas atividades principalmente através de torneios. Por vezes estes seriam como um teatro para seus participantes, pois simulavam batalhas reais, reforçavam rixas regionais, mas ao mesmo tempo enobreciam seus participantes, “*Assim, em ambos os lados do Canal da Mancha os torneios ganham envergadura e sucesso enorme nas casas senhoriais.*”²¹⁶. Além disso, esses encontros aproximavam muito os grupos participantes, e principalmente as esferas nobiliárquicas inglesa e francesa que, apesar de suas intermitentes rixas, teriam muitas trocas culturais nesse momento.

Como parte do torneio, há um combate entre iguais cujo objetivo era capturar o inimigo sem a intenção de matá-lo. Dentro das justas, era muito honrado derrubar

²¹⁵ FLORI, Jean. *A Cavalaria – As Origens dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005. p. 136.

²¹⁶ *Idem* p. 28

alguém, mas não necessariamente desenrosado ser derrubado. Isso acontecia pois, na mentalidade cavaleiresca, apenas os bravos chocariam lança a lança, e não se esquivariam do golpe, mas buscariam aguentá-lo.²¹⁷ Após derrubado, o cavaleiro lutava com espadas ou maças, e nisso foram desenvolvidos novos equipamentos defensivos, como cotas de malha para evitar cortes, e aperfeiçoamento dos elmos para aguentar pancadas. No entanto, consequências como dificuldade em respirar, calor, peso das armas e visão prejudicada poderiam ser um empecilho no manejo das armas, fator que seria crucial nas futuras batalhas do século XIV e XV.

Dentro dos torneios, os captores de prisioneiros os levariam a seus escudeiros para que pudessem dar continuidade aos combates e buscar novos desafiantes. Contudo, era complicado se juntar um número muito grande de cativos uma vez que os companheiros destes iam ao seu resgate. Mas o indivíduo capturado se reconhecia como prisioneiro e aceitava sua derrota pela “fiança” de sua palavra, como relata Georges Duby. Alguns até voltavam aos combates e eram capturados novamente, sem terem sido libertos pelo primeiro. Consequentemente, haveria a necessidade de pagar vários resgates a diferentes captores.

Em combates reais, muito desses costumes de torneios permaneceriam, como os do combate entre iguais, duelos honrosos e captura de inimigos para cobrar-lhes resgate. Para muitos cavaleiros, o objetivo da captura nos combates era prioridade, e a guerra passava a ser um negócio, como diria Georges Duby.²¹⁸

Nesses momentos, banqueiros passaram a enriquecer muito, pois para pagar dívidas de resgates, eram pedidos empréstimos. Quando não havia a possibilidade de pagar as quantias, muitos cavaleiros passavam a vender o uso de sua espada para outros senhores, algo que iria contra os princípios da cavalaria. Assim, banqueiros passaram a ser vistos como legítimos vilões que pouco a pouco destruíam o grupo da cavalaria e sua ética – que acabou virando combater por dinheiro²¹⁹. Com o passar do tempo, os serviços de um cavaleiro passaram a se tornar pesados de serem contratados, e corpos de mercenários passaram a ser um investimento mais viável economicamente, abrindo caminho para ingressos maciços destes nas hostes.²²⁰

²¹⁷ DUBY, Georges. *Guilherme Marechal... Op. Cit.* p. 95.

²¹⁸ DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines*: 27 de julho de 1214. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p. 153.

²¹⁹ DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. Lisboa: Teorema, 1989. p. 114

²²⁰ *Idem.* p. 116.

Embora as guerras tivessem objetivos políticos envolvidos, muitas campanhas nas guerras durante o século XIV foram concebidas com o objetivo de proporcionar muito mais fama e glória do que originar resultados econômicos para seus participantes. Nesse aspecto, podemos apontar como Jean Froissart embelezaria momentos de *chevauchées* como esse, buscando dar sentido e memorabilidade às campanhas²²¹ cujo objetivo nem sempre lhe parecia muito claro.

Os combates da cavalaria se davam, principalmente, através de cargas de grupos de cavaleiros. Frente a um exército de infantaria, isso poderia ter um impacto moral muito grande, pelo impacto e atropelamento causado pelos cavalos, a carregada das lanças dos guerreiros e o posterior saque das espadas. Após o impacto, os cavaleiros poderiam recuar, se reagrupar, e realizar essa manobra sucessivas vezes. Inclusive, uma das grandes vantagens do corpo da cavalaria nos exércitos, se formos analisar apenas taticamente, seria a facilidade em executar manobras dentro de um confronto.²²² As batalhas com cavaleiros foram predominantes entre os séculos XI e XIII no Ocidente Latino, e o poderio que esses guerreiros representavam reforçaria ainda mais a figura cavaleiresca.

No século XIV, durante o conflito da Guerra dos Cem Anos, Eduardo III também immortalizou e reforçou sua figura como cavaleiro ao criar a mais velha Ordem de cavalaria inglesa, a Ordem da Jarreteira. O rei, como grande parte dos guerreiros da época no Ocidente Latino, compartilhava da fascinação medieval pela lenda do rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda. No ano de 1344, durante um torneio em Windsor, Eduardo prometeu renovar a fraternidade de cavaleiros daquele lendário rei, mas apenas em 1348 a Ordem da Jarreteira seria fundada, com vinte cinco membros, além do próprio Eduardo III.

A nobre Távola redonda, em que tantos cavaleiros bons e valentes saíram e com suas armas conquistaram proezas por todo o mundo. E fez o dito rei [Eduardo] uma ordem de cavaleiros, incluindo a si e seus filhos e os de maior proeza em sua terra, que totalizariam 40, e os chamaria de Cavaleiros da Jarreteira Azul.²²³

²²¹ VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain... Op. Cit.* p. 333

²²² KEEGAN, John. *Uma História da Guerra ... Op. Cit.* p. 281.

²²³“(…) *la noble Table Ronde, dont tant de bons et vaillans chevaliers et bons hommes yssirent et travaillerent en armes et en prouescs par tout le monde. Et feroit le dit roy une ordonnance de chevaliers, de lui et de ses enfans et des plus preux de sa terre, et seroient en somme XL, et les*

O nome Jarreteira possivelmente provém de um episódio ocorrido em Calais, no ano de 1348. Durante um baile, que contava com a presença do rei Eduardo III, a condessa de Salisbury perdeu sua liga enquanto dançava. O rei a recuperou e rebateu os deboches dos presentes com a frase “*Honi soit qui mal y pense*” ou “Maldito seja quem pensa mal disto” – sendo esta adotada como a frase da Ordem. Segundo site da Faculdade de São Jorge, essa frase na verdade se referiria à reivindicação do rei ao trono francês, que seria o que os cavaleiros dessa Ordem buscariam auxiliar na conquista²²⁴, quase como sendo o “Santo Graal” das lendas arturianas.

Criando a ordem da Jarreteira, Eduardo firmava uma aliança simbólica com seus integrantes, o que lhe favoreceria muito na guerra. Ao invés de ser apenas uma figura que exerce seu comando de forma vertical, Eduardo buscava conquistar o respeito e admiração dos nobres ingleses, criando assim um espírito de camaradagem dentre os cavaleiros²²⁵.

Dessa maneira, Eduardo III seria uma figura que inspiraria seus aliados, e reforçaria os laços com a nobreza da Inglaterra – algo que seu pai e avô tiveram dificuldades em estabelecer. O que fica mais presente é uma espécie de controle da própria nobreza numa forma de respeito mútuo. O rei assim ganharia mais prestígio político que o próprio ideal cavaleiresco lhe proporcionava. O reforço da aristocracia com a simbologia da cavalaria, dentro do contexto de guerra contra a França, reforçava seu papel real e lhe dava maior apoio em suas causas. Eduardo III conseguiria unir a simbologia cultural a seus desejos políticos.

Para a ordem, foram escolhidos cavaleiros “(...) *por aconselhamento e por renome, os mais valentes dentre todos os outros: se obrigaram e obrigaram sob fé e juramento(...)*”²²⁶ bem como o próprio filho de Eduardo III, Eduardo, o Príncipe Negro, de quem trataremos brevemente.

appelleroit on et nommeroit les Chevaliers du Bleu Gerretier”. “Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 105r

²²⁴ <http://www.stgeorges-windsor.org/about-st-georges/history/the-order-of-the-garter.html>

²²⁵ Ormrod, W. M.. *Edward III*. Stroud, Inglaterra: Tempus, 2005. Pp. 114-115.

²²⁶ “(...) *par advis et par renommee les plus preux de tous les autres: et seelerent et s’obligierent, sur foy et par serement (...)*” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 105v

Eduardo de Woodstock, retratado a partir do século XVI também como “O Príncipe Negro”²²⁷ é lembrado como um dos maiores cavaleiros do século XIV. Filho mais velho de Eduardo III, foi armado cavaleiro no início da campanha de Crécy. Colecionou inúmeras vitórias em batalha e proezas, bem como procurou seguir o código da cavalaria também em suas obrigações religiosas, ao realizar doações para igrejas e orar com frequência. Entretanto, em um período em que o ideal cavaleiresco estava em transformação, Eduardo também foi lembrado por executar táticas anti-cavaleirescas como a de *chevauchées* que objetivavam a destruição e enfraquecimento da região a ser atacada, bem como confrontar os senhores dessas terras, causando grandes danos à população e economia francesa durante, principalmente, na época de 1350.

O príncipe participou de batalhas importantes como Crécy e Poitiers, que trataremos adiante, mas também em outros conflitos na Península Ibérica e Flandres. A partir de 1362 se tornaria príncipe também da Aquitânia, e passaria anos combatendo nessas terras, sendo contratado também para combater por Pedro I de Castela contra as forças do meio-irmão Henrique Trastâmara, ou seja, atuando quase como mercenário. Eduardo foi não apenas uma importante peça política no continente para o reino inglês, mas também uma importante liderança militar, já que também reproduziu as táticas de combate que seriam desenvolvidas pelos ingleses e as aperfeiçoaria ao adaptá-las a diferentes situações, mas dando grande ênfase ao papel dos arqueiros dentro dos combates. O Príncipe Negro seria um dos cavaleiros que estaria bem inserido dentro dessa transformação que a instituição cavaleiresca vinha sofrendo, principalmente no âmbito militar. Sua liderança e atuação provam que a transformação no campo de batalha não significa necessariamente decadência de um grupo, mas diversificação de técnicas e atores.

No século XIV torna-se constante o conflito entre a identidade militar da cavalaria, porque além de enfrentar grandes contingentes de mercenários, muitos cavaleiros a fim de quitar dívidas, ou pelo simples prazer de combater, vendiam suas espadas a algum contratante, bem como por terem surgido diversas novas táticas que

²²⁷A primeira menção escrita foi com John Leland, tido como pai da biografia e história local da Inglaterra, num manuscrito que tem dois comentários (um em inglês e outro em latim) com referências a Eduardo de Woodstock como “Black Prince” e “*Edwardi Principis cog: Nigri*”, BARBER, Richard. *Edward, Prince of Wales and Aquitaine: a biography of the Black Prince*. Londres: Allen Lane, 1978. P 242. Por volta de 20 anos mais tarde cronistas como Richard Graffon utilizariam essa alcunha em alguns momentos possivelmente se referindo aos escritos de Leland. Shakespeare remeteria também ao “Príncipe Negro em peças como a de “Ricardo II”.

mudaram vários aspectos de guerra. A batalha de Courtrai (1304) é um exemplo, pois do ponto de vista militar, a primeira grande derrota da cavalaria medieval pode ser situada nessa batalha. O combate entre as tropas nobres montadas da França contra uma infantaria flamenga munida de lanças e *goedendags*²²⁸ dava a grande possibilidade de vitória dos franceses. No referido combate, os flamengos não tinham opção senão lutar, uma vez que estavam encurralados entre o exército inimigo e um rio em suas costas. Para tornar ineficaz a carga da cavalaria, os defensores cavaram buracos e bocas-de-lobo no campo de batalha, e se posicionaram de forma a suportar a investida inimiga.

Após uma breve troca de tiros de besta (cuja ação era desprezada pela cavalaria²²⁹) os franceses investiram pelos lados, considerando quebrar a formação dos peões flamengos uma tarefa fácil (como sempre fora) e posteriormente ao desbaratamento, aniquilar o inimigo. Mas pela primeira vez isso não aconteceu. O que sucedeu foi conforme os planos flamengos: os cavalos caíram nos fossos e buracos e facilitaram a caça de seus montadores. Quem desbaratava eram os franceses, destituídos de sua formação de batalha.

No entanto, outro fato inédito ocorreu. Os cavaleiros franceses esperavam ser feitos prisioneiros, pois segundo o código de cavalaria era isso que o inimigo deveria fazer do derrotado. Mas a ordem antes da batalha foi bem clara aos flamengos: não fazer prisioneiros. Seguiu-se assim a carnificina dos rendidos.

Nas crônicas de Froissart temos parte desse estranhamento:

Primeiramente, para melhor introduzir o assunto, e para olhar para o passado assim como os fatos se apresentam, você deve saber que após o apaziguamento das guerras em Flandres, que foram muito grandes, e de onde descende a batalha de Courtrai, foi onde tantos homens nobres e valentes do reino da França foram mortos e sacrificados ²³⁰.

²²⁸Lanças tipicamente flamengas. In: MONTEIRO, João Gouveia. *Aljubarrota 1385... Op. Cit.* p.44

²²⁹ Inclusive, no segundo Concílio de Latrão de 1139 seu uso foi condenado entre os cristãos, a não ser que fosse usado contra os muçulmanos. O'CONNELL, Robert L. *História da Guerra... Op. Cit.* p. 116

²³⁰ "*Premierement pour mieuls entrer en la matere, et pour recorder au lonch ensi que les ordenances se sont portees, vous devés sçavoir que apriés l'apaisement des guerres de Flandres qui furent moult grandes, et dont la bataille de Courtrai descendi, ou tant de vaillans hommes et de nobles dou roiaulme de France furent mort et ochis.*" Cabe ressaltar que esse trecho foi retirado do manuscrito correspondente à última versão de Jean Froissart sobre o livro I. "Città del Vaticano Reg. lat. 869" Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOnline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014] Fol. 1v.

O mesmo efeito de derrota de um corpo de cavalaria para tropas de infantaria já havia ocorrido em uma batalha da qual tratamos anteriormente, Bannockburn (1314), travada por ingleses, liderados por Eduardo II, e escoceses. A respeito dessa batalha, em conjunto com Courtrai, João Monteiro aponta que

em ambos os casos os exércitos vencedores (Flamengos e Escoceses) lutavam pela liberdade. Ambos combateram a pé contra fortes exércitos de cavalaria pesadamente armada. Ambos optaram por uma tática defensiva, (...) obstáculos naturais (...) e artificiais

231

Dado isso, arqueiros munidos do *Longbow* aparecem como uma estratégia inglesa, que possibilitaria a vitória, apesar dos números inferiores frente aos inimigos nos combates. Casos como Crécy, Poitiers e Agincourt são exemplos da efetividade que tiveram esses guerreiros e que modificariam profundamente os métodos de batalha. Seguindo ainda o pensamento de Monteiro poderíamos classificar esses eventos como uma dialética de guerra: o que resultaria (síntese) do confronto de quase um século entre a cavalaria (tese) e uma estratégia fundada na utilização de arqueiros (antítese).²³²

Seguindo esse aspecto, Malcolm Vale defende a ideia de que, muito mais que o sistema de cavalaria de combate que seria alvo fácil de ser derrotado por tropas mais ordenadas, uma vez que as investidas dos cavaleiros eram, em grande parte, desorganizadas e egoístas.

A ascensão da Inglaterra como uma potência militar na Europa do século XIV é mais atribuída à superioridade estratégica inglesa, sua hábil distribuição tática de guerreiros desmontados e arqueiros e o uso efetivo da “chevauchée” como um dispositivo de buscar a batalha do que às divisões internas francesas, erro de julgamento tático e estruturas de comando ruins ²³³.

²³¹ MONTEIRO, João G. *Entre Romanos, Cruzados ... Op. Cit.* p. 188.

²³² *Idem.* p. 190.

²³³ “The emergence of England as a front-rank military power in the 14th Century Europe is attributed more to English strategic superiority, skillful tactical deployment of dismounted men-at-arms and archer, and effective use of the “chevauchée” as a battle-seeking device than to French internal divisions, tactical misjudgements, and poor command structures” VALE, Malcolm. *The Origins... Op. Cit.* p. VIII.

Os combates retratados por Jean Froissart no século XIV integrariam esses diversos aspectos que tratamos até agora. Inserido nessa situação que se encontrava a instituição cavaleiresca, ao perceber mudanças dentro de suas próprias práticas culturais no âmbito militar, e ao mesmo tempo o crescimento de grupos militares que passavam a ser decisivos nas batalhas, temos um cronista que procurava ainda perpetuar o ideal nobre da cavalaria dentro de suas ações de guerra mesmo que ela apresentasse sintomas de sua transformação no campo militar.

Capítulo 3 – O teatro: as campanhas militares de 1346 e 1356

Após termos apresentado o cronista Jean Froissart durante o primeiro capítulo, situando um pouco seu universo de escrita e suas características, trouxemos em seguida um pouco do universo no qual esse indivíduo viveu e os personagens dos quais tratou.

Tendo em vista os objetivos, principalmente o de legar a memória desses confrontos aos cavaleiros que quisessem se inspirar nos feitos de armas dos combatentes do século XIV, passaremos à ação, ao relato da guerra que Froissart buscou imortalizar. Sob esse olhar apresentaremos o relato a respeito da campanha militar empreendida por Eduardo III da Inglaterra no norte da França em 1346, a qual teve a batalha de Crécy como grande resultado. Do mesmo modo, analisaremos o relato de Froissart a respeito do confronto ocorrido em Poitiers, dez anos mais tarde, e verificaremos de que maneira o filho do rei, o Príncipe Negro, daria sequência às táticas bélicas que foram aperfeiçoadas por seu pai. Ainda, veremos de que forma Froissart estabelece um paralelo entre os dois confrontos, que mesmos distantes dez anos, têm muitos aspectos semelhantes. Assim, iremos observar e analisar o olhar do cronista sobre a relação dos diversos personagens que compõem o quadro da guerra nesses momentos.

Nossa análise agora focará na primeira versão do Livro I de Jean Froissart como base. Como vimos no primeiro capítulo, esse livro foi encomendado por Robert Namur, cunhado da rainha da Inglaterra Filipa de Hainaut. Dessa maneira, podemos observar os relatos sobre o triunfo de Eduardo III e de seu filho Eduardo Príncipe Negro. Mais do que isso, veremos o comportamento dos personagens da guerra nesses eventos que nos proporcionam um melhor entendimento das transformações do Ocidente no século XIV.

3.1 Ato I – a marcha até Crécy (1346)

Com o início das hostilidades entre os reinos ingleses e franceses, os primeiros anos do conflito da Guerra dos Cem Anos foram marcados pela agressividade de Eduardo III. De 1338 a 1340 a concentração de conflitos foi na região de Flandres, onde o intuito era controlar a localidade mercante. Com a derrota dos franceses em Sluys (1340) da qual tratamos anteriormente, os ingleses impuseram seu poderio sobre o

Canal da Mancha. No entanto, todos os esforços militares levaram a dívidas da coroa inglesa²³⁴ pelos custos de guerra e transporte naval.

Ainda assim, uma aproximação dos reinos da Escócia e da França fez com que a necessidade de preponderância bélica da Inglaterra se fizesse presente. Logo no início dos anos 1340, Eduardo III se envolveu na sucessão do ducado da Bretanha, mudando o foco do conflito para a região noroeste da França. Com isso, houve uma melhor aproximação logística das terras da Aquitânia com a coroa Inglesa, reforçando o contato e impondo uma ameaça ao reino francês que se estenderia do nordeste (regiões flamengas), norte (Canal da Mancha), noroeste (Bretanha) e oeste (Gasconha).

Em 1346, Eduardo começou a reunir uma hoste, ao que os relatos cronísticos nos apontam, com o intuito de rumar a suas terras na Gasconha, onde os confrontos das facções inglesas e francesas eram intensos. No entanto, alguns autores como Andrew Ayton apontam que a campanha na Normandia foi especificamente planejada para esta região e que tinha também como objetivo um combate de grandes proporções. Podemos observar que a região na qual ela ocorreria foi estratégica, tanto por ser uma região na qual não haviam grandes concentrações de hostes inimigas, uma vez que as forças francesas estavam divididas entre a Aquitânia, Flandres e Bretanha, mas que ainda assim eram as mais próximas da ilha britânica. Além de tudo, eram as terras de onde haviam vindo os ancestrais da coroa inglesa: a Normandia de Guilherme o Conquistador²³⁵. Estas terras haviam permanecido com a coroa inglesa até 1204 no reinado de João Sem-Terra, Tataravô de Eduardo III. Mesmo que a *chevauchée* empreendida pelo rei inglês tenha tido motivos de estratégia militar mais fortes de que esse último, ainda assim, cavalgar pelas terras de seus ancestrais confrontaria historicamente o poder de Felipe VI.

Também, a Normandia fazia fronteira com o condado de Ponthieu, justamente a terra pela qual deveria prestar homenagens como vassalo de Felipe VI e que fora posteriormente confiscada de Eduardo III pelo rei francês. É nessa região que ocorreu o combate em Crécy. Curiosamente, Eduardo III esteve lá em pelo menos dois momentos de sua vida anteriores a 1346. Na década de 1330, o território foi alvo de preocupações políticas para o rei inglês, principalmente durante o período em que deveria prestar

²³⁴ VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain 1066 – 1485*. Londres: Robinson, 2011. P. 327.

²³⁵ De acordo com Ladurie (LADURIE, Emmanuel. *The French Peasantry: 1450 – 1660*. Oakland, California, Estados Unidos: University of California Press, 1987. p. 32) três quartos da população da Normandia pereceriam durante a Guerra dos Cem Anos, tornando a região mais afetada demograficamente com o conflito.

homenagens a Felipe VI.²³⁶ “*Ponthieu era muito mais que uma fonte de rendimentos; era um dos pontos potencialmente explosivos de contato entre um senhor e um vassalo que eram ambos reis em seus próprios direitos.*”²³⁷ Mesmo que a campanha tenha sido planejada, Froissart aponta a escolha desse território para a invasão como feita em última hora.

O que podemos pensar então, caso a hipótese de Ayton seja verdadeira, é que Froissart precisava explicar o porquê de terem rumado para a Normandia. Possivelmente, desconhecedor das principais estratégias do rei, buscou justificar a escolha da Normandia em detrimento de um dos fronts na Aquitânia, algo que pareceria um tanto óbvio já que algumas das cidades estavam sitiadas por franceses, dando a entender dessa forma que a decisão havia sido tomada em último momento, já que a situação se mostrava favorável para a incursão.

Logo no início do capítulo em que Froissart narrou a campanha pela Normandia, nos é apresentado como os ingleses chegaram até lá. Para explicar quais eram as tomadas de decisão do rei inglês, ou mesmo as táticas que Eduardo III utilizaria, Froissart coloca o nobre normando Godfrey Harcourt, primo do rei inglês que tratamos no capítulo 1, aconselhando o monarca nos assuntos da Guerra.

Navegaram durante todo o primeiro dia na direção do vento e dos marinheiros. Eles estavam fazendo uma boa viagem rumo a Gasconha, aonde o rei tinha a intenção de chegar. No terceiro dia que eles estavam no mar, o vento virou e os levou até a região da Cornuália. Ficaram ancorados lá por seis dias. Nesse momento, o rei teve um outro conselho, deliberação e sugestão do senhor Godfrey de Harcourt, que o aconselhou para o melhor, por fazer grandes proezas, e que, assim, rumasse para a Normandia.²³⁸

²³⁶ AYTON, Andrew; PRESTON, Philip; *et al.* (2005). *The Battle of Crécy... Op. Cit.* Pp. 79-80.

²³⁷ “*Ponthieu was much more than a source of revenue; it was one of the potentially explosive points of contact between a lord and a vassal who were both kings in their own rights.*” *Idem*, p. 82

²³⁸ “*Si singlerent tout ce premier jour a l’ordonnance du vent et des marinniers. Ilz orent asséz bon exploit pour aler devers Gascoingne, ou le roy tendoit a aler. Au tiers jour qu’ilz se furent mis sur la mer, la vent leur fut tout contraire et les reboutta sur les marches de Cornuaille. Si geurent la a l’ancre VI jours. En ce termine ot le roy autre conseil, parlement et enortacion de messire Godefroy de Harecourt, qui lui conseilla pour le mieulx, pour faire plus grant exploit, qu’il preist terre en Normendie.*” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol.128r.

De acordo com Andrew Ayton, Harecourt seria um personagem com o qual Froissart buscava explicar as bases racionais de algumas tomadas estratégicas.²³⁹ Possivelmente, nesse ponto um rei como Eduardo III não precisaria de uma tutoria sobre como lutar, mas o cronista se utiliza de um personagem para poder inserir seu leitor dentro da história e mostrar alguns fatos dando voz aos participantes, um dos artifícios de Froissart para garantir memorabilidade e verossimilhança a suas crônicas. Esse personagem, Harecourt, “*a quem o rei chamava de primo*”²⁴⁰ teria aconselhado o rei a invadir a Normandia, pois lá havia terras ricas e que não eram muito protegidas.

“Senhor, as terras da Normandia são umas das mais ricas do mundo, e te prometo, por minha cabeça, que você chegará lá e tomará a terra do jeito que quiser (...) pois as pessoas na Normandia ainda não estão armadas para combater, e toda a flor da cavalaria que poderia estar lá, está agora sitiando Aguilon com o duque. E você encontrará na Normandia grandes cidades e casas no campo que não estão fechadas, onde seus homens irão fazer um bom butim que eles irão aproveitar até daqui a mais de dez anos. E você poderá se utilizar de sua frota até Caen na Normandia”²⁴¹

A tarefa logística de transporte dos guerreiros, de suprimentos, de cavalos e de outros profissionais que se envolviam direta ou indiretamente na guerra (caso dos ferreiros, cozinheiros, mineiros, operadores de máquinas de cerco, flecheiros) foi muito grande, pois o objetivo era empreender uma campanha que duraria algum tempo. Foi necessária a utilização de navios mercantes para o transporte, já que o reino inglês não contava com uma frota naval expressiva.²⁴² O total estimado por Barber nessa campanha foi de 13.600 homens que embarcaram na Inglaterra, algo que Froissart

²³⁹ AYTON, Andrew; PRESTON, Philip; *et al.* (2005). *The Battle of Crécy... Op. Cit.* P. 47.

²⁴⁰ “*qui s’appelloit son cousin*” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol.128v.

²⁴¹ “*Sire, le paÿs de Normendie est un des plus gras paÿs du monde, et vous proumets sur l’abandon de ma teste que se vous arrivéz la, vous y prendréz terre a vostre volenté (...). Car ce sont gens en Normendie qui oncques ne furent arméz, et toute la fleur de la chevalerie qui y peut estre, est maintenant devant Aguilon avecques le duc. Et trouveréz en Normendie grasses villes et bastides qui point ne sont fermées, ou voz gens auront si grant prouffit qu’ilz en vouldront mieulx X ans après. Et vous pourra vostre navie suivir jusques a Caen en Normendie.* *Idem* Fol. 128r – 128v.

²⁴² BARBER, Richard. *Edward III and the Triumph... Op. Cit.* Pp. 178-180.

mesmo estipulou: “4 mil homens de armas e 10 mil arqueiros, sem contar os irlandeses e alguns galeses que acompanharam a hoste à pé”²⁴³.

Os suprimentos para a campanha seriam transportados junto com a hoste, mas também adquiridos ao longo da campanha por meio de saques ou de coleta de alimentos nas florestas ou plantações. Ainda, a campanha contaria com navios que enviariam mais itens necessários ao longo da costa.²⁴⁴

Um dos problemas enfrentados durante a campanha foi a falta de flechas. Já que o grosso da hoste era formada por arqueiros, e supondo que cada um tivesse pelo menos uma aljava com 12 flechas cada um, se calcularmos 12 x 7.500, um número estimado por Barber desses guerreiros que estiveram envolvidos na campanha, teríamos o número de 90 mil flechas. Contudo, na campanha foi necessário muito mais do que uma dúzia de flechas, e muitas vezes os flecheiros não davam conta de produzir uma quantidade suficiente para servir ao exército. Houve esforços por parte dos arqueiros em conseguir reaver algumas das flechas utilizadas de volta, e até mesmo a de confeccionar as próprias flechas para atender a demanda.²⁴⁵ Podemos ver aqui que empreender uma campanha com um número massivo de arqueiros traria problemas com o abastecimento de flechas, bem como o preço e tempo necessário para sua confecção. No entanto, compreender que ainda assim estes guerreiros compusessem grande parte do exército confirma que a tática de Eduardo III do uso de arqueiros valia a pena.

Ao chegar à Península de Contentin, norte da França, Eduardo III organizou suas tropas em três ordens: “uma iria de um lado junto com a frota naval pela direita e outra pela esquerda, e o rei e o príncipe, seu filho, iriam por terra. E todas as noites o batalhão dos marechais deveria se juntar no acampamento do rei”²⁴⁶. As tropas que iam pela costa pilhavam as cidades, tomavam pequenas embarcações e as incluíam na frota inglesa. Essas tropas costeiras alcançariam a cidade de Barfleur, onde “a

²⁴³“ IIIIM hommes d’armes et XM archiers, sans les Irois et aucuns Galois qui suivoient l’ost tout a pié.” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart* Op. Cit. Fol.128r.

²⁴⁴ BARBER, Richard. *Edward III and the Triumph...* Op, Cit. P. 180.

²⁴⁵ *Idem*, P. 181.

²⁴⁶ “l’une iroit d’un léz tout selon la marine a dextre et l’autre a senestre, et le roy et le prince son filz iroient par terre. Et devoit toutes le nuis la bataille des mareschaulx se retraire au logeis du roy” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart* Op. Cit. Fol.129r

*conquistaram à pé pois os burgueses se renderam com medo da morte*²⁴⁷. A cidade seria saqueada apesar da rendição, assim como fariam com as vilas vizinhas²⁴⁸.

Após a tomada da cidade, as tropas inglesas, de acordo com Froissart “*Se espalharam no território pela costa e fizeram grande parte do que tiveram vontade, pois não havia ninguém para impedi-los*”²⁴⁹. Depois disso, o objetivo era tomar Caen, principal cidade da Normandia. Até chegarem a esse local, pilhavam as cidades no caminho.

O rei com suas tropas ordenou que seu primo fosse à frente com um grupo de guerreiros. Harcourt conhecia bem a região, como relatado por Froissart, e teria facilidade em chegar até a cidade de Caen.

E fez Godfrey [de Harcourt] conduzir sua hoste pois ele conhecia as entradas e saídas da Normandia. O Senhor Godfrey partiu como marechal da hoste do rei com 500 homens de armas e mil arqueiros, e cavalgou umas seis ou sete léguas distante do rei, queimando e destruindo a região.²⁵⁰

Ainda, Froissart retrata que a *chevauchée* de destruição e pilhagem não se restringiu apenas aos guerreiros distantes do rei. O próprio rei e o corpo de guerreiros junto de si também participaram da desolação da Normandia. Em dois trechos, anteriores à chegada na cidade de Caen, temos dois trechos que exemplificam isso:

Cavalgou o rei da maneira que vos disse, queimando e destruindo o país sem romper a organização de seu batalhão.²⁵¹

(...) o rei da Inglaterra e seus homens fizeram o que tiveram vontade da cidade de Saint-Lô em Contantin.²⁵²

²⁴⁷ “*la conquistrent sus pié, car les bourgeois se rendirent pour doubte de la mort*”. *Idem, Ibidem*.

²⁴⁸ *Idem, Ibidem*

²⁴⁹ “*ilz s’expandirent parmy le paÿs selon la marine. Si firent une grant partie de leurs volentéz, car ilz ne trouverent homme qui riens leurs deveast.*” *Idem, Ibidem*.

²⁵⁰ “*Et fist monseigneur Godefroy conduiseur de son ost, pour tant qu’il savoit les entrees et yssues de Normendie, lequel monseigneur Godefroy parti comme mareschal de la route du roy a VC armeures de fer et M archiers, et chevaucha bien VI ou VII lieues loing de l’ost du roy, ardant et exillant tout le paÿs.*” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol.129v

²⁵¹ “*Si chevaucha le roy en tele maniere que je vous dy, ardant et exillant tout le paÿs sans point brisier son ordonnance.*” *Idem, Fol.130r*

Caen, a cidade a qual a hoste inglesa rumaria, havia sido aquela de onde Guilherme o Conquistador havia reunido as tropas normandas que conquistaram a ilha britânica em 1066. A cidade, de acordo com Froissart, “*estava cheia de pessoas, riquezas e de todas as mercadorias e belas igrejas, e em especial, lá havia duas grandes e ricas abadias, uma em um dos extremos da cidade e a outra no outro extremo.*”²⁵³

A cidade estava defendida por cavaleiros franceses, inclusive o próprio condestável da França. Dentro da cidade, havia um castelo que era defendido por um cavaleiro “*(...) o capitão era um bom cavaleiro da Normandia que se chamava Robert de Wargny, e tinha consigo um grupo de trezentos genoveses.*”²⁵⁴, nos relata Froissart. O cronista também nos apresenta a atitude dos habitantes de Caen que, contrários às ordens do condestável da França de ficar dentro da cidade com os muros fechados e defendê-la dessa maneira, preferiram ir até o descampado defronte à cidade, ao que ele nos indica com vontade de impedir honrosamente o avanço dos ingleses sobre ela. “*Os habitantes da cidade disseram que não fariam dessa maneira, e que eles iriam ao campo e aguardariam o poderio dos ingleses, já que eles estavam fortemente preparados para combatê-los.*”²⁵⁵ Essa valentia, segundo o cronista, seria suficiente para convencer o condestável a combater fora dos muros de Caen: “*Que seja em nome de Deus, e vocês não combaterão sem a mim e meus homens*”²⁵⁶

À chegada dos ingleses, houve debandada dos cidadãos para dentro da cidade. O que Froissart nos apresenta sobre esse momento é muito interessante:

Assim que os burgueses de Caen viram os ingleses se aproximar, vindo em três batalhões coesos e compactos, notaram a grande quantidade de bandeiras hasteadas tremulando e ouviram os arqueiros urrando, dos quais não estavam acostumados a ver ou

²⁵² “*(...)le roy d’Engleterre et ses gens orent fait leur voullenté de la ville de saint Loup en Constantin.*” Idem, Fol.130v”

²⁵³ “*estoit pleine de gens, richesses et de toutes marchandises et de moult belles eglises, et par especial, y a Il grosses abbayes et riches, l’une a l’un des bous de la ville et l’autre a l’autre bout.*” Idem, Ibidem.

²⁵⁴ “*Et estoit capitaine adont un bon chevalier de Normendie qui s’appelloit messire Robert de Wargny, et avoit avecque lui en garnison bien trois cens Gennevois.*” Idem, Ibidem.

²⁵⁵ “*Ceulx de la ville disrent qu’ilz ne feroient mie ainsi, et qu’ilz se traioient sus les champs et attendroient la puissance des Anglois, car ilz estoient asséz fors pour les combatre.*” Idem, Ibidem.

²⁵⁶ Idem, Ibidem.

experienciar, se assustaram tanto que ninguém no mundo conseguiria conter aqueles que se puseram a fugir. Então se retiraram para a cidade sem organização, quisesse o condestável ou não.²⁵⁷

Esse trecho nos apresenta claramente o estranhamento da população francesa com a hoste inglesa composta por uma grande quantidade de arqueiros. Froissart nos apresenta qual foi a sensação de um primeiro contato que essa nova tática militar de Eduardo III teria com seus inimigos. Mesmo que qualquer número grande de pessoas que rumassem em direção a uma cidade para destruí-la causasse certo pavor nos defensores, podemos ver que Froissart atribuiu a fuga dos habitantes de Caen justamente ao fato da presença dos arqueiros, o que aponta para o fato de que houve um estranhamento em relação a essa formação tática que mereceu ser retratada. Uma vez que esse trecho trata de uma informação de cunho emocional – o medo – possivelmente tenha vindo de uma testemunha oral que, ou estivesse envolvida nesse momento, ou soubesse do impacto causado pela grande presença justamente dos arqueiros no exército.

O cronista, inserido num meio social que estava envolvido em batalhas, deve ter notado nos relatos que houve alteração no modo de batalha inglês, e na repercussão que isso pode ter tido nos inimigos. Afirmamos isso pois, mesmo que Froissart tenha tido como base as crônicas de Jean le Bel, o trecho deste cronista que se refere a esse momento não faz menção aos arqueiros, e sim ao tamanho do exército em si.²⁵⁸ Logo, não só a presença do exército seria importante para a fuga dos cidadãos, mas Froissart aponta que a presença dos arqueiros foi um dos grandes motivos disto ter acontecido.

Após o desbaratamento, a cidade de Caen foi tomada e saqueada em sua maioria, com exceção do castelo. Como Froissart expõe, os guerreiros ingleses perseguiam os cidadãos pelas ruas da cidade e, inicialmente, era o que o rei inglês tinha

²⁵⁷“Sitrestost que ces bourgeois de Caen virent approuchierces Anglois, qui venoient en III batailles drus et serréz, apparceurent banieres et pennons a grant foison venteler et oirent ces archiers ruire qu’ilz n’avoient point accoustuméz de veoir ne de sentir, si furent si effraiez que tous ceulx du monde ne leussent pas retenuz qu’ilz ne fuissent mis a la fuite. Si se retray un chascun vers la ville sans arroy, vouldist le connestable ou non.” *Idem*, Fol.131r.

²⁵⁸ O trecho de Le Bel é o seguinte: “Si tost que ces seigneurs de la ville veirent la baniere du roy d’Angleterre et tant de sy belles gens d’armes que oncques n’avoient veu les pareilles, ilz eurent si grandpaour que tous ceulx du monde ne leur e[u]ssent deffendu qu’ilz ne se retraissent en la ville, vouldissent connestables, mareschaulx, ou non.” LE BEL. *Chronique, tome second... Op. Cit.* P. 84

como objetivo. No entanto, Godfrey de Harcourt mais uma vez interferiria como consciência de Eduardo III, pedindo que a cidade não fosse mais pilhada ou destruída com o intuito de poupar seus guerreiros, pois os cidadãos não se renderiam tão facilmente e sem prejuízo aos ingleses.²⁵⁹

Concordando com a afirmação do marechal, o rei pediu que os cidadãos fossem poupados. Saindo de Caen, os ingleses agora rumariam em direção a Paris. No caminho, deixavam um rastro de destruição, mas quando se deparavam com outras cidades fortificadas que fossem apresentar dificuldade em capitular, Eduardo optava por deixá-las e saquear os vilarejos vizinhos. Froissart dá ênfase ao cuidado que o rei tinha para não ter seu poder bélico diminuído, e assim, demonstra como os ingleses evitaram grandes cidades ou castelos que fossem difíceis de serem conquistados para preservar seus homens. Um dos exemplos é a da cidade de Évreux, que fica na metade do caminho entre Caen e Paris:

E então passaram por outra [cidade] e entraram no condado de Evreux, pilhando tudo, exceto as fortalezas. Ainda, evitaram cidades fechadas e castelos. O rei queria preservar seus homens e sua artilharia pois ele pensava ter coisas a fazer, assim como o senhor Godfrey de Harcourt o havia aconselhado.²⁶⁰

²⁵⁹ *“Chier sire, vueilléz refréner vostre courage, et vous souffise ce que vous avéz fait. Vous avéz a faire un grant voyage ainçois que vous soiés devant Calais, ou vous tiréz a venir. Et si a encore en ceste ville grant peuple qui se deffendoit en leurs hostelz se on leur cueurt sus. Et par aventure vous pourroit trop grandement [...] couster de vous gens ainçois ainçois que la ville feust exilliee, par quoy vostre voyage se pourroit derompre, si vous tourneroit a grant blasme. Si espargniéz voz gens, et sachiéz qu’il vous vendront tres bien a point dedens l mois. Car il ne peust estre que le roy Philippe ne doie chevauchier contre vous atout son effort et combatre, a quelque fin que ce soit. Et trouveréz encore des estrois passages et des rencontres pluseurs par quoy ce gens que vous avéz, et plus encore, vous feront bien mestier. Et sans occire nous serons seigneurs de ceste ville, et se mettront volentiers hommes et femmes a vostre bandon”.* Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol.131v.

²⁶⁰ *“Et puis passerent oultre et entrèrent en la conté d’Evreux, et ardirent toute excepté les fortresces, mais ilz n’assaillirent(avoid) ville fremee ne chastel. Le roy vouloit garder ses gens et son artillerie car il pensoit avoir a faire, ainsi que monseigneur Godefroy de Harecourt lui avoit dit et monstré. Idem, Fol. 132r.*

Durante essa altura da campanha, os ingleses seguiam pilhando os lugares por onde passavam: “*o rei e toda sua hoste levantaram acampamento e cavalgaram destruindo o território*”²⁶¹

Ainda, Froissart também aponta a dificuldade do rei em controlar completamente seus guerreiros, que causaram grande destruição por onde passavam. Embora a pilhagem fizesse parte da campanha, há momentos em que o cronista relata punições que foram dadas àqueles que transgrediram suas ordens. Um dos exemplos é da cidade de Beauvais, no entorno da região de Paris:

Assim que o rei partiu, olhou para atrás e viu que a abadia estava em chamas. Isso o deixou muito irado. Parou no caminho e disse àqueles que haviam feito isso que se apresentassem diante dele. Pois ele havia defendido, sob pena de serem enforcados, que não violassem igrejas nem botassem fogo em abadias nem em mosteiros. Fez prender vinte daqueles que haviam posto fogo para que os outros os tomassem como exemplo.²⁶²

Esse trecho nos levanta três constatações sobre o rei. Primeiramente, o cuidado com a violação de lugares sagrados, pois embora fossem lugares ricos (e eventualmente tivessem sido saqueados), esse momento pode ter sido uma demonstração do poder do rei e seu respeito por Deus, ou também uma evidência da eficácia ideológica da agenda imposta pela Igreja, da paz e trégua de Deus.. Em segundo lugar, por esses indivíduos haverem transgredido suas ordens, ele, como autoridade real, precisaria tomar uma atitude que servisse de exemplo para evitar futuras transgressões. Isso está relacionado com o terceiro ponto, que indica a imposição pessoal sobre a organização de seu exército que necessitava de coesão tática, sendo assim, ter obediência ao comando dos superiores.

Mesmo que a pilhagem fizesse parte da campanha, a ideia que Ayton nos apresenta é que muitos cronistas ocultaram a informação de que era algo que o rei

²⁶¹ *le roy et tout son ost deslogierent et chevauchierent ardant le pays*”. *Idem*, Fol.133r.

²⁶² “*Si tost que le roy fut parti, il regarda derriere lui et vid que l’abbaye estoit enflambee. De ce fut il moult courroucié, et s’arresta sur le champs et dit que ceulx qui avoient ce fait oultre sa deffense le comparroient chierement. Car le roy avoit deffendu sur la hart que nul ne violast eglises, ne boutast feu en abbaye ne en monstier. Si en fist pendre XX de ceulx qui avoient le feu boutté ad fin que les autres y preissent exemple.*”. *Idem*, Fol.132v.

buscasse, pois comprometeria sua representação de pessoa justa.²⁶³ No entanto, Eduardo III não teria atraído a atenção dos franceses se apenas desfilasse pela Normandia sem representar ameaça alguma, e a destruição dos territórios seria uma afronta ao reino francês. Logo, o trecho descrito por Froissart também pode ser uma ferramenta de construção imagética de um rei que prezava pela justiça e que repudiava a destruição desmedida. De qualquer modo, a partir da cidade de Poissy, onde ficou clara a intenção de Felipe VI em combater os ingleses com suas hostes, esse tipo de estratégia de *chevauchée*, de destruição e pilhagem, foi suspensa para preservar as tropas na medida em que essa batalha de grandes proporções se apresentava iminente.

Retomando o avanço da hoste inglesa, enquanto se aproximavam da principal cidade do reino francês, Paris, Felipe VI reunia tropas para fazer frente aos invasores. Uma das estratégias para enfraquecer os invasores era de, além de queimar as plantações e esvaziar os celeiros, evitar que os ingleses conseguissem se aproximar da costa a fim de reabastecerem-se com suprimentos. Para que isso fosse possível, várias pontes de travessia do rio Sena foram destruídas, e os possíveis pontos de travessia defendidos por tropas francesas. Alguns momentos são apresentados nas crônicas: “*E por todo o lugar encontraram as pontes do rio Sena desmontadas. Foram até Poissy e encontraram a ponte desfeita, mas ainda era possível ver a estrutura no rio*”²⁶⁴. Dessa forma, os ingleses seriam prensados entre o rio Sena e as guarnições de Paris, sendo então obrigados a dar combate.

Entretanto, Eduardo III executaria uma manobra de extrema astúcia para fugir desta situação em específico. Enquanto saqueavam as cidades no entorno de Paris, as hostes dessa cidade se reuniram para atacar os ingleses, pois muitos dos comuns da cidade tinham medo que fosse feito o mesmo que ocorreu com Caen²⁶⁵. Como Eduardo III não conseguia atravessar o rio Sena, Felipe VI mobilizou suas tropas para a região sul de Paris, local para aonde os ingleses teriam de marchar se quisessem sair daquela região. “*O rei partia de Saint Denis com suas tropas na intenção de encontrar o rei*

²⁶³ AYTON, Andrew; PRESTON, Philip; et al. (2005). *The Battle of Crécy... Op. Cit.* P. 65.

²⁶⁴ “*Et par tout trouverent ilz sur la riviere de Sainne ces pons deffais. Et vindrent jusques a Poissy et trouverent le pont rompu, mais encore estoient les attaches et les gistes en la riviere*”. Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. 132r.

²⁶⁵ “*Ainsi repaisa il la commune de Paris, la quelle estoit en grant doute que les Anglois les venissent assaillir et destruire, ainsi qu’ilz avoient fait Caen*”. *Idem.* Fol. 132v.

*inglês e combatê-lo, porque tinha grande desejo de vingar a pilhagem de seu reino*²⁶⁶. Essa seria a rota que Eduardo III teria de seguir em direção aos seus aliados de Flandres, mas o rei francês pretendia interceptar essa marcha. Enquanto isso, os ingleses improvisaram uma ponte e atravessam o rio Sena, indo em direção norte para Ponthieu, antigo território pertencente ao reino inglês. Dessa forma, Felipe VI partiu com seu exército para alcançar os britânicos. A partir de então, a hoste inglesa seria perseguida pelos franceses e seu aliados do Império Germânico.

Destruindo os locais por onde passavam, os ingleses agora buscavam uma nova travessia, desta vez pelo rio Somme, que tinha suas pontes destruídas ou bem protegidas: “[O rei inglês] não sabia ainda aonde ele poderia atravessar o rio Somme, que é largo e profundo. As pontes estavam desfeitas ou tão bem guarnecidas de bons homens de armas que era impossível atravessar o rio”²⁶⁷. Enquanto as tropas inglesas procuravam por algum ponto de passagem, Froissart aponta as pretensões do rei francês: “[os ingleses] não haviam encontrado uma passagem. Essas notícias fizeram o rei francês muito satisfeito, e pensou que tivesse encurralado o rei inglês entre Abbeville e o rio Somme, forçando um combate nos seus termos.”²⁶⁸

Embora Andrew Ayton aponte para uma ideia de que Eduardo III planejara a campanha e a batalha especificamente onde ocorreu o confronto de Crécy, de acordo com o relato de Froissart e seus entrevistados, os ingleses podem de fato ter se sentido perseguidos e acuados com um exército francês à sua procura, e sentiram que não havia outra opção a não ser dar batalha. Froissart se preocupava muito em descrever as emoções dos envolvidos, e esse sentimento de perseguição ao exército inglês pode ser evidenciado em trechos como aqueles em que os ingleses precisavam atravessar o rio Somme. Quando seus generais vieram até o rei e disseram que não havia nenhum local onde se pudesse cruzar o rio, Froissart escreve que o rei havia refletido²⁶⁹ sobre a situação em que se encontrava, pois “sabia bem que o rei da França o perseguia para

²⁶⁶ “Si estoit le dit roy parti de Saint Denis a grant baronnie en entencion de trouver le roy anglois et pour combatre a lui, car moult en avoit grant desir et a contrevengier l’arsure de son royaume.” *Idem*, Fol. 133v.

²⁶⁷ “et si ne savoit encore ou il pourroit passer la riviere de Somme, qui est large et parfonde. Si estoient tous les pons deffais ou si bien gardéz de bonnes gens d’armes que la riviere estoit impossible a passer.” *Idem*, *Ibidem*.

²⁶⁸ “n’avoient point trouvee de passage. De ces nouvelles fut le roy de France moult lié, et pensa qu’il en clorroit le roy d’Engleterre, entre Abbeville et la riviere de Somme et le prendroit ou combatroit a sa volenté.” *Idem*, Fol. 134r.

²⁶⁹ “Quant le roy d’Engleterre ot oy la relacion de ses II mareschaulx, si ne fut mie plus lié ne moins pensif, et commença fort a soy merancier.” *Idem*, Fol. 133v e 134r.

combatê-lo”²⁷⁰. Isso também fica evidenciado no trecho sobre o combate: “*E sabiam que os ingleses se esforçariam muito no combate, pois lhes havia sido dito que o rei da França os perseguia com mais de cem mil homens de armas*”²⁷¹. Lemos uma demonstração da preocupação do rei Eduardo III quanto à travessia e da aproximação de seu inimigo: “*O rei da Inglaterra não dormiu muito aquela noite, e fez soar seu trompete para sinalizar o fim do acampamento*”²⁷²

Ao achar um local para cruzar o rio Somme, numa passagem conhecida como Blanchetaque, e ter tido sucesso em tê-la atravessado, “*agradeceu a Deus por toda a graça concedida de ter atravessado são e salvo e por ter conquistado seus inimigos*”²⁷³. Ao mesmo tempo, quando os franceses chegaram ao local onde os ingleses haviam passado a noite, encontraram muitas provisões e comida prontas, pois os ingleses partiram com muita pressa.²⁷⁴

Se levarmos a hipótese de Ayton ao encontro do relato de Froissart, podemos supor que essas emoções que o cronista pôs à pena e tinta seriam o que os envolvidos na campanha experienciaram, e que estes provavelmente não estavam a par das estratégias do rei de uma campanha planejada. Ou seja, mesmo que Eduardo III tenha traçado uma rota que levaria até Crécy, talvez não fosse de total conhecimento dos participantes. O que estes testemunharam foi a urgência de se atravessar o rio Some para fugir das tropas francesas que os perseguiam e a dificuldade de fazê-lo, mas não que soubessem necessariamente para onde iam.

A passagem pelo rio é atribuída a uma informação obtida de um habitante da região de nome Gobin Agace. O interessante é que, enquanto Le Bel apenas expõe que foi um homem que deu a informação, Froissart apresenta seu nome, e também o tratamento que o rei lhe deu em agradecimento pela informação. A informação que ele deu ao rei sobre a travessia é a seguinte, como descrita por Froissart:

²⁷⁰ “*savoit bien que le roy de France le suivoit pour le combatre*”. *Idem*, Fol. 134r.

²⁷¹ “*Et sachiés que les Anglois se penoient bien de combatre, car il leur estoit dit que le roy de France les suivoit a plus de centM hommes d’armes.*” *Idem*, *Ibidem*.

²⁷² “*Le roy d’Engleterre ne dormit mie grant somme celle nuit, et fist sonner sa trompette en signe de deslogement.*” *Idem*, Fol.134v.

²⁷³ “*Et regracia Dieu le roy d’Engleterre que si grant grasce lui avoit faitte de trouver passage bon et seür et conquis ses enemis*”. *Idem*, Fol. 135v

²⁷⁴ “*Et trouverent les François grant foison de pourveances et de viandes que les Anglois avoient laissié, car ilz estoient de la parti a grant haste.*” *Idem*, Fol. 134r.

Havia um criado que tinha o nome de Gobin Agace, que se acusou e disse saber de uma passagem chamada de Blanchetaque melhor que nenhum outro, pois nasceu e cresceu lá perto. Disse ao rei: “Senhor, sim, em nome de Deus, eu te prometo e juro por minha cabeça que te mostrarei tal local e você passará o rio Somme junto dos seus, sem perigo. E há certos locais em que doze homens passarão de frente duas vezes entre o dia e a noite, e não haverá água acima do joelho. Pois quando o refluxo do mar vem do sul, ele inunda o rio de volta e ninguém pode passar, mas quando o fluxo do mar se retrai, o rio fica tão pequeno que pode-se passar a pé e à cavalo. E não se pode fazer isso em nenhum lugar a não ser lá, exceto na ponte de Abbeville, que é uma vila forte e bem guarnecida de homens. E na referida passagem, meu senhor, que eu disse o nome, está cheia de mármore branco, forte e duro, sobre o qual se pode passar. E por isso nós a chamamos de Blanchetaque.”²⁷⁵

Após haver atravessado o rio, Froissart também apresenta a gratidão do rei para com o criado:

Então pediu o rei que viesse o criado que havia apontado a passagem, e o libertou de sua prisão e de seus companheiros pelo amor que tinha a eles, e lhe deram cem coroas de ouro e um bom cavalo. Desse homem eu não sei de mais nada.²⁷⁶

²⁷⁵“ *La ot un vallet qui ot a nom Gobin Agache, qui s’avança de parler et qui cognoissoit le passage de Blanchetaque mieulx que nul autre, et estoit nez et nourri de la pres. Si dist au roy: "Sire, oyl, ou nom de Dieu, je vous promet et sur l’abandon de ma teste que je vous menray bien a tel pas ou vous passeréz bien la riviere de Somme et les vostres, sans peril. Et y a certaines metes de passage ou XII hommes passeront de front Il fois entre jour et nuit, et n’auront d’eau plus avant que aux genoulx. Car quant le flum de la mer est en venant sus, il regorge la riviere contremont, que nul n’y pourroit passer, mais quant le flum s’en est retrait, la riviere demeure la endroit si petite qu’on y passe bien aise a pié et a cheval. Et ne peut on ce faire ailleurs que la, fors au pont d’Abbeville, qui est forte ville et bien garnie de gens d’armes. Et au dit passage, monseigneur, que je vous nomme, a granier de blanche marle, fort et dur, sur quoy on peut seurement charier. Et pour ce l’appelle on la Blanchetaque.”* Idem, Fol. 134v.

²⁷⁶“*de trouver passage bon et seür, et conquis sur ses ennemis. Adont fist venir le roy d’Engleterre le valet avant qui le passage avoit enseigné, et le quitta de sa prison et tous ses compaignons pour l’amour de lui, et lui fist baillier cent nobles d’or et un bon roncin. De cestui ne sçay je plus avant.”* Idem, Fol. 135v.

Para poder atravessar o rio, foi preciso combater uma pequena hoste francesa que guardava a passagem. Desse confronto, conhecido como a batalha de Blachetaque, Froissart escreveu que

E lá os genoveses que estavam lhes causaram bastante dano, mas os arqueiros da Inglaterra atiraram tanto em conjunto que obtiveram um belo sucesso. (...) A batalha na passagem de Blanchetaque foi intensa e forte, e foi bem defendida pelos franceses, mas finalmente os ingleses passaram para o outro lado, mesmo com qualquer dano que tenham sofrido, e se espalharam pelos campos assim que lá chegaram.²⁷⁷

Froissart aponta que foi um combate com grandes feitos de armas, e dá sua importância justamente por ter feito a diferença para o exército inglês, pois se não tivessem cruzado o rio Somme, não teriam conseguido chegar até Crécy. Mesmo que não tenha sido um dos maiores nos quais os ingleses se envolveram durante a campanha, mereceu mais destaque que outros, e também, uma descrição embelezada do cronista: “[os defensores] não queriam ter de serem confrontados nos campos, e cuidaram para que lutassem na água do que em terra. Aqueles lá, eu vos digo, fizeram uma bela justa e muitos feitos de armas”.²⁷⁸

Após o conflito, os ingleses atravessaram o rio, mas uma batalha de grandes proporções contra os franceses ainda era inevitável, já que estes seguiam em seus calcanhares. Nas crônicas, é-nos apresentada a reação do rei inglês ao saber do sucesso da travessia de seus inimigos: “Essa notícia deixou o rei francês muito irado, pois ele esperava encontrar os ingleses na orla do rio Somme e combatê-los.”²⁷⁹

Ainda após a travessia, a região de Ponthieu seria pilhada pelos ingleses. Isso representava uma afronta ao rei Felipe VI, uma vez que essas terras haviam sido confiscadas do reino inglês. Como já comentamos, Andrew Ayton aponta que o rei

²⁷⁷ “Et y avoit Genevois qui du trait leur faisoient moult de maux, mais les archiers d’Engleterre trayoient si onniement que merveilles.(...) Sur le pas de la Blanchetaque fut la bataille dure et forte, et asséz bien gardee des François, mais finalement les Anglois passerent oultre, a quelque meschief que ce feust, et se traisrent, ainsi qu’ilz passoient, sur les champs.” *Idem*, Fol. 135r.

²⁷⁸ “ne vouloient mie estre trouvés sur les champs, mais avoient plus chier a joster en l’eau que sur terre. Si ot la, je vous dy, fait mainte belle joste et maintes appertises d’armes.” *Idem*, *Ibidem*.

²⁷⁹ “De ces nouvelles fut le roy de France moult courroucié, car il cuidoit bien trouver les Anglois sur le rivage de la riviere de Somme et les combatre.” *Idem*, *Ibidem*.

inglês já sabia do local escolhido para se travar a batalha antes mesmo de se iniciar a campanha, exatamente nessa mesma região de disputa territorial. No entanto, as pessoas que Froissart entrevistou possivelmente não tinham noção da estratégia do rei, e sentiram que essa batalha era a única opção que teriam, e que, para isso, escolher o terreno seria crucial se quisessem vencer. *“Vamos nos posicionar aqui, pois não irei adiante até que eu tenha avistado nossos inimigos”*,²⁸⁰ escreveu o cronista sobre o rei inglês. Seu exército parou próximo da vila de Crécy-en-Ponthieu, escolhendo um campo elevado para posicionar suas tropas e aguardar a chegada dos franceses.

Todos seus homens obedeceram suas ordens e sua intenção, e não foram adiante, acampando em campo aberto. Ciente de que eles tinham apenas um oitavo da quantidade de homens que o rei da França tinha, ele precisava gerenciar essa questão com cautela.²⁸¹

3.2 – Ato 2 – A batalha de Crécy (1346)

Preparando-se para o combate, Froissart nos apresenta uma fala do rei Eduardo III em que reafirma sua legitimidade pela sucessão do trono francês: *“Há um bom motivo para que eu espere por eles, pois eu estou no direito de hereditariedade por minha mãe, dado a ela por casamento, e assim pretendo defendê-lo e desafiar meu adversário”*²⁸². Preparando-se para a batalha que ocorreria no dia seguinte, o cronista nos apresenta o ritual que o rei inglês seguiu, demonstrando suas qualidades como cavaleiro e homem de fé:

Naquela mesma noite, como ouvi posteriormente, quando todos tinham se retirado e ele permaneceu com os lordes em seu quarto, ele entrou em sua oratória e passou o tempo rezando em frente ao seu altar devotadamente, pedindo a Deus que, caso ele lutasse no dia seguinte, que o permitisse sair do evento com honra. Depois de sua reza, por volta da meia noite, se deitou. No dia seguinte, ele

²⁸⁰ *“Prenons place de terre, car je n’iray plus avant si auray veü nos ennemis.”* Idem, Fol. 136r.

²⁸¹ *“Ses gens obeirent a son mandement tous et a son entencion, et n’alerent plus avant, et se logierent en plain champ. Et pour ce qu’il savoit bien qu’il n’avoit pas tant de gens de la VIIIe partie comme le roy de France avoit, pour ce lui estoit mestier qu’il entendist a ses besoingnes.”* 136r

²⁸² *“Bien y a cause que je les attende, car je suy sur le droit heritaige de madame ma mere qui lui fut donné en mariage, si la vueil deffendre et chalengier contre mon adversaire.”* Idem, Ibidem.

levantou cedo e compareceu à missa com o príncipe de Gales, seu filho, e eles receberam a comunhão, e o mesmo fez a grande parte de seus homens, ficando assim em bom estado.²⁸³

Embora fazer as preces antes de uma batalha fosse comum na civilização ocidental, temos o cronista elencando esse fato e escrevendo “*comme je l’ay depuis oy recorder*”. Isso mostra que as fontes das quais Froissart teve acesso sabiam dessa característica do rei, de suas práticas religiosas para com Deus que o tornavam um rei pio. Ter adquirido essa informação de testemunhas, e também, repassá-las aos leitores em sua crônica reforçam o objetivo da construção imagética do rei Eduardo III.

Na preparação do campo de batalha, os ingleses se preparavam para lutar a pé, de maneira tática que já havia sido testada contra os escoceses anteriormente:

(...) o rei comandou todos seus homens que se armassem, que fossem à frente de seus acampamentos e se posicionassem nos campos no lugar que haviam escolhido no dia anterior. O rei fez então um local protegido por carroças próximo de uma floresta, colocando lá todas as carroças e bagageiros. Fez então entrar nesse local os cavalos, deixando seus homens à pé.²⁸⁴

A disposição no campo de batalha foi de três batalhões. Jean Froissart nos apresenta os números da hoste inglesa: no primeiro batalhão, onde estaria o Príncipe Negro, estavam 800 homens de armas²⁸⁵, 2.000 arqueiros e outros 1.000 destes que eram galeses na hoste²⁸⁶; no segundo batalhão – 500 homens de armas e 1.200

²⁸³ “*Ceste mesme nuit, comme je l’ay depuis oy recorder, quant toutes gens furent partis de lui et qu’il fut demouré deléz les chevaliers de son corps et de sa chambre, il entra en son oratoire et fut la en oroisons devant son autel en priant a Dieu devotement qu’il le laissast l’endemain, s’il se combatoit, issir de la besoingne a son honneur. Et l’endemain se leva asséz matin et oy messe, et le prince de Galles son filz et s’acommungierent, et en telle maniere la plus grant partie de ses gens se confesserent et misrent en bon estat.*” *Idem*, Fol.136v.

²⁸⁴“(…) *le roy commanda a toutes ses gens eulx armer et issir hors de leurs logeis et traire sur les champs en la prope place qu’ilz avoient le jour devant avisee. Et fist faire le roy un grant parc pres d’un bois, derriere son ost, et la mettre tous chars et charretes. Et fist entrer dedens ce parc tous les chevaulx, et demoura chascun homme d’armes*” *Idem*, *Ibidem*.

²⁸⁵Nestes se incluem cavaleiros, escudeiros, ou nobres de menor origem social munidos de espadas, lanças, escudos, clavas ou maças.

²⁸⁶ “*Si pouoient estre en la bataille du prince environ VIII C hommes d’armes et IIM archiers et mile brigans parmy les Galois.*” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op.* Cit. Fol. 136v.

arqueiros²⁸⁷; e o terceiro, onde estava o rei e que se localizaria logo atrás dos outros dois batalhões – por volta de 700 homens de armas e 2.000 arqueiros.²⁸⁸ De acordo com os historiadores, a quantidade da hoste inglesa descrita por Froissart é real²⁸⁹, enquanto suas descrições das tropas francesas de cem mil guerreiros é um visível exagero.²⁹⁰ Ainda assim, é importante notar a presença dos arqueiros nas tropas inglesas, que compunham praticamente três quartos de toda a hoste.

Froissart relata que o batalhão do Príncipe de Gales se dispôs em *herce*²⁹¹, ou “formato de ancinho”, com os arqueiros avançados nas laterais. Nessa formação, as laterais seriam preenchidas por arqueiros e o centro com homens de armas. Em combate, na medida que os inimigos se aproximavam, os arqueiros, que estavam ligeiramente avançados, atacariam o flanco inimigo, impelindo-o para o centro. Dessa forma, no momento do choque, teriam de lutar com os homens de armas e lidar com os ataques dos arqueiros pelos flancos. O formato em *herse* serviria então para direcionar o inimigo e posteriormente assassiná-lo. Há outro fator lembrado por Froissart: os arqueiros estavam protegidos atrás de estacas e buracos, uma preparação do terreno feita com o intuito de dismantelar a carga de cavalaria do exército francês. A carga era uma das características na guerra da cavalaria, em que os guerreiros lado-a-lado, ou em formação triangular, quebrariam as linhas da outra tropa. Além disso, o impacto moral de uma carga – o barulho e a fúria dos inimigos que se direcionavam contra os combatentes – causaria medo no adversário e, dependendo do caso, a quebra das fileiras devido ao medo e o caos dentro da hoste.

Sendo assim, os ingleses neutralizariam esse movimento tático com a preparação do terreno, mas também poderiam direcionar a carga para um lugar específico. No caso da formação em *herce*, o inimigo a cavalo somente poderia se dirigir para o centro do batalhão inglês para combater e ser alvejado pelos arqueiros que estavam protegidos nas laterais. Assim, apenas com um ataque de infantaria é que os arqueiros poderiam ser confrontados, no entanto, estes colocariam seus arcos de lado e combateriam como uma infantaria leve e ágil.

²⁸⁷ “Et estoient en ceste bataille environ VC hommes d’armes et XIIC archiers.” *Idem, Ibidem.*

²⁸⁸ “Si pouoient estre en sa route environ VIIC hommes d’armes et IIM archiers.” *Idem, Ibidem.*

²⁸⁹ AYTON, Andrew; PRESTON, Philip; et al. (2005). *The Battle of Crécy... Op. Cit.* P. 189.

²⁹⁰ Havia possivelmente entre 20 e 25 mil combatentes do lado francês. *Idem*, p. 269.

²⁹¹ “Celle du prince devant, et leurs archiers en maniere d’une herce, et les gens d’armes ou fons de la bataille.” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol. Fol.137v.

Antes de combaterem, o rei percorreu sua hoste a cavalo proferindo um discurso para levantar o moral de suas tropas.

O rei da Inglaterra montou um pequeno palafrém, e se posicionou à direita de seus marechais com uma lança branca em sua mão. Ele então cavalgou por entre as fileiras, encorajando e pedindo aos condes, barões e cavaleiros que protegessem sua honra e defendessem seus direitos. E ele falou estas palavras com um charmoso sorriso e tanta empolgação que era maravilhoso de se observar. Quando ele já havia encorajado suas divisões e seus homens do modo descrito para que cumprissem seu dever, era 9 horas da manhã.²⁹²

No trecho que Froissart compilou, é-nos apresentada uma representação de integração entre o rei e seus guerreiros, que era justamente o contrário do que ele descreveria posteriormente sobre os franceses. A adoção de um adjetivo para seu sorriso do rei e a alusão ao seu estado de espírito colaboram para a “maravilha” narrada pelo cronista.

Ele voltou para sua divisão e comandou todos seus homens a comerem despreocupados e beber. Portanto, todos eles beberam e comeram à vontade e então guardaram seus copos, barris e provisões em suas carroças e retornaram a suas divisões como ordenado pelos marechais. Eles sentaram-se no chão, com seus capacetes e arcos à sua frente e relaxaram de modo a ficarem mais tranquilos quando seus inimigos chegassem.²⁹³

²⁹² “ le roy d’Engleterre monta sur un petit palefroy, un blanc baston en sa main, a dextre de ses mareschaulx. Et puis ala tout le pas de renc en renc en ammonestant et priant les contes, les barons et les chevaliers qu’ilz vouldissent entendre et penser pour sonhonneur garder et deffendre son droit. Et disoit ces langaiges en riant si doucement et de si liee chiere que merveilles. Et quant il ot ainsi toutes ses batailles et ses gens ammonestees de bien faire le besoingne, il fut heure de haulte tierce.” *Idem*, pp. 136v e 137r.

²⁹³ “(...)Si se retrait en sa bataille, et ordonna que toutes gens mengassent a leur aise et beussent un coup. Si beurent et mengierent tout a loisir, et puis se retrousserent leurs pots et barrilz et pourveances sur leurs charriots et revindrent en leurs batailles, ainsi que ordonnéz estoient par les mareschaulx. Et s’assisrent tous a terre, leurs bazines et leurs arcs devant eulx, en eulx reposant, pour estre plus fres quant leurs ennemis vendroient”. *Idem*, Fol. 137r.

Com suas tropas descansadas, os ingleses esperavam a chegada dos franceses, “(...) pois tal era a intenção do rei da Inglaterra: esperar seu adversário chegar e combater a ele e às suas forças.”²⁹⁴. Os batedores franceses que inspecionaram os ingleses descreveram precisamente essa informação a Felipe VI, e o aconselharam a descansar suas tropas e atacar em outro momento, já que os ingleses estariam em melhor estado.²⁹⁵

Nesse momento, Froissart apresenta o que ele considera como uma das causas da derrota dos franceses. O rei, ao ouvir o que o batedor lhe havia proferido, concorda com a ideia de esperar. No entanto, o cronista apresenta que a informação não havia chegado à toda a hoste francesa.

(...) aqueles que estavam mais próximos, ao ouvirem as ordens, pararam. Mas aqueles mas atrás, não, e então continuaram a cavalgar dizendo que não parariam até que eles chegassem próximos das primeiras fileiras. Quando os que estavam na frente viram esses que se aproximavam, eles voltaram a avançar. E eles ignoraram as ordens do nobre cavaleiro [que havia ordenado que parassem], para sua infelicidade, como você ouvirá posteriormente.²⁹⁶

Para Froissart, essa era uma das diferenças entre as duas hostes: enquanto uma tinha o rei como líder, comandante e homem inspirador, do outro lado não havia como comandar uma hoste tão grande e individualista.

²⁹⁴ “Car tele estoit l’entencion du roy d’Engleterre que la rattendroit son adversaire et se combatroit a lui et a sa puissance.” *Idem, Ibidem.*

²⁹⁵ De acordo com Froissart, o batedor diria: “(...) Si conseil, sauf meilleur conseil, que vous faciés toutes voz gens cy arrester et logier pour ceste journee. Car ainçois que les derreniers puissent venir jusques a eulx et que voz batailles soient ordonnees, il sera tart. Si seront voz gens traveilliéz, et vous trouverez voz ennemis fors et nouveaulx et tous pourvus de leur affaire. Si pourrez le mattin vos batailles ordonner plus meurement, et a plus grant loisir aviser vous ennemis par quelle voie on les pourra mieulx combatre. Car, soiés tout seür, ilz vous attendront.” *Idem, Fol. 137v.*

²⁹⁶ “(...) Ceulx qui estoient premiers, a ceste ordonnance s’arresterent, et les derreniers non, mais chevauchierent tous jours avant et disoient qu’ilz ne s’arreteroient point jusques a tant qu’ilz feussent si avant que les premiers. Et quant les premiers veoient qu’ilz les approuchoient, ilz aloient avant. Ainsi par grant orgueil fut demouree ceste ordonnance, car chascun vouloit surpasser son compaignon. Et ne pot estre creue la parolle du vaillant chevalier, dont ilz leur mescheit grandement, si comme vous orrez.” *Idem, Ibidem.*

Nem o rei, nem seus marechais podiam controlar seus homens, uma vez que havia tantos lordes que cada um desejava demonstrar seu poder. Eles então cavalgaram desta maneira, em desordem e confusão até que se encontraram cara a cara com seus inimigos.²⁹⁷

No mesmo momento, o cronista apresenta que as informações desse momento são provenientes do lado inglês e que, mesmo assim, as testemunhas tinham dificuldade em entender perfeitamente o que acontecia devido à desorganização e falta de comando que havia tomado conta da hoste francesa.

Não há homem, mesmo dentre aqueles presentes naquele dia, que estivesse à passeio observando tudo aquilo que aconteceu lá que possa reportar a verdade, especialmente da parte dos franceses, onde a confusão e o caos eram grandes. O que eu sei vem dos ingleses, que testemunharam o que aconteceu, e também pelos homens de Jean de Hainaut que estiveram constantemente com as forças do rei da França.²⁹⁸

Já no lado inglês, ressalta novamente a disciplina: *“Os ingleses, que estavam organizados em três batalhões e sentados no chão, ao verem os franceses se aproximando se levantaram em perfeita ordem e se aprontaram em suas fileiras.”*²⁹⁹ Podemos ver claramente o contraste entre as duas hostes, muito ressaltada por Froissart. Eduardo III obteria êxito justamente pela organização e bom-comando em seu exército. O rei era um estrategista, que não se apoiava apenas com uma formação diferenciada, mas sim na disciplina de seu exército. Do lado francês, ainda, os diversos nobres que lá estavam basicamente lutariam em pequenos grupos de afinidade, sem um controle central imponente.

²⁹⁷ *“Et aussi le roy ne ses mareschaux ne porent adont estre maistres de leurs gens. Car il y avoit si grant nombre de grans seigneurs, que chascun vouloit monstres sa puissance. Si chevauchierent en tel estat, sans arroy et sans ordonnance, si avant, qu’ilz veoient leurs ennemis en leur presence.”* Idem, *Ibidem*.

²⁹⁸ *“Il n’est homs, tant feust present a celle journee tant eust bon loisir d’aviser toute la besoingne ainsi qu’elle ala, qu’il en peust racorder la verité, especialment de la partie des François, tant y ot povre arroy et petite ordonnance. Et ce que je en sçay, je le ay sceu par les Anglois qui virent bien leur convenant, et aussi par les gens de messire Jehan de Haynault, qui fut tous jours deléz le roy de France.”* Idem, *Ibidem*.

²⁹⁹ *“Les Anglois, qui ordonnéz estoient en III batailles, et qui seoient jus a terre, si tost qu’ilz virent les François approuchier ilz se leverent moult ordonneement, sans nul effroy, et se rengierent en leurs batailles”* Idem, *Ibidem*.

Você deve saber que esses senhores, rei, duques, condes e barões franceses não chegaram todos juntos, mas um após o outro, uns na frente e outros atrás, em nenhum conjunto ou ordem ou organização de qualquer forma.³⁰⁰

É importante ressaltar que os reis da Idade Média eram criados para serem líderes militares, e que havia possivelmente uma estratégia inicial por parte da hoste francesa. Não podemos tomar como princípio que houve falta de planejamento estratégico por parte dos franceses, o que houve foi a perda do controle de suas tropas após o início do combate para orgulho de cada um dos cavaleiros. Também não se pode esquecer que, ainda que Froissart tenha feito uma incrível *enquête*, o seu ponto de vista guia a narrativa e, no caso, seu ponto de vista é pró-Eduardo III.

Ao avistar os ingleses, o cronista relata sobre o rei Felipe VI que “*seu sangue mudou, pois ele os odiava, e nesse momento nada teria parado o rei de combatê-los*”³⁰¹, comandando então seus marechais para que mandassem os besteiros genoveses dar início ao ataque. O ataque de besteiros visava desestruturar a linha inglesa, trazer perdas aos arqueiros ingleses, bem como causar pânico. Contudo, relata que os besteiros reclamaram que estavam cansados de marchar e precisavam de mais descanso, irando um dos condes franceses: “*É esse o resultado de terem contratado estes vagabundos*”³⁰².

A chuva que até então estava caindo parou e o sol apareceu de frente aos olhos franceses e nas costas dos ingleses, dificultando ainda mais a visão dos cavaleiros da flor-de-lis. Essa chuva que caiu anteriormente também teria tido uma importância considerável, pois as cordas das bestas dos genoveses ficariam encharcadas, enquanto os arqueiros ingleses, de alguma forma, guardaram suas cordas durante a chuva e, na hora do combate, as retiraram, secas. Com as cordas molhadas, os besteiros genoveses perderiam eficácia e alcance de seus disparos.

³⁰⁰ “*Vous devez savoir que ces seigneurs, roys, ducs, contes et barons françois ne vindrent pas jusques la tous ensemble, mais l’un après l’autre, l’un devant l’autre derriere, sans arroy du monde, ne quelque ordonnance que ce feust.*” *Idem*, Fol. 138r.

³⁰¹ “*le sang lui mua, car il les heoit, et ne se feust adont nullement refrené ne abstenu d’eulx combattre*”. *Idem*, *Ibidem*.

³⁰² “*L’en se doit bien chargier de tele ribaudaille qui faillent au besoing.*” *Idem*, *Ibidem*.

Quando se aproximaram com alcance para atacar os ingleses, começaram a bradar a fim de intimidá-los, e novamente, os ingleses continuaram disciplinados – não mexeram um único pé. Essa disciplina foi fundamental, pois se fosse desobedecida seguir-se-ia a desestruturação das linhas e da tática de batalha:

Quando os genoveses foram reunidos e estavam prestes a avançar em direção a seus inimigos, eles começaram a urrar tão alto que era incrível de se ouvir, já que o fizeram para intimidar os ingleses. No entanto, os ingleses permaneceram calmos e não demonstraram sinal algum de movimento. Eles então gritaram uma segunda vez e deram uma pequena avançada, e os ingleses ainda assim continuaram imóveis, em suas posições. Uma terceira vez eles gritaram em alto e bom som, engatilharam suas arbalestras e começaram a atirar. Os arqueiros ingleses deram um passo a frente e atiraram uma chuva de flechas, que perfuraram braços, cabeças e maxilares.³⁰³

Na medida que os ingleses derrotavam os genoveses e estes começavam a debandar, o rei francês proferiria, de acordo com Jean Froissart: “*Estes vagabundos estão em nosso caminho sem razão*”³⁰⁴, e batalhões de cavalaria francesa avançavam velozmente, atropelando os próprios mercenários genoveses.

O atropelamento dos besteiros, tanto quando o xingamento feito a eles anteriormente por um dos condes, atestam em muito o desprezo que os nobres franceses tinham por aqueles que vendiam seu serviço em combate. Mas este também seria o desprezo de Froissart? Os besteiros, sendo mercenários estrangeiros contratados para exercer suas atividades bélicas, além de tudo se utilizavam de uma arma profundamente execrada pelo código da cavalaria, pois atirar com uma besta dispensava uma vida de treinamento como a que um cavaleiro se submetia, além do fato de sua ação ser empreendida à distância, sem precisar encarar seu inimigo enquanto o combatia. O fato

³⁰³“*Quant les Genevois furent mis ensemble et ilz deurent approuchier leurs ennemis, ilz commencerent a crier si tres hault que merveille, et le firent pour esbahir les Anglois. Mais les Anglois se tindrent tous quoy, ne oncques n’en firent semblant. Secondement ilz crierent encore ainsi, puis alerent un petit pas avant, et les Anglois tous quoy sans mouvoir de leurs pas. Tiercement encore crierent ilz moult haut et moult cler, et tendirent leurs arbalestes et commencerent a traire. Et ces archiers d’Engleterre passerent un pas avant et firent voler ces saiettes que leur partirent bras, testes et baulevres.*” *Idem, Ibidem.*

³⁰⁴ “*Ceste ribaudaille nous empeschent sans raison*” *Idem, Ibidem.*

de tê-los atropelado talvez fosse um reflexo instintivo dos cavaleiros em destruir também seu adversário – os arqueiros ingleses. Para um cavaleiro, aquele que combatia à distancia não merecia respeito. A cavalaria destruía, com esse atropelamento, seu próprio oponente ideológico. A cavalaria passava por cima do mercenário, do covarde. Do inimigo.

Atropelando os besteiros de sua própria hoste, os franceses aceleravam os cavalos rumando às pontas das flechas inglesas e das estacas cravadas na frente destes.

E os ingleses ainda estavam atirando aonde a hoste estava mais cheia de homens sem desperdiçar uma única flecha, pois acertavam os corpos e membros dos cavalos e seu cavaleiros, que eram arremeados pelo tropeço e não conseguiam se levantar mais sem a ajuda de alguém.³⁰⁵

Ainda, esse massacre dos mercenários genoveses destruiu qualquer formação tática que havia entre os cavaleiros franceses, que ao chegarem na linha de tiro inglesa, foram massacrados. Aqueles que chegavam às fileiras inglesas eram vencidos pelos lanceiros e homens de armas.

O ataque dos arqueiros ingleses deve ter sido terrível, pois se imagina que pelo menos 7.200 arqueiros estivessem combatendo, e que após 3 ou 4 ataques sincronizados seguir-se-ia o famoso “atirem à vontade”. Com toda essa quantidade de flechas, seria praticamente impossível não ser atingido, mesmo que por uma flechada que apenas atingisse com impacto uma armadura sem penetrá-la. No entanto, os cavalos não teriam a mesma sorte, e ao caírem derrubavam o cavaleiro e aqueles que vinham atrás.

Muitos dos nobres franceses e seus aliados foram mortos nessa investida da cavalaria enraivecida. Os outros ataques da cavalaria tiveram o mesmo destino – muitos pereciam no caminho de encontro ao inimigo pelas flechas inglesas, os que chegavam tinham de encarar tropas bem posicionadas e prontas para matar, já que não se objetivava fazer prisioneiros “*pois os ingleses não estavam desfazendo suas linhas para prender ou ferir ninguém*”.³⁰⁶ Mas ainda assim, o cronista ressalta a valentia dos

³⁰⁵ “*Et tous jours traioient les Anglois en la plusgrant presse, qui rien ne perdoient de leur trait, car ilz feroient parmy les corps ou parmy les membres gens et chevaux, qui trebuchoient a grans troppeaulx et ne pouoient estre relevéz, se ce n'estoit par grant force de gens.*” *Idem, Ibidem.*

³⁰⁶ “*car lesAnglois n'issoient point de leurs batailles pour nullui prendre ne grever.*” *Idem, Fol.139r*

cavaleiros e o apreço por sua honra: *“Ainda assim, os bravos homens e cavaleiros cavalgaram sempre adiante, e preferiam morrer a fugir com desonra”*³⁰⁷

Após descrever esse avanço dos cavaleiros e a defesa dos arqueiros ingleses, ele passa a ressaltar os grandes feitos dos homens de armas, principalmente dos nobres. De sua entrevista com Jean de Hainaut, que Froissart disse que fez, ele pode ter acesso aos sentimentos do rei francês nesse momento. *“Você deve saber que o rei da França sentiu angústia em seu coração quando viu seus homens derrotados desse jeito por aquele pequeno grupo de ingleses.”*³⁰⁸Essa afirmação é possível pois logo após esse trecho segue-se a fala de Jean de Hainaut em seu aconselhamento pelo rei.

(...) Ele pediu conselho ao senhor Jean de Hainaut, que respondeu dizendo: “Na verdade, senhor, eu não sei o que posso lhe aconselhar. Seria melhor que você se recolhesse em segurança, pois não vejo nenhuma esperança de recuperação. Logo será tarde, e você poderá muito bem cavalgar contra seus inimigos e se perder, ou então estar junto de seus homens.”³⁰⁹

Podemos imaginar o cronista conversando com o cavaleiro e ouvindo seu relato, enquanto este descrevia os sentimentos que apreendeu de Felipe VI, e o que o aconselhou durante aquele momento. O resto, Froissart colocaria no papel tentando transmitir as informações que havia coletado.

Outros nobres franceses nesse momento estavam flanqueando o batalhão no qual estava o Príncipe Negro. O cronista defende a honra do rei francês, afirmando que também estaria lá se pudesse: *“O rei lutaria com felicidade, se tivesse sido capaz de fazê-lo, uma vez que havia tantos arqueiros e homens de armas em sua frente que ele*

³⁰⁷ *“Touteffois les vaillans hommes et bons chevaliers chevauchent tous jours avant, et avoient plus chier a morir que fuite villainne leur feust reouchiee.”*Idem, Fol.138v

³⁰⁸ *“Vous devéz savoir que le roy de France ot grant angoisse au cuer quant il veoit ses gens ainsi desconfire par une poingnee de gens que les Anglois estoient.”*Idem, Ibidem.

³⁰⁹ *“(…)Si en demanda conseil a messire Jehan de Haynault, qu’il lui respondist et dist: “Certes, sire, je ne vous faire conseillier. Le meilleur ce n’estoit que vous vous retrayssiéz a sauveté, car je n’y voy point de recouvrer. Il fera tantost tart: si pourriéz aussi bienchevauchier sur voz ennemis et estre perdu, que entre voz gens”. Idem, Fol.139r.*

não foi capaz de passar por eles, já que quanto mais a frente ele cavalgasse, menor sua escolta ficaria.”³¹⁰

Eu outro caso de descrição dos feitos dos nobres, Froissart lembra que o Príncipe Negro e seu batalhão combateram várias ondas de ataque de cavalaria. Nesse local, as tropas francesas conseguiram romper a linha dos arqueiros e chegaram até os homens de armas, e outros da segunda linha inglesa foram em seu auxílio:

Então, o conde de Northampton e o conde de Arundel, que estavam a cargo da segunda divisão e ocupando o flanco chegaram para dar suporte à divisão do príncipe, e tal ajuda era necessária, caso contrário eles teriam muito mais a fazer.³¹¹

Nas crônicas, temos nesse momento um diálogo entre o rei inglês, que observava o curso da batalha de cima de um morro, e um cavaleiro que se aproxima pedindo auxílio ao batalhão do Príncipe Negro: “*Senhor Thomas, meu filho está, morto, caído no chão ou tão ferido que não possa se ajudar?*”³¹², perguntou Eduardo III. Ao ouvir do cavaleiro que não, mas que estava sendo duramente combatido e precisando de ajuda, o rei responde:

“Bem, retorne a ele e aos que te mandaram aqui e diga que não venham mais até mim por nenhuma aventura que aconteça, contanto que meu filho esteja vivo: e também diga que deixem o garoto ganhar sua distinção, pois desejo que, se Deus quiser, que o dia seja dele, que as honras permaneçam com ele e com aqueles que estão ao seu lado”³¹³

³¹⁰ “*Et volentiers y feust le roy venu s’il eust peü, mais il y ot une si grant haie d’archiers et de gens d’armes au devant que jamais ne peust passer, car tant plus venoit et plus esclarcissoit son courroy.*” *Idem, Ibidem.*

³¹¹ “*le conte de Norhantonne et leconte d’Arondel, qui gouvernoient la seconde bataille et se tenoient sur esle, vindrent refreschir la bataille du prince, et bien estoit besoing, car autrement elle eust eu a faire.*” *Idem, Fol.139v.*

³¹² “*Messire Thomas, mon filz est il mort ou aterré ou si blecié qu’il ne se puet aidier?*” *Idem, Ibidem.*

³¹³ “*(...) retournéz devers ceulx qui cy vous ont envoié, et leur dites depar moy qu’ilz ne m’envoient mais huy querre pour adventure qu’il leur adviengne, tantque mon filz soit en vie. Et leur dites que je leur mande qu’ilz laissent a l’enfant gaingnier ses esperons, car je vueil que, se Dieu donne que la journee soit sienne, que l’onneur lui en demeure et a ceulx qui sont avecques lui.*” *Idem, Ibidem.*

Também, em outro momento da batalha, Froissart dedica parte de seu relato ao rei da Boêmia Carlos de Luxemburgo³¹⁴, tido em sua época como um grande cavaleiro. Apesar da idade avançada e da cegueira, ao ouvir que a batalha estava indo mal para o lado da hoste francesa, na qual lutava, pediu que amarrassem seu cavalo ao dos outros nobres e que cavalgassem para a batalha com o objetivo de mudar o curso que ela tomava – ou perecer fazendo isso. "*Senhores, sois meus amigos e companheiros. No dia de hoje vos peço especialmente que me guiem para frente a fim de que eu possa brandir minha espada.*"³¹⁵ O resultado foi a morte, mas a atitude, honrosa. João teve uma vida cheia de proezas, e seus últimos momentos foram em batalha e de maneira heróica:

(...) ele avançou tão perto de seus inimigos que lançou um golpe de espada, até três ou quatro. Lutou muito bravamente assim como todos os que estavam consigo. Eles avançaram tanto pelas fileiras inglesas que permaneceram lá, e no dia seguinte foram encontrados ao redor de seu senhor, seus cavalos ainda amarrados uns aos outros.³¹⁶

Froissart também justifica o porquê de não saber de outros feitos de armas que foram empreendidos durante a batalha: "*Essa batalha, que foi entre Broie e Crécy, foi muito cruel e muito horrível, e muitos feitos-de-armas foram realizados, dos quais nem todos foram possíveis de serem conhecidos, já que quando a batalha começou era bastante tarde.*"³¹⁷ Mas conclui, ao final que, enquanto os ingleses iam derrotando outros batalhões que chegavam até o terreno, o rei francês deixou o campo junto de

³¹⁴ Froissart se refere a ele em suas crônicas como Carlos. No entanto, a historiografia o retrata como João. O cronista explica o porquê de se referir a ele como Carlos na última versão de seu livro 1: "qui se nonma Jehans, et li auqun dient que il fu rebaptisiés a avoir nom Carles". Retirado de <http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/apparatus.jsp> seção "Name index" - "John the Blind of Luxemburg, king of Bohemia (d. 1346)" [acesso em 03/03/15]

³¹⁵ "*Seigneurs, vous estes mes mes amis et mes compaignons. A la journee d'uy je vous pryé et requier tres especialment que vous me menéz si avant que je puisse ferir de l'espee.*" Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864", Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol.138v.

³¹⁶ "*(...) il ala si avant sur ses ennemis qu'il ferit un cop de l'espee, voire trois, voire quatre, et se combatit moult vaillament et tous ceulx qui avecques lui estoient. Et si avant se bouterent sur les Angloisque tous y demourerent, et furent l'endemain trouvéz entour leur seigneur, et leurs chevaux tous aliéz ensemble.*" *Idem*, Fol.138r.

³¹⁷ "*Ceste bataille faite ce samedi entre Broie et Crecy fut moult felonnesse et tres horrible, et y advindrent maints beaux fais d'armes qui ne furent mie tous a congnoissance, car quant la bataille commença il estoit moult tart.*" *Idem*, Fol. 139r.

outros nobres: “Ao anoitecer, já bem tarde, o rei Felipe partiu derrotado, e havia uma boa razão, com apenas cinco barões para o acompanhar.”³¹⁸

A batalha de Crécy é o ápice de toda a campanha para o cronista. Froissart deixa bem claro porque os ingleses venceram a batalha. Ele faria isso indiretamente ao mostrar as divisões fatais no comando francês, a falta de uma liderança dentro da batalha, uma vez que os cavaleiros estavam lutando apenas para vencer e conseguir honra, gerando uma situação confusa no que diz respeito a comandos e manobras de combate. Por outro lado, a disciplina inglesa foi exemplar como apontada em vários trechos vistos anteriormente. Ainda, a preparação do terreno, a posição defensiva inglesa e a evidência de que cada um sabia o que fazer na hora do combate fez a diferença.³¹⁹ Contrastando com isso, temos os franceses teimosos para combater e derrotar os invasores de uma vez, ignorando esperar por uma posição favorável ao ataque. A consequência disso foi, para Froissart, a habilidade que os arqueiros ingleses tiveram em romper com qualquer organização francesa. Froissart aponta o infortúnio que o combate foi para a França:

Isso prejudicou a causa francesa mais que qualquer outra coisa, já que diversos homens de armas, cavaleiros e escudeiros perderam seus senhores e líderes conforme a noite começava a cair. Eles caminhavam em direção ao campo, alcançavam uma pequena hoste de ingleses e eram imediatamente derrotados e mortos. Nenhum era feito prisioneiro or tratado com misericórdia, já que haviam dado ordens pela manhã aos ingleses de matá-los, devido ao grande número de pessoas que os seguiam.³²⁰

O combate em Crécy terminava, e a hoste inglesa, vitoriosa, rumava para Calais, ao norte da França, que tomariam no mesmo ano. Finalmente, os ingleses voltariam para a Inglaterra, enquanto o orgulho da cavalaria francesa ainda sangrava no condado de Ponthieu.

³¹⁸ “*Sur le vespre tout tart, ainsi comme a jour faillant, se partit le roy Phelippe tout desconforté, il y avoit bien raison, lui Ve de barons tant seullement.*” *Idem*, Fol. 140r.

³¹⁹ ALLMAND, Christopher. *The War in the Fourteenth Century... Op. Cit.*

³²⁰ Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol.139r e 139v.

3.3- Ato III – A Batalha de Poitiers (1356)

Em 1356, dez anos após Crécy, os ingleses faziam uma nova *chevauchée* no continente, mas, desta vez, encabeçada pelo Príncipe Negro. A campanha teve início nas terras inglesas da Aquitânia, de onde marcharam em direção nordeste pilhando as regiões por onde passavam. O objetivo era justamente devastar essas terras, invadindo a região central dos territórios franceses.

O rei francês na época, João II, filho de Felipe VI, sitiava a cidade de Breuil na Normandia. Num esforço de impedir o avanço da *chevauchée* inglesa, dividiu sua hoste ao meio e rumou de encontro aos ingleses. Como as tropas do Príncipe Negro não conseguiam tomar a cidade de Tours, João II conseguiu alcançar a hoste inimiga próximo da cidade de Poitiers.³²¹ Jean Froissart traz uma descrição sobre como era a hoste da cavalaria francesa: “*Podíamos ver uma grande nobreza de belas armaduras e um arsenal de bandeiras e pendões, uma bela cavalaria e seus escudeiros, pois toda a flor da França estava lá, e nenhum cavaleiro ou escudeiro demorou a se desalojar para não ser desonrado.*”³²²

As forças dessa vez não eram da proporção das hostes de Crécy. Froissart apresenta a hoste inglesa composta “*por volta de dois mil homens de armas, quatro mil arqueiros e mil e quinhentos guerreiros gascões*”³²³ Contra “*três grandes batalhões: em cada um havia dezesseis mil homens, todos se passavam e mostravam ser homens de armas*”.³²⁴ Novamente, Froissart exageraria nos números inimigos, pois de acordo com os historiadores o número provável é de 15 mil apenas.³²⁵ Os exageros de Froissart sobre as hostes inimigas podem ser pela vontade que tinha de dotar suas crônicas de emoção, ou também, porque muitas vezes suas fontes lhe indicavam tal informação. Enquanto ele podia ter acesso facilitado aos números dos ingleses já que esteve envolvido com a corte e tido acesso aos documentos, no caso dos franceses, precisava se

³²¹ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years' War: Vol. 2: Trial by Fire*. Londres: Faber, 2001. Pp. 223-228.

³²² “*La peust on veoir grant noblesce de belles armeures et riches armoieries de banniers et de pennons, de belle chevalerie et escuierie, car la estoit toute la fleur de France, ne nul chevalier ne escuier n'est demouré a l'ostel s'il ne vouloit estre deshonoré.*” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol.169v.

³²³ “*environ IIM hommes d'armes IIIIM archiers et XVC brigans*” *Idem, Ibidem.*

³²⁴ “*trois grosses batailles: en chascune avoit XVIM hommes dont tous estoient passéz es monstres pour hommes d'armes.*” *Idem, Ibidem.*

³²⁵ SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years' War...Op. Cit.* P. 235.

apoiar no que lhe transmitiam – e as próprias testemunhas podem ter modificado a quantidade de inimigos para aumentar ainda mais suas glórias.

Em Poitiers, os franceses já tinham conhecimento das táticas da hoste inglesa, que consistia em encher os flancos com arqueiros, e estes estarem protegidos por armadilhas como buracos e estacas para evitarem uma carga de cavalaria. Assim, Froissart aponta a decisão de desmontarem seus cavaleiros e atacarem a pé:

(...) Estão em um caminho fortificado por cercas-viva e arbustos, e colocaram atrás das cercas-viva seus arqueiros, de forma que não podemos entrar ou cavalgar por lá, a não ser que seja pelo meio deles. Convém ir por lá se quisermos combatê-los; nessas cercas-viva há só uma entrada que se espere que quatro homens de armas possam cavalgar de frente. No outros lugares que não podemos ir nem cavalgar estão os homens de armas deles todos à pé, e colocaram os arqueiros na frente deles em formato de ancinho que está aberto demais, ao que nos parece. E quem quiser ou puder chegar por feitos de armas até eles não passará por lá a não ser pelo meio dos arqueiros, que não serão fáceis de se derrotar.³²⁶

Um dos cavaleiros ainda aconselharia o rei a atacarem: “(...) *todos a pé, exceto trezentos dentre os seus com armaduras de ferro, os mais valentes e bem montados que você tiver para romper a linha desses arqueiros e, assim, seus homens de armas combatê-los mão-a-mão.*”³²⁷ Fica visível com essas falas a atenção que os franceses dariam aos arqueiros. Froissart coloca esses guerreiros agora como uma ameaça aos franceses, algo que não vemos como motivo de preocupação e cautela durante a batalha de Crécy.

³²⁶ “(...)ont prins le long d’un chemin fortiffié malement de haies et de buissons, et ont vestue celle haie d’une part de leurs archiers tellement que on ne pourroit entrer ne chevauchier en leur chemin, fors parmy eulx. Si convient il aler celle voie se on les veult combatre; en celle haie n’a que une seulle entree et yssue ou espoir quatre hommes d’armes pourroient chevauchier de front. Au coron d’icelle haie ou on ne puet aler ne chevauchier sont leurs gens d’armes tous a pié, et ont mis leurs archiers devant eulx en maniere d’une herce dont c’est trop sagement ouvré, se nous semble. Car qui vouldra ou pourra venir par fait d’armes jusques a eulx il n’y enterra nullement fors que parmy ces archiers qui ne seront mie legiers a desconfire.” Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart Op. Cit.* Fol.169v e 170r.

³²⁷“(...) tout a pié, excepté IIIIC armeures de fer des vostres, les plus hardiz et mieulx montéz que vous avréz pour ouvrir ces archiers et puis voz gens d’armes main a main a eulx combatre.” *Idem*, Fol. 170r.

Ao início do combate, o batalhão francês que era responsável por atacar os arqueiros pela lateral foi combatido

Os arqueiros começaram a atirar e a chacoalhar os cavalos com suas longas flechas barbadas. Os cavalos que sentiam essas setas de ferro atingirem o corpo caíam embaixo de seus senhores, que não conseguiam se levantar, e o batalhão dos marechais não conseguiu nem se aproximar do batalhão do príncipe.³²⁸

Após esta tentativa frustrada, um batalhão francês a pé marchou contra os ingleses. Novamente os arqueiros massacraram essa investida: *“Verdade seja dita que os arqueiros da Inglaterra deram à hoste uma grande vantagem, e surpreenderam muito os franceses, pois atiraram tão em sincronia que foi incrível de se ver, e foram avançando de pouco em pouco até conseguir tomar o terreno”*.³²⁹

Ao ver que os franceses não estavam conseguindo romper as linhas inglesas, um dos cavaleiros aconselhou o Príncipe Negro a dar a volta pela direita e atacar o flanco e a retaguarda da hoste francesa:

Senhor, cavalgue adiante, o dia é seu. Deus hoje está convosco. Vamos nos dirigir até o rei da França, seu adversário, pois é naquela parte que está seu objetivo. Saiba que, por valentia, ele não fugirá. (...) Essas palavras encorajaram bastante o príncipe. E disse em alto tom: “Jean, vamos. Você não me verá retornar em nenhum momento, mas sempre cavalgar adiante.”³³⁰

O encontro entre as tropas parece vívido nas crônicas, com o lado francês bradando seu grito de guerra, e os ingleses, o seu. *“Gritaram os franceses: “Montjoie!*

³²⁸ *“si commencerent archiers a traire et a berser chevaux de ces longues saiettes barbues. Ces chevaux qui ces fers sentoient reculloient l’un de travers, l’autre de costé, ou ilz cheoient et trebuchoient dessoubz leurs maistres, qui ne se pouoient relever, ne oncques la bataille des mareschaulx ne pot approchier de la bataille du prince.”* Idem, Fol.173r.

³²⁹ *“Au voir dire les archiers d’Angleterre porterent a leurs gens grant avantage, et trop esbahirent les François, car ilz traioient si omniement que merveilles, et tousjours s’avancerent ilz petit a petit et conqueroient terre.”* Idem, Fol.173r.

³³⁰ *“Sire, chevauchéz avant, la journee est vostre. Dieu sera huy en vostre main. Adreçons nous devers le roy de France vostre adversaire, car celle part gist le fort de la besoingne. Bien sçay que par vaillance il ne fuira point. (...) Ces parolles encoragerent grandement le prince, et dist tout en hault: “Jehan, alons. Vous ne me verréz meshuy retourner mais tousjours chevauchier avant.”* Idem, Fol. 173v.

*São Denis!” E os ingleses São Jorge! Guienne! Proezas foram então demonstradas, e o príncipe e seus homens encontraram o batalhão dos alemães (...)*³³¹.

Enquanto os ingleses iam derrotando os franceses, algumas tropas francesas começavam a debandar, e como Froissart aponta, foi o que alguns dos filhos do rei João II fizeram: *“Assim partiram os filhos do rei, e com eles mais de oitocentas lanças boas e inteiras que não chegaram nem a se aproximar de seus inimigos, e rumaram para Chauvigny”*.³³² Este trecho evidencia que – enquanto o filho do rei inglês comandava sua hoste e lutava bravamente, os filhos do rei francês fugiram da batalha.

Quanto aos guerreiros franceses que ficaram, foram combatidos pela cavalaria inglesa e pelos arqueiros *“Lá estavam os arqueiros da Inglaterra rapidamente a atirar em conjunto que ninguém ousava entrar em seu caminho. Feriram e mataram tantos que nem chegaram a ser feitos de prisioneiros.”*³³³. Em um novo momento da guerra que se firmava cada vez mais, aprisionar o inimigo e fazê-lo pagar um resgate posteriormente começava a ceder lugar para a morte no campo de batalha de maneira mais intensa.

No entanto, o destino do rei João II seria diferente. Preferindo lutar a fugir, algo extremamente anti-cavaleiresco, seus homens combatiam agora as tropas do Príncipe Negro. Os dois não chegaram a se encontrar na batalha, mas os cavaleiros ingleses conseguiram derrotar os inimigos e fazer do rei prisioneiro:

A hoste investia bem contra o rei João da França, pois intentavam prendê-lo. Gritavam aqueles que o conheciam: *“Renda-se, senhor, renda-se ou você será morto”* (...) o rei, que se viu em uma situação difícil e que também não adiantava mais nada, olhou para o referido cavaleiro e disse: *“A quem me renderei, a quem? Onde está meu primo o Príncipe de Gales? Se eu o ver, eu falarei”* “Senhor”, respondeu o

³³¹ Um grupo de combatentes alemães fazia parte da hoste francesa, e eram responsáveis por um dos flancos. *“La crioient les François: Montjoie! Saint Denis! et les Anglois: Saint George! Guienne! La estoit prouesse grandement remonstree, et orent adoncques le prince et ses gens d’encontre la bataille des Allemans (...)*”*Idem, Ibidem.*

³³² *“Ainsi se partirent les enfans du roy, et avecques eulx plus de VIII C lances saines et entieres qui oncques n’approcherent leurs ennemis, et pristrent le chemin de Chauvigny.”**Idem, Fol. 174r.*

³³³ *“La estoient archiers d’Angleterre legiers a traire si omniement que nul ne s’osoit mettre en leur trait. Si blecerent et occistrent maints hommes qui ne porent venir a raençon.”**Idem, Ibidem.*

senhor Denis, “ele não está aqui. Mas renda-se a mim e eu o levarei diante dele”. O cavaleiro o prendeu, se enchendo de alegria”³³⁴

Seria apenas após o combate que o Príncipe Negro encontraria com o rei da França e acertaria os termos do resgate que seria pago posteriormente.

Durante o momento do combate, Froissart tece muito elogios em suas crônicas. O Príncipe Negro é bem diferente daquele em Crécy, que lutou sob a observação do pai. O príncipe Eduardo de Woodstock agora comanda sua própria hoste, e para ele que os holofotes da cavalaria estão direcionados: “*O príncipe cavalgava sempre adiante, com estandarte à frente de si, e reconfortava seus homens quando os via ceder e fraquejar, e foi, assim, um ótimo cavaleiro.*”³³⁵ O Príncipe Negro dava, dessa forma, sequência às proezas que o pai, também um cavaleiro ideal, havia feito antes dele. Para isso, enaltece-o também com elogios, demonstrando sua personalidade em combate: “*O Príncipe de Gales, que era forte e corajoso, estava como um leão feroz e cruel, e que nesse dia teve grande prazer em combater e aniquilar seus inimigos, ao fim da batalha estava muito incendiado*”.³³⁶ Nestes trechos, Froissart se posiciona sobre a figura cavaleiresca que uma figura real encarnava e que daria continuidade às proezas da coroa inglesa.

Novamente, Jean Froissart não teve noção do todo que aconteceu durante o combate, mas buscou apreender o máximo possível sobre este evento com as testemunhas que entrevistou.

Houve nesse dias belos feitos de armas que eu não vim a conhecer, pois não podemos ver ou saber de todos os que realizaram proezas ou que foram mais bravos. Se falo é justamente do que consigo, de

³³⁴ “*La ot adont trop grant presse sur le roy Jehan de France, pour la convoitise de le prendre. La crioient ceulx qu le congnoissoient: "Rendéz vous, sire rendéz vous ou vous estes mort".(...) Le roy, qui se vit en dur parti et aussi que deffense n’y a valoit riens, regarda le dit chevalier et lui dist: "A qui me renderay je, a qui? Ou est mon cousin le prince de Galles? Se je le veoie, je parleroie. " "Sire," respondit monseigneur Denis, "il n'est pas ycy. Mais rendéz vous a moi et je vous menray devers lui." Idem, Fol. 176v e 177r.*

³³⁵ “*Le prince chevauchoit tousjours avant, sa banniere devant lui, et reconfortoit ses gens la ou il les veoit ouvrir et branler, et y fut tresbon chevalier.*” Idem, Fol. 175r.

³³⁶ “*Le prince de Galles, qui estoit hardis et courageux estoit comme ung fier lyon et cruel, et qui ce jour avoit prins grant plaisance a combatre et envayr ses ennemis, sur la fin de la bataille estoit durement eschaufféz.*” Idem, Fol. 177r.

acordo com o que me foi informado pelos cavaleiros e escudeiros de uma parte e de outra.³³⁷

Poitiers, juntamente com Crécy e Agincourt (1415), são tidas como as 3 grandes vitórias dos ingleses em combate, principalmente porque nos três casos os ingleses estavam em desvantagem numérica e a ação dos arqueiros foi predominante. Froissart, no entanto, experienciaria apenas as duas primeiras. E destas, teceu em suas crônicas breves comparações que nos são muito interessantes. Inicialmente, de que o cronista torna a presença dos arqueiros maior no segundo combate, possivelmente porque a atenção voltada a esse grupo militar fosse maior, principalmente por parte dos franceses. Como vimos anteriormente, Froissart coloca na boca dos personagens falas de preocupação quanto aos arqueiros. Isso pode se dever ao fato de que a preocupação com a eficácia desses guerreiros já era conhecida, quando em Crécy ela não havia sido experienciada em proporções impactantes (no caso, derrota dos franceses mesmo com um número maior de combatentes). Para isso, optaram em desmontar grande parte de suas tropas, já que um avanço maciço da cavalaria, como aconteceu em Crécy, seria infrutífero.

Não se pode dizer que o rei da França perdeu sua coragem por qualquer coisa que viu ou ouviu, nem pareceu que iria partir, mas foi um bom cavaleiro e bom combatente. E não fez movimentos de fugir quando disse a seus homens “À pé! À pé!” e fez desmontar todos aqueles que estavam a cavalo, e ele mesmo ficou à pé perante todos, com um machado de guerra em suas mãos, e fez passar sua bandeira em que o nome de Deus e Saint Denis que o senhor Geffroy de Chargny portava. E dessa maneira, porque parecia adequado, o batalhão do rei foi de encontro aos ingleses.³³⁸

³³⁷ “Si ot ce jour fait mainte belle appertise d’armes qui ne vindrent mie a congnoissance, car on ne puet pas tout veoir ne savoir les plus [preux] et les plus hardis. Si vueil parler au plus justement que je pourray, selon ce que je fus informé par les chevaliers et escuiers qui y furent d’une part et d’autre.” *Idem*, Fol. 175v.

³³⁸ “Ne on ne puet pas dire que le roy Jehan de France s’effreast oncques pour chose qu’il veist ne oyst dire, ne feist semblant de partir, mais fut tousjours bon chevalier et bien combatant. Et ne monstra pas semblant de fuir quant il dist a ses hommes: “A pié, a pié!” et fist descendre tous ceulx qui a cheval estoient, et il mesmes se mist a pié devant tous, une hache de guerre en ses mains, et fist passer sa banniere ou nom de Dieu et de saint Denis quemonseigneur Geffroy de Chargny portoit. Et ainsi par bon convenant la bataille du roy s’en vint assembler aux Anglois.” *Idem*, Fol. 174v.

Em outro aspecto, o próprio cronista comenta que a batalha foi melhor combatida em termos cavaleirescos. Talvez isso se deva ao fato de Froissart já estar em idade adulta e saber do que acontecia ao seu redor, pois os boatos de Poitiers devem ter chegado aos seus ouvidos logo após ter acontecido, quando tinha por volta de vinte anos. Ainda assim, ele compilaria suas crônicas vinte anos mais tarde, depois de recolher melhor as informações sobre o evento. Mas também pode ser, pelo que ele mesmo comenta, por Crécy ter acontecido no entardecer, em que ficava difícil de suas testemunhas discernirem o que estava acontecendo. Comenta que para os envolvidos, o combate seria, ainda, diferente:

(...) a batalha de Poitiers foi muito diferente para eles do que foi a de Crécy, pois nesta os franceses estavam, na quantidade de homens, em sete contra um. Lembrem que foi um grande infortúnio quando eles não conseguiram tomar o terreno. Mas vos digo que a batalha de Poitiers foi muito melhor combatida que a de Crécy, e havia muito mais maneiras de homens de armas ou aqueles que estavam à paisana de avistar seus inimigos, o que não aconteceu em Crécy, já que está começou ao entardecer e sem organização, e a de Poitiers pela manhã por conveniência, se tivesse sido possível, dos franceses. E lá foram presenciados vários feitos de armas, dada a quantidade de senhores que não foram mortos, como em Crécy. E se comportaram tão lealmente aqueles que permaneceram em Poitiers, ou foram mortos ou presos, que que ainda em seus herdeiros permanece a honra, e os bravos homens que lá combateram podem dizer afirmar isso.³³⁹

³³⁹ *“Vous avéz ouy parler de la bataille de Crecy comment Fortune fut moult merveilleuse pour les François, et aussi de la bataille de Poitiers elle fut moult diverse pour eulx, et aucques pareille a celle de Crecy, car les François estoient gens d’armes sept contre ung. Or regardéz se ce fut grant infortunité, quant ilz ne porent obtenir la place. Mais au voire dire, la bataille de Poitiers fut trop mieulx combatue que celle de Crecy, et orent toutes manieres de gens d’armes plus de loisir d’aviser leurs ennemis que ilz n’orent a Crecy; car la bataille de Crecy commença a vespres sans ordonnance, et celle de Poitiers au matin par bon convenant, se eur y eust eu pour les François. Et y advindrent plus de beaulx faiz d’armes que a Crecy, combien que tant de grans seigneurs n’y furent mie mors comme a Crecy. Et se acquitterent si loyaument ceulx qui demourerent a Poitiers ou mors ou prins, que encores en sont leurs hoirs a honnourer, et les vaillans hommes qui la se combatirent a recommander.”* Idem, Fol. 174r e 174v.

Suas conclusões do combate são de que foi repleto de feitos de armas, mesmo dentre aqueles que foram vencidos.

Naquela Segunda-Feira, a batalha dos franceses e ingleses foi muito dura e forte. E lá, o rei João da França foi um bom cavaleiro, e se a quarta parte de seus homens tivessem feito como ele, o dia seria para eles; mas não foi assim que fizeram.³⁴⁰

Mas as consequências seriam trágicas para o reino da França, pois as sucessivas derrotas militares causariam uma crise na França. Além do que, seu rei havia feito prisioneiro, endividando a coroa com o pagamento do resgate. *“E lá foi morta toda a flor da cavalaria da França, onde o reinado foi duramente enfraquecido e posto em grande miséria.”*³⁴¹. Por outro lado, o reino inglês se firmava definitivamente como uma potência militar no Ocidente Medieval.

³⁴⁰ *“Ce lundi fut la bataille des François et des Anglois asséz pres de Poitiers moult dure et forte. Et y fut le roy Jehan de France tresbon chevalier, et se la lulle partie de ses gens le eussent ressemblé la journee eust esté pour eulx; mais il n’avint mie ains.”* Idem, Fol. 174r.

³⁴¹ *“Et fut la mort toute la fleur de la chevallerie de France, dont le royaume fut durement affoibli et en grant misere.”* Idem, Fol. 178r.

Conclusão

Ainda que a guerra assale a humanidade desde os primórdios, o medo se mistura ao fascínio que ela exerce sobre as pessoas e isso se deve talvez às suas proporções. Esse teatro da vida real também fascinou o cronista francês Jean Froissart. Nesta dissertação, buscamos analisar sua narrativa, os acontecimentos nela narrados e ser sensíveis ao sentimento do cronista a respeito do que viu e do que ouviu falar.

Exploramos um contexto que difere do nosso e, pela alteridade, tentamos conhecê-lo. O ideal cavaleiresco sempre propalado em Jean Froissart está presente em suas crônicas, mas não de forma imutável, pois o cronista atesta transformações no palco das contendas. Com o objetivo de entender melhor quem foi o cronista e quais os principais pontos que influenciaram sua escrita, analisamos durante um primeiro momento a trajetória deste indivíduo e trechos de suas obras. Isso possibilitou ressaltar quais eram as intenções por trás de sua narrativa, bem como os métodos que empregou para compô-la, dotando seus livros de emoção e impetuosidade no que toca aos feitos de armas dos nobres cavaleiros. Os atores deste palco complexo que foi o século XIV e a descrição dos seus comportamentos são elementos do tempo de transformações que viviam. As características próprias do cronista nos permitem uma exploração muito rica daquilo que ele relatava, dada a quantidade de detalhes que compõem a prosa, algo que não só torna mais vívido o relato, mas apresenta uma descrição com mais aspectos que podem ser explorados.

Froissart narrou os feitos da cavalaria e os atos heroicos de um rei, Eduardo III da Inglaterra, que fortalecia sua representação como cavaleiro. Pôs em prosa a narrativa de participantes dos conflitos, mas, sobretudo, apresentou-nos o palco da guerra, que foi muito impactante para os reinos de Inglaterra e França logo no início da Guerra dos Cem Anos. Buscamos estudar duas batalhas de grandes proporções no texto e no contexto: Crécy (1346) e Poitiers (1356), que revelam transformações na cultura militar dos reinos beligerantes no século XIV.

Embora as batalhas fossem raras nesse período, pois o mais sábio era evitar um conflito que causasse perdas aos lados envolvidos, elas eram sem dúvida almeçadas por generais de guerra.³⁴² No caso do rei inglês Eduardo III, ele possivelmente buscava um embate dessa proporção, pois estava confiante em seu esquema defensivo, caso pudesse lutar sob seus próprios termos. Dessa maneira, provocar o inimigo numa *chevauchée* e

³⁴²AYTON, Andrew; PRESTON, Philip; *et al.* (2005). *The Battle of Crécy (1346)... Op. Cit.* p. 12.

incitá-lo a reunir suas tropas para dar um golpe decisivo, pela vitória de um combate, seria de extrema eficácia nesse jogo político.

O caso da Batalha de Crécy foi algo sem precedentes entre as duas facções envolvidas. Embora outros confrontos tivessem contrapostos os reis franceses e ingleses, principalmente durante os reinados de Henrique II da Inglaterra e Felipe Augusto da França, nunca dois reis desses reinos protagonizaram um embate tão intenso quanto este.

As consequências da batalha, do ponto de vista de conquistas físicas, não foram tantas para o rei inglês. No entanto, o impacto psicológico no esquema militar baseado na cavalaria como foco principal do combate foi grande para os dois lados: o francês, obviamente pela derrota provocada pela presença, no outro lado, dos arqueiros, um corpo militar que não seguia códigos cavaleirescos; do lado inglês, a comprovação de que esses combatentes seriam necessários e eficientes na guerra por auxiliarem o combate e as estratégias da nobreza cavaleiresca dos britânicos. Ou seja, os ingleses se utilizariam de táticas anti-cavaleirescas para buscar glórias que se qualificam como heroicas e cujo elemento central é o rei, um cavaleiro. Um impacto que sem dúvida aponta uma profunda transformação na cultura militar do Ocidente Latino e que assinalava a necessidade de reinvenção da mentalidade cavaleiresca dentro desse espaço. Não se pode dizer que a cavalaria enfrentaria seu fim, mas estaria cara-a-cara com a necessidade de se transformar para continuar presente. Froissart foi intérprete desse contexto e dessas transformações.

Ainda no campo psicológico, Crécy daria gás às aspirações de Eduardo III para seguir guerreando por seu direito ao trono francês. Essa vitória alçaria o moral das tropas e elevaria o conceito do rei inglês dentro do reino, permitindo novos esforços e campanhas dentro do continente.

Eduardo de Woodstock, o Príncipe Negro, cavalgaria a partir das terras inglesas que tinham feito parte do reino francês. Ainda como provocação e com o objetivo de devastar as terras, tinha em sua tática o corpo de arqueiros que já fazia parte do modo inglês de combate, tão quanto da própria identidade deste povo, como vimos no capítulo 2. Mas isso aponta para o fato de que havia uma sequência nessa postura bélica dos ingleses, que não havia sido algo pontual, mostrando que a transformação no ideal cavaleiresco já era evidente. Froissart ressalta a preocupação dos franceses com a presença dos arqueiros e as tentativas de se lidar com eles dentro do campo de batalha. Mas, ainda assim, os cavaleiros ingleses lutam comandados por uma figura real

vitoriosa no combate de Crécy - e grande cavaleiro- o príncipe inglês, que encarna os ideais de seu pai, e que, dentro de um jogo de imagens régias, representa a continuidade dos ideais do reinado de Eduardo III. O Príncipe Negro obtém a vitória e reafirma a supremacia, em grandes proporções, do reino inglês por meio da guerra.

Um dos aspectos que qualificou a utilização de arqueiros nas hostes como uma vantagem sobre investidas de cavalaria foi o fato de que a rede de relacionamentos entre os nobres, que dava força e consistência aos ataques dentro de um combate, era extremamente vulnerável a uma chuva de flechas. A formação triangular ou em linha pela qual a carga de cavalaria quebrava as linhas inimigas era completamente sacudida e desfeita com tiros de flecha. Muitas vezes, uma simples brecha significava a falha da investida dos cavaleiros, tão treinada e manobrada dentro de torneios e caçadas. Como apontado no capítulo 3, uma vez que a carga foi neutralizada, o impacto psicológico aterrorizante de homens a cavalo, marchando lado-a-lado em grande velocidade e causando o maior barulho possível contra um inimigo que não podia fazer nada a não ser aguardar o impacto, seria significativo... No entanto, o que acontecia era o contrário! Seriam os cavaleiros que marchariam contra uma chuva de milhares de flechas que poderiam penetrar nas frestas ou dobras da armadura, derrubar o cavalo ou causar um impacto desconcertante no seu alvo.

Apesar de termos discutido o quão “anti-cavaleiresco” era o uso maciço de arqueiros no exército, não vemos a representação daquele que os empregou, pelo menos em nenhum momento das crônicas de Jean Froissart, em desmerecimento ou desqualificação por ter se utilizado desse método, mas o reforço de sua glória pela vitória ter sido de maneira singular. Sendo assim, a figura cavaleiresca de Eduardo III cresceu por ter se utilizado de uma nova tática de batalha, que acrescentaria aos guerreiros mais chances de se obter a vitória.

Froissart foca mais no sucesso de Eduardo III e não deixa de lado o método que utilizou. O rei trazia novamente glórias à coroa inglesa por meio de bons resultados militares sobre seu inimigo. Para um rei, uma figura cavaleiresca ideal, vitórias militares engrandeceriam o seu perfil. Vitórias de grande impacto, como as de Poitiers, e até posteriormente a de Agincourt, sob os mesmos termos, reforçaram o papel político dos monarcas ingleses e legitimaram seus reinados. Como vimos no capítulo 2, as imagens dos reis precedentes a ele seriam como espectros em seu reinado, principalmente as relativas ao seu pai, Eduardo II, um rei que sofreu derrotas frente aos escoceses e que esteve sob constantes turbulências em seu governo, principalmente no que se refere à

nobreza. Eduardo III apaziguaria os ânimos com a nobreza em seu reinado e, com a criação da Ordem da Jarreteira, restauraria o respeito de condes e duques para com sua figura. Ao reforçar sua supremacia militar frente a reinos vizinhos, aproximar-se-ia muito mais aos nobres e conquistaria o apoio deles para governar. Assim, do campo militar, o rei estendeu sua autoridade para o campo cultural e consolidou sua representação política. Com a Ordem da Jarreteira, Eduardo se assemelharia ao lendário Rei Artur e seus cavaleiros auxiliariam o rei a fortificar a supremacia inglesa no Ocidente Latino.

O século XIV, que a historiografia qualifica como um período de diversas mudanças nos campos sociais, econômicos e políticos, é o momento em que a instituição cavaleiresca luta para continuar existindo. O rei, encarnando um cavaleiro ideal, transforma-se junto com ela, incorporando novos elementos no modo de combater e adapta-se ao cenário bélico que forçava uma nova postura para obter vitórias. Mais do que isso, o rei tem a intenção de que seu filho dê sequência a essa postura. Eduardo III permite que o Príncipe Negro “tenha distinção” dentro do campo de batalha, como Froissart nos aponta na batalha de Crécy, e que dê continuidade aos seus feitos cavaleirescos.

A instituição cavaleiresca – seus códigos, costumes e aspirações – ainda permaneceria por mais séculos dentro das cortes do Ocidente Europeu. Mas esse momento compilado por Froissart foi decisivo para que ela própria se transformasse e continuasse fazendo parte da cultura europeia. Por outro lado, a figura real também sofria transformações, ela colaborava para que a instituição perdurasse, mas caminhava em direção à consolidação do perfil de um indivíduo exemplar no seio do reino, que demonstrava, principalmente, a encarnação de seu poder político.

BIBLIOGRAFIA:

Fontes:

“Amiens BM, ms. 486” Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014]

Besançon, Bibliothèque municipale, MS 864”, Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014]

“Paris BnF f fr mss 6477-79” Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014].

“Città del Vaticano Reg. lat. 869” Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, versão 1.5 (Sheffield: HRIOline, 2013), <<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart>> [acesso em 10/09/2014].

LE BEL, *Le Vrayes Chroniques*. Bruxelas: F. Heussner, 1863.

LE BEL. *Chronique, tome second*. Paris: Société de l’Histoire de France, 1905.

ROSCOE, Thomas. *The life of William the Conqueror*. Londres: Henry Colburn, 1846.

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WACE, Robert. *Roman de Rou*. Heilbronn: Gebr Hennionger, 1879.

Bibliografia consultada:

AINSWORTH, Peter. *Jean Froissart: Chronicler, Poet and Writer*. Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, v. 1.5 (Sheffield: HRIOline, 2013), acesso em 15/09/1014.

_____. *Style Direct et Peinture des Personnages chez Froissart..* Paris: Romania, Revue trimestrielle, tome 98, 1972.

ALLMAND, Christopher. *The War in the Fourteenth Century*. Em *The Online Froissart*, ed. by Peter Ainsworth and Godfried Croenen, v. 1.5 (Sheffield: HRIOline, 2013), acesso em 15/09/1014.

AURREL, Martin. *L’empire des Plantagenêt*. Comstock Park, (Estados Unidos): Perrin, 1984.

AYTON, Andrew; PRESTON, Philip; et al. (2005). *The Battle of Crécy (1346)*. Woodbridge, Inglaterra: Boydell Press, 2005.

BARBER, Richard. *Edward, Prince of Wales and Aquitaine: a biography of the Black Prince*. Londres: Allen Lane, 1978.

_____. *Edward III and the Triumph of England*. Londres: Penguin Global, 2014.

BARLOW, Frank. *The Feudal Kingdom of England, 1042–1216*. Harlow, (Reino Unido): Pearson Education, 1999.

BROWN, Elizabeth A. R. *The Political Repercussions of Family Ties in the Early Fourteenth Century: The Marriage of Edward II of England and Isabelle of France*. *Speculum* n°63, 1988.

- CHAREYRON, Nicole. *Jean le Bel. Le maître de Froissart, grand imagier de la guerre de Cent Ans*. Bruxelas: De Boeck-Université, Bibliothèque du Moyen Age, n° 7, 1996.
- CROENEN, Godfried. *The reception of Froissart's Writings in England: the evidence of the manuscripts*. In: Jocelyn Wogan-Browne, *Language and Culture in Medieval Britain THE FRENCH OF ENGLAND c.1100–c.1500*. York: Medieval Press, 2009.
- DEVRIES, Kelly. *The English in the southern Low Countries During the Fourteenth Century: the Medieval "Belgian" Perspective*. In: VILLALON, L.J. Andrew; KAGAY, Donald J.; *The Hundred Years War (Part III)*. Boston, Estados Unidos: Brill, 2013.
- DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. Lisboa: Teorema, 1989.
- _____. *A Idade Média na França: (987-1460) : de Hugo Capeto a Joana d'Arc*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.
- _____. *Guilherme Marechal, ou, O melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- _____. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FLORI, Jean. *A Cavalaria – As Origens dos Nobres Guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005.
- GUÉNÉÉ, B. *Histoire et culture historique dans l'Occident médiéval*, Paris: Aubier, 1980.
- GUIMARÃES, Marcella Lopes . *Crônica de um gênero histórico*. Revista Diálogos Mediterrânicos, v. 1, 2012.
- _____. *Aljubarrota e as vozes que fundam a lembrança*. in GUIMARÃES, Marcella Lopes (org). *Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais*. Curitiba: Editora UFPR, 2013.
- _____. *Estudo Das Representações De Monarca Nas Crônicas De Fernão Lopes (Séculos Xiv E Xv) - O Espelho Do Rei: "Decifra-Me E Te Devoro"* Tese no Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Profª. Dra. Fátima Regina Fernandes, 2004.
- HARDY, Robert. *The Battle of Neville's Cross, 1346*, editado por David Rollason e Michael Prestwich Stamford, Reino Unido: Shuan Tyas, 1998.
- KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís. Biografia*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2002.
- LEWIS, P.S. *La France à la fin du Moyen Age*. Paris: Hachette, 1977.
- MCKISACK, M. *The Fourteenth Century: 1307–1399*. Oxford: Oxford University Press, 1959.
- MONTEIRO, João Gouveia. *Aljubarrota 1385. A batalha real*. Lisboa: Tribuna da História, 2003.
- _____. *Entre Romanos, Cruzados e Ordens Militares: Ensaio de História Militar Antiga e medieval*. Coimbra: Salamandra, 2010.
- MORTIMER, Ian. *The Perfect King: The Life of Edward III, Father of the English Nation*. London: Jonathan Cape, 2006.
- _____. *"Sermons of Sodomy: A Reconsideration of Edward II's Sodomitical Reputation"*. In DODD, Gwilym; MUSSON, Anthony. *The Reign of Edward II: New Perspectives*. Woodbridge, (Reino Unido): York Medieval Press, 2006.
- NORGATE, Kate. *England under the Angevin Kings*. Nova York: Haskell House, 1969.

- O'CONNEL, Robert L. *História da Guerra. Armas e homens. Uma história da guerra, do armamento e da agressão*. Lisboa: Teorema, 1979.
- PHILLIPS, Seymour. *Edward II*. New Haven, (Estados Unidos): Londres: Yale University Press, 2011.
- PLANT, John S. *The Tardy Adoption of the Plantagenet Surname. Nomina* Volume 30, 2007.
- PRESTWICH, Michael. *Edward I*. New Haven, (Estados Unidos): Yale University Press, 1997.
- PRESTWICH, Michael. *Plantagenet England: 1225–1360*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- POWICKE, F. M. *The Thirteenth Century, 1216–1307 (2ª ed.)*. Oxford, (Reino Unido): Clarendon Press, 1962.
- RICOEUR, Paul. *Tempo de Narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SEWARD, Desmond. *A Brief history of 'The Hundred Years War*. Londres: Robinson, 2003.
- SILVA, Victor Deodato da. *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média*. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. Itatiaia: EDUSP, 1990.
- SUMPTION, Jonathan. *The Hundred Years' War: Vol. 2: Trial by Fire*. Londres: Faber, 2001.
- TURNER, Ralph V.; HEISER, Richard R, *The Reign of Richard Lionheart, Ruler of the Angevin empire, 1189–1199*, Harlow (Reino Unido): Longman, 2000.
- VALE, Malcolm. *The Origins of the Hundred Years War. The Angevin Legacy 1250-1340*. Oxford: Clarendon, 1996.
- VERGER, Jacques. *Homens e Saber na Idade Média*. Bauru: Edusc, 1999.
- VINCENT, Nicholas. *A Brief History of Britain 1066 – 1485*. Londres: Robinson, 2011.
- WADGE, Richard. *Archery in Medieval England: Who Were the Bowmen of Crecy?* Brimscombe, Reino Unido: 2012.
- WARREN, W. Lewis. *King John*. Londres: Methuen, 1991.
- WILSON, Derek. *The Plantagenets. The Kings that made Britain*. Londres: Quercus, 2011.
- ZINK, Michael. *Froissart et le temps*. Paris: P.U.F, 1998.

Sites:

<http://www.hrionline.ac.uk/onlinefroissart/index.jsp>.

<http://www.atilf.fr/dmf/>

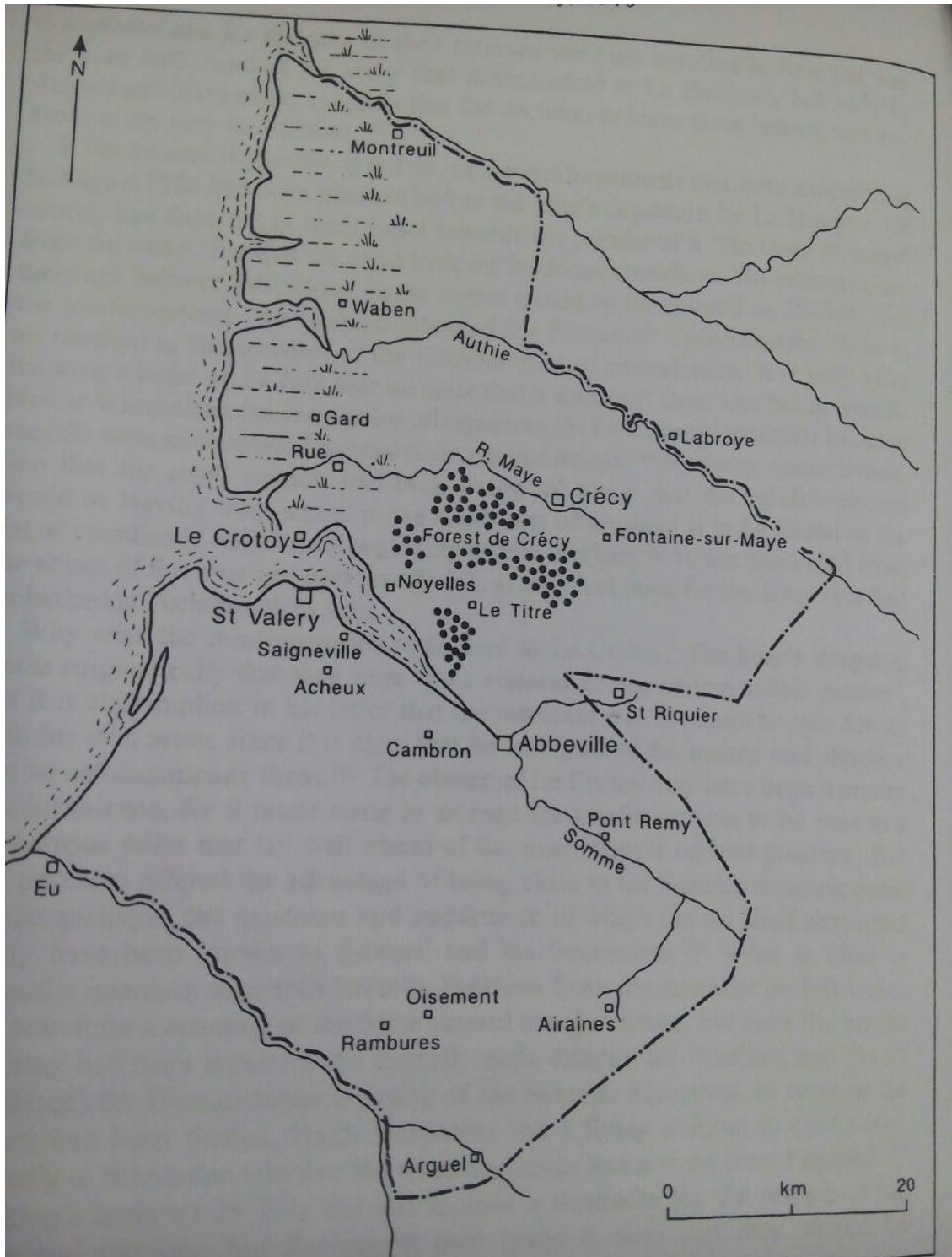
<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/302146/Jean-Le-Bel>

Anexos:**Anexo 1: Mapa dos domínios do império Angevino:**

Em cinza, os domínios de Henrique II em 1172. Em pontilhado, o território correspondente a uma hegemonia política de aliados do rei inglês.

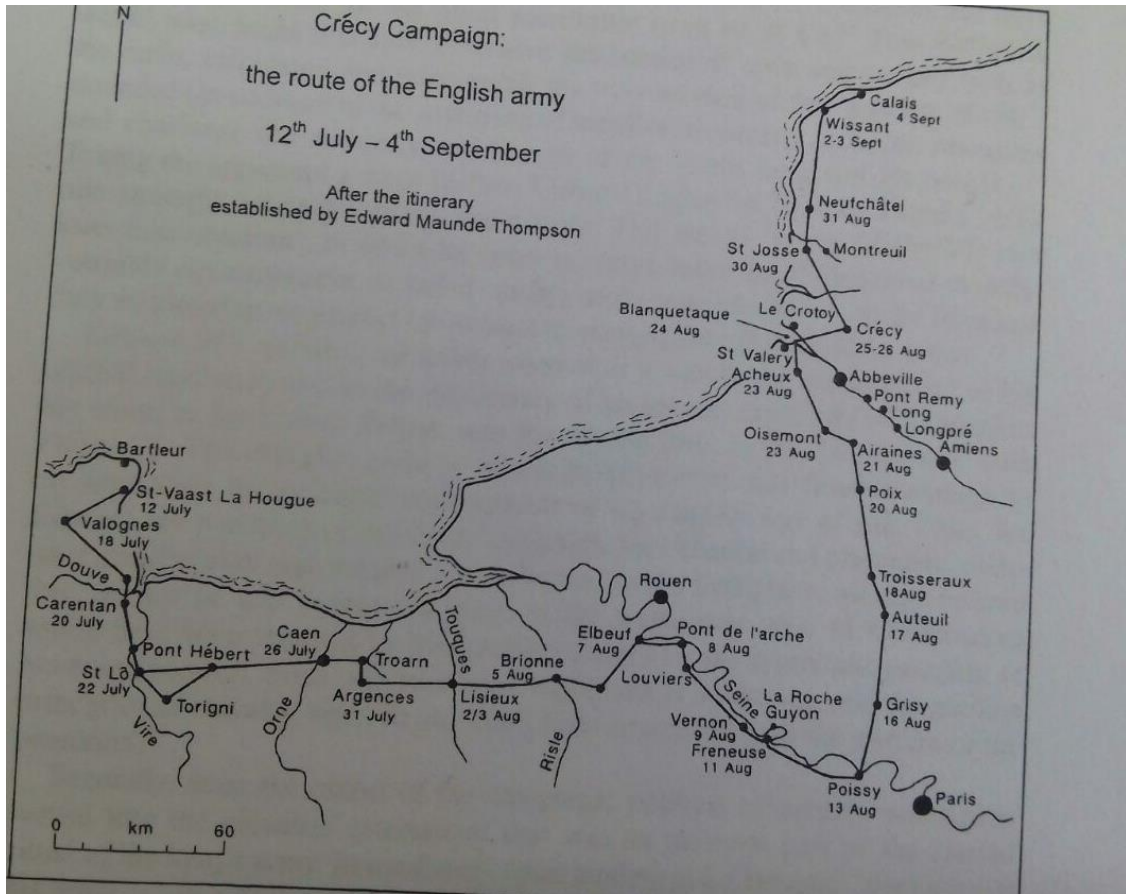
Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3d/Henry_II%2C_Plantagenet_Empire.png

Anexo II – Mapa da região de Ponthieu, onde ocorreu a Batalha de Crécy (1346)



AYTON, Andrew; PRESTON, Philip; *et al.* (2005). *The Battle of Crécy (1346)*. Woodbridge, Inglaterra: Boydell Press, 2005. P. 74.

Anexo III – Mapa da campanha de 1346



AYTON, Andrew; PRESTON, Philip; *et al.* (2005). *The Battle of Crécy (1346)*. Woodbridge, Inglaterra: Boydell Press, 2005. P. 2